

# TEIAS DA SAUDADE

Orkut, narrativas visuais  
e regeneração da memória  
em São Rafael-RN

Francisco das Chagas Silva Souza



Natal, 2011

Francisco das Chagas Silva Souza

# TEIAS DA SAUDADE

Orkut, narrativas visuais e regeneração da memória  
em São Rafael-RN

**IFRN**  
Editora ■■■■

2011

Presidenta da República **Dilma Rousseff**  
Ministro da Educação **Fernando Haddad**  
Secretário de Educação Profissional  
e Tecnológica **Eliezer Moreira Pacheco**

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
do Rio Grande do Norte**

Reitor **Belchior de Oliveira Rocha**  
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação **José Yvan Pereira Leite**  
Coordenador da Editora do IFRN **Paulo Pereira da Silva**  
Conselho Editorial **Samir Cristino de Souza (Presidente)**  
**André Luiz Calado de Araújo**  
**Dante Henrique Moura**  
**Jerônimo Pereira dos Santos**  
**José Yvan Pereira Leite**  
**Valdenildo Pedro da Silva**

Todos os direitos reservados

Divisão de Serviços Técnicos. Catalogação da publicação na fonte.  
Biblioteca Sebastião Fernandes (BSF) – IFRN

S729t Souza, Francisco das Chagas Silva.

Teias da saudade : Orkut, narrativas visuais e regeneração da  
memória em São Rafael-RN / Francisco das Chagas Silva Souza. –  
Natal : IFRN, 2011.

140p. : il.

ISBN 978-85-8161-005-4

1. Memória em rede. 2. Topofilia – São Rafael-RN. 3. Réquiem –  
São Rafael-RN. 4. São Rafael-RN - História. I. Título.

CDU 913(813.2)

**EDITORAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA**

Charles Bamam Medeiros de Souza

**REVISÃO ORTOGRÁFICA**

Marinézio Gomes de Oliveira e Lúcia Maria de Lima Nascimento

**CONTATOS**

Editora do IFRN

Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol. CEP: 59015-300

Natal-RN. Fone: (84) 4005-0763

Email: editora@ifrn.edu.br

# Sumário

PREFÁCIO	6
APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9
MEMÓRIAS EM REDE	22
1. Topofilia da velha São Rafael	32
2. Festas, comemorações e outros eventos na antiga São Rafael	50
3. Réquiem para a velha São Rafael	74
4. A cidade desejada	88
MEMÓRIAS REJUVENESCIDAS	111
EPÍLOGO	124
REFERÊNCIAS	128

# Memória

**Carlos Drummond de Andrade**

*Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.*

*Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do não.*

*As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.*

*Mas as coisas findas  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.*

# PREFÁCIO

Neste livro, o Orkut funciona como operador simbólico da memória de São Rafael, município do Rio Grande do Norte, inundado pelas águas da barragem Engenheiro Armando Ribeiro Gonçalves, integrante do projeto Baixo-Açu, que englobou vários municípios da região. Originalmente tese de doutoramento em Educação da UFRN, sob orientação de Conceição Almeida, agora convertida em livro, estas Teias da Saudade são uma prova cabal dos intrincados processos que envolvem a recuperação do tempo.

As informações obtidas pelo autor foram coletadas em dois momentos distintos: entrevistas com os antigos moradores da “velha” e com jovens nascidos na “nova” São Rafael; um conjunto iconográfico composto por fotografias e vídeos inseridos na comunidade virtual do Orkut sobre o município constitui um segundo momento.

Sua interpretação dessa fonte midiática como documento histórico é inovadora, polêmica, desafiadora. A história deixa de ser vista como uma narrativa linear ou exclusivamente consciente, para converter-se num complexo processo em que real e imaginário, virtual e imagético se entrelaçam mutuamente.

Como forma de recuperação do tempo, o Orkut transforma-se não apenas num espaço virtual da nostalgia; ajuda, também, a resgatar a pulsão da memória voluntária e involuntária, cuja função seria expressa por vertentes opostas e, ao mesmo tempo, complementares: o desejo de um retorno ao passado, o anseio de congelar a irreversibilidade do tempo, a utopia de um futuro sustentável são alavancas interpretativas que o autor aciona com deliberação e coragem.

São Rafael jamais será congelada num passado imemorial nem num presente estático; a cidade jamais se esquecerá da violência real e simbólica de se ver inundada por uma represa cuja função era fundada numa discutível concepção de desenvolvimento e progresso. A cidade usufruiu poucos benefícios desse empreendimento, fato que se repete em tantas áreas nas quais as águas são fonte de destruição de povos e culturas. O que resta, então, é a reconstrução de uma polifonia irreversível de imagens da vida cotidiana, cuja preservação é crucial para as gerações atuais e futuras.

Edgard de Assis Carvalho, Novembro 2011.

# APRESENTAÇÃO

Da mesma forma que não há apenas uma história, também não existe um único modo de contá-la. Podemos falar sobre as nossas vidas e as do nosso grupo social por vários meios. Se as formas mais antigas são a oralidade e a escrita, hoje, a esses dois suportes da memória e da história, vêm se juntar as redes sociais que, pela internet, constroem e reconstroem narrativas, histórias de vida, memórias e identidades.

Este livro não pretende narrar uma história utilizando-se de documentos tradicionalmente manipulados pelos historiadores. Ele nasce da minha pesquisa de Doutorado em Educação, na UFRN, e tem como principal fonte as imagens e comentários postados na rede social Orkut por uma população que luta para manter vivas as suas experiências de vida numa cidade que desapareceu. Estou falando de São Rafael, um município localizado no semiárido do Rio Grande do Norte, condenado a submergir nas águas da barragem Eng<sup>o</sup> Armando Ribeiro Gonçalves, em princípios da década de 1980, quando da execução de uma política de desenvolvimento para o Nordeste.

Passados quase trinta anos, uma parte da população de São Rafael resolveu substituir caneta e papel por escâner e teclado para tecer uma memória coletiva com os fios da saudade que as fotografias antigas da velha cidade trazem à tona. Eis mais uma forma de regenerar a memória, além das narrativas orais e escritas, e não perdê-la ao se dissipar nas brumas do esquecimento.

A pesquisa que resultou nesse livro não teria sido possível sem a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria da Conceição Xavier de Almeida e as prestimosas colaborações de rafaélenses que nos esclareceram dúvidas e atenderam prontamente à minha solicitação de entrevista, dentre os quais destaco Richardson Rodrigo Cortez Barros, criador do Orkut de São Rafael.

A tarefa de rever o texto final desse livro coube aos amigos e colegas de trabalho, os professores Marinézio Gomes de Oliveira e Lúcia Maria de Lima Nascimento, ambos sempre muito solícitos aos meus pedidos. A eles agradeço.

Agradeço ainda ao Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela gentileza em aceitar o meu convite para prefaciar esse livro, o que muito me honra.

Também não poderia deixar de agradecer ao GRECOM – Grupo de Estudos da Complexidade – da UFRN, pela socialização do conhecimento nas reuniões de estudo. Esse livro faz parte das comemorações dos vinte anos de criação desse grupo.



# INTRODUÇÃO

Em meados da década de 1970, uma notícia quebra a rotina e a calma de algumas cidades do semiárido potiguar: os meios de comunicação divulgavam que, finalmente, depois de muitos estudos e especulações, o Governo Federal resolvia executar o Projeto Baixo-Açu<sup>1</sup> e construir a barragem Eng<sup>o</sup> Armando Ribeiro Gonçalves, que, com uma capacidade de acumular 2,4 bilhões de metros cúbicos de água, seria a maior do Nordeste e atingiria áreas dos municípios de Jucurutu, Açu, Santana dos Matos, Ipanguaçu e São Rafael.

Essa represa, a exemplo de algumas que foram construídas na mesma época, fazia parte da antiga política das águas e visava “acabar com o atraso” do Nordeste através do armazenamento desse líquido. Dessa forma, o Governo brasileiro e seus técnicos julgavam combater a seca e a fome no semiárido, além de trazer o desenvolvimento e o progresso tecnológico para uma região vista como sinônimo de subdesenvolvimento.

A novidade sobre a construção da barragem no Vale do Açu trazia mais preocupações que esperanças para a região, principalmente para o município de São Rafael, que seria inundado pelas águas do reservatório e a sua população seria instalada numa nova cidade, construída pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), nos primeiros anos da década de 80.

Além de poucas, as informações sobre o Projeto Baixo-Açu não chegavam a todos. Isso acirrava ansiedades, dúvidas e insatisfações em todos os segmentos da sociedade, exigindo que surgissem formas de *tranquilizar* a população do Vale, sobretudo a de São Rafael. Iniciam-se, assim, as visitas de políticos e de representantes do governo, as reuniões com a população, as matérias na imprensa local e estadual. Em contraposição, intelectuais, políticos, poetas populares, membros da Igreja, organizações

---

1 É comum a palavra Açu aparecer também grafada como Assu e Assú. Nesse livro, ela será escrita com Ç, uma vez que, de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa, prescreve-se o uso dessa letra para palavras de origem tupi (*Taba-Açu*, Aldeia Grande), como também não se acentuam oxítonas terminadas em *U*. Mesmo com tais recomendações normativas da nossa língua vernácula, *Assú* é a forma como está grafado atualmente o nome do município, embora o Ç seja utilizado pelos órgãos federais, como o IBGE.

de trabalhadores rurais, também se envolveram no debate com o intuito de *conscientizar* a sociedade local quanto aos efeitos do projeto. Eram grandes as dissensões entre esses grupos: ao passo que uns apresentavam as vantagens que a barragem traria para o Vale, inclusive, com a edificação de uma cidade totalmente saneada; outros denunciavam as desapropriações de formas indevidas, a extinção de atividades econômicas tradicionais, o estímulo ao êxodo rural. O cenário político nacional da época – princípios da década de 1980 – fortalecia a oposição.

Apesar das constantes mobilizações, a grande barragem foi edificada e, em 1983, inaugurada com presença de importantes políticos potiguares e até do Presidente da República à época, João Batista de Figueiredo. Estes, entusiasmados, anunciavam, em seus discursos, o nascimento de uma nova história junto àquele mar de água doce. Uma história em que o sofrimento trazido pelas secas e pelo arcaísmo característico da região era coisa do passado.

Porém, os discursos não davam conta do drama vivido por milhares de famílias da região, especialmente em São Rafael, que perderam os seus estilos de vida e os seus meios de subsistência: a agropecuária às margens do rio Piranhas, o extrativismo vegetal, o artesanato, as extrações da xelita e de mármore. Muitos tiveram que partir para a nova cidade, ou para outras, quebrando laços de parentesco e de vizinhança. Precisavam se adaptar a uma nova situação em que, infelizmente, o sofrimento não lhe foi riscado e a saudade tornava-se uma companheira inseparável.

Essa parte da “nova história” daquela população me despertou interesse, tornando-se objeto de minha pesquisa de doutorado em Educação, na UFRN, na linha de pesquisa *Estratégias de pensamento e produção do conhecimento*, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria da Conceição de Almeida.

Um leque de questões se abria: como os moradores da antiga São Rafael rememoram o fato que mudou as suas vidas há mais de duas décadas? De que forma representam o passado e como percebem sua situação presente? Considerando que memória, no sentido básico do termo, é a presença construída do passado, como os rafaenses tornam presente o passado de sua cidade?

Como ocorre em qualquer pesquisa, fiz inicialmente um levantamento

bibliográfico sobre o Projeto Baixo-Açu e as consequências dele para o município de São Rafael. É óbvio que não se tratava de inventariar todas as pesquisas que elegeram essa temática como objeto, pois são muitas<sup>2</sup>. Realizada essa “revisão de literatura”, resolvi restringir a pesquisa às histórias de vida dos moradores de São Rafael. Para tanto, entrevistei rafaélenses que viveram na cidade hoje submersa e ouvi deles narrativas sobre um “tempo bom”, de farturas, que chegou ao fim com a construção da barragem. Lágrimas, revoltas e denúncias caracterizaram esses relatos.

Posteriormente, realizei entrevista coletiva com alguns jovens que nasceram na nova São Rafael. Os diálogos que obtive com esses grupos de pessoas deixavam emergir suas concepções de vida, suas avaliações quanto ao passado e projeções de um futuro. O objetivo era entender como aquela população reconstrói as suas memórias e transmitem-na às gerações mais novas, informalmente, em meio a conversas e momentos de descontração<sup>3</sup>.

A princípio, a pesquisa se limitaria a essas narrativas e posterior análise de seus conteúdos. Entretanto, com o decorrer do tempo, percebi o crescimento de uma outra fonte que viria a ser de grande relevo para o estudo da memória coletiva em São Rafael. Refiro-me ao *Orkut*. A cada dia, tomava vulto o volume de fotografias e comentários postados num perfil criado para a cidade, nessa rede social, em 2008. Tal fato despertou-me o interesse de utilizá-lo como fonte, juntamente com os relatos orais gravados nas entrevistas. A alteração nos planos deu-se pelo fato de que, com base nas reflexões de Edgar Morin (2005a; 2008a; 2008b), corroboradas por Almeida (2009a), compreendo o método como estratégia e não como um programa *a priori*, um conjunto de etapas a ser vencido.

Pensar o método como estratégia é ser flexível às necessidades de mudanças que surgem e exigem redirecionamentos do olhar, mudanças de hipóteses, reorganização de ideias, adaptação ao novo. É vê-lo como um caminho que é feito ao caminhar, conforme um trecho de um famoso

---

2 Sobre o Projeto Baixo-Açu, considero merecedores de destaque os estudos de VARGAS (1987a; 1987b; 1991), as pesquisas realizadas pelo Nut-Seca, da UFRN, e as obras publicadas por BONETI (2003), FERNANDES (1992), GOMES DA SILVA (1992) e VALÊNCIO (1995). Com relação à cidade de São Rafael, encontramos, além de algumas pesquisas de conclusão de cursos de graduação – COSTA (1981), RIBEIRO (1996), SOUZA (2001) –, os trabalhos de COSTA (1998; 2010) e CARVALHO (1999).

3 Essas narrativas encontram-se reproduzidas – algumas, na íntegra – no texto da tese, intitulado *Escafandristas do tempo: narrativas de vida e regeneração da memória em São Rafael-RN* (SOUZA, 2010).

poema do poeta espanhol Antonio Machado (1875-1939): “*Caminhante, não há caminho, o caminho é feito ao andar*”. Entendo que toda pesquisa tem a sua trajetória construída passo a passo e está sujeita a bifurcações, retroações, desvios e recursões.

É das narrativas visuais e escritas, presentes no perfil de São Rafael, no Orkut<sup>4</sup>, que esse livro irá tratar. Discutirei como a população dessa cidade, ou uma parte dela, lembra o passado e constrói uma memória coletiva por meio desse suporte. O argumento central defendido nessas páginas é que o *orkut de São Rafael* tem contribuído, em conjunto com outros meios, para a regeneração da memória dessa cidade. Exponho tal consideração nos parágrafos seguintes e no decorrer desse livro, principalmente nos últimos capítulos.

No período de 2008 a 2010, ao observar continuamente o *Orkut de São Rafael*, verifiquei um grande crescimento do número de participantes (os “amigos”, no jargão dessa rede social), de depoimentos e de imagens disponíveis naquele sítio. Em vista disso, passei a estabelecer um contato com o criador desse *orkut*, Richardson Rodrigo Cortez Barros, tanto por meio de visitas quanto virtualmente, por meio de mensagens eletrônicas.

O *orkut de São Rafael* foi criado para reunir conterrâneos e pessoas simpáticas àquela cidade, para apresentar o seu potencial turístico, mas também para conversas informais entre amigos, como em qualquer outro perfil nessa rede social. Aos poucos, esse espaço virtual passou a ser constantemente visitado por pessoas que habitaram na velha São Rafael ou que migraram dali, seja na época da construção da barragem, seja depois da instalação na nova cidade. Por tal motivo, muitos *amigos* de São Rafael falam da sua história, disponibilizam fotografias e filmes, reforçam os laços societários e projetam um futuro melhor para os seus conterrâneos.

Mesmo que grande parte dos vídeos e das fotografias seja de assuntos não propriamente relacionados à memória e à história da cidade, um número relevante das imagens disponibilizadas no *orkut de São Rafael*

---

4 Embora pareça óbvio, acho importante salientar que há uma diferença entre *Orkut* e *Perfil*. Enquanto o *Orkut* é a rede social *on line*, o *Perfil* é a área criada no *Orkut*, preenchida com os dados pessoais, como álbuns de *fotografias*, *idade*, *interesses* e outros *detalhes* que podem ou não serem disponibilizados a todas as pessoas que o acessem. Apesar dessa distinção, é comum as pessoas referir-se ao *Perfil* como se fosse o próprio *Orkut*, daí porque doravante usarei o termo “orkut de São Rafael” sempre que me referir ao perfil dessa cidade.

age no sentido de *descongelar*<sup>5</sup> o tempo. Como se fossem portais para o passado, vários álbuns mostram fotografias em preto e branco ou coloridas e, como muitas delas não têm dados importantes como a identificação daquelas pessoas que posam nas fotos, alguns filiados àquele orkut acrescentam essas informações. Estão acessíveis imagens de cenas do cotidiano, de ruas e prédios, de festas (da padroeira, de carnavais, de São João, de desfiles cívicos), de diversões no rio e na *prainha* (o local da antiga cidade), de paisagens naturais, da história política da cidade. Exibem-se também, mesmo que de forma tímida, alguns momentos tristes, como as mudanças para a nova cidade e a chegada das águas às portas da igreja. As imagens contam a história da velha São Rafael e rememoram as vidas dos seus moradores. Não faltam comentários, reencontros, manifestações de amor à terra natal, lembranças dos tempos vividos na antiga cidade, saudosismos, nostalgias.

Mesmo que não tenha como finalidade precípua a evocação de um tempo que se passou há décadas – uma vez que naquele espaço, como qualquer outro do gênero, discute-se de tudo, de festas de fim de semana a jogos de futebol –, o *orkut de São Rafael* representa, para muitos, uma oportunidade de *presentificar* o passado, de “salvar” a sua história, contando-a pelas leituras das imagens, dos comentários das fotografias e dos depoimentos grávidos de saudosismos.

Falar do *orkut de São Rafael* sob tal perspectiva me obriga a fazer uma digressão para tecer algumas considerações sobre a tecnologia da informação e as mudanças que ela tem trazido no interior das sociabilidades no mundo contemporâneo<sup>6</sup>. Exige também o esclarecimento de algumas categorias de análise como memória e fontes históricas<sup>7</sup>.

---

5 A ideia de *descongelamento* do passado por meio das leituras visuais das fotografias é aqui usada com base na tese defendida pela Prof<sup>a</sup> Eugênia M. Dantas, pesquisadora do Grupo de Estudos da Complexidade (Grecom), no seu doutorado em Educação, na UFRN, em 2003.

6 Há várias definições do que seja tecnologia da informação. Trata-se do conjunto de atividades desenvolvidas na sociedade pelos recursos da informática. É a difusão social da informação em larga escala de transmissão a partir desses sistemas tecnológicos inteligentes. (ROCCO in MARCONDES FILHO, 2009, p. 187-188). A ampliação das tecnologias da informação permitiu a criação de neologismos como *ciberespaço*, o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores, e *cibercultura*, o conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999)

7 Os estudos que tratam de memória e de fontes históricas são amplos e, por isso, não daremos conta deles nesse

Um dos efeitos da globalização é a emergência de uma *revolução nas informações*, fato que torna o mundo pequeno e interconectado por vários meios. Mesmo que não cheguem a toda a população do planeta, as informações circulam de maneira a encurtar as distâncias e reduzir o tempo. A internet interliga milhões de computadores e permite aos seus usuários *navegar* pelo mundo e ter acesso aos mais variados temas de interesse. Dada a sua importância, Castells afirma que “a internet é o tecido das nossas vidas” (2004, p. 15).

Para Castells, devido ao seu poder de informação para todas as atividades humanas, a internet se compara hoje em importância com a rede elétrica e o motor elétrico. Ela é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos para muitos em tempo encolhido e em escala global. O número cada vez maior de usuários dessa tecnologia torna-se, para ele, um dado menor em face da influência que ela tem para a sociedade, pois se converteu no centro em que se estruturam as principais atividades socioeconômicas, políticas e culturais do planeta<sup>8</sup>. Por esse motivo, considera que “a exclusão destas redes é uma das formas de exclusão mais grave que se pode sofrer na nossa economia e na nossa cultura” (2004, p. 17).

Com o seu advento, o computador não só permitiu a comunicação entre os indivíduos, mas ampliou-lhes também a capacidade de conexão, possibilitando que redes sejam criadas e expressas nesse espaço. São as chamadas redes sociais on line. A palavra *rede* tem sua origem no latim *retiolus*, e consiste num entrelaçamento de fios, cordas, cordéis, arames, etc., com aberturas regulares, fixadas por malhas, formando uma espécie de tecido. Uma rede é formada por um conjunto de nós e suas conexões. Com base nessa metáfora, podemos dizer que um computador pode ser um dos inúmeros nós em uma rede informática. O que caracteriza uma rede social é justamente o laço social (como amizade ou parceria nos negócios) criado e mantido entre seus participantes (indivíduos, grupos, organizações) (MARCONDES FILHO, 2009, p. 303).

---

espaço. Aos autores destacados nesse texto, gostaria de acrescentar Bosi (2003; 2007), Pinsky (2006) e PINSKY e LUCA (2009).

8 As influências da tecnologia da informação na economia, na sociedade e na cultura, em caráter mundial, são tratadas com grande acuidade por Castells na trilogia *A era da informação*, publicada em diversas línguas, da qual utilizo aqui apenas o primeiro volume, intitulado *A sociedade em rede* (2006).

Para Castells (2004), as redes são formas muito antigas da atividade humana, mas atualmente elas ganharam uma nova vida, ao se converterem em redes de informação, impulsionadas pela *internet*, solucionando o problema da incapacidade de administrar a complexidade para além de um certo tamanho crítico. Ele considera que as redes interativas de informação tornaram-se tanto os componentes da estrutura social quanto os agentes da transformação social: são a morfologia social de nossas sociedades. Por isso, Castells considera justificável falarmos em sociedade rede, nomeando assim a nova estrutura social dominante.

As redes sociais na internet são um fenômeno que interconecta milhares de usuários ao redor do mundo. É sempre crescente o número de indivíduos que têm um perfil e uma comunidade no *Orkut* ou no *Facebook*; publicam suas fotografias no *Fotolog* (abreviação de *Photography log*); enviam mensagens ao *Twitter*; lêem ou produzem um *blog*, vêem ou põem vídeos no *Youtube*, participam de fóruns de grupos de discussão, dentre outros agrupamentos sociais abrigadas pela internet e que a tornam uma rede de redes. Nesses grupos, a relação entre os sujeitos se dá por uma conversa livre e planetária, implicando num fator de reestruturação da vida social, da cultura, da comunicação e da política na sociedade atual.

Poderíamos acrescentar que a disseminação em larga escala das tecnologias da informação altera também as formas pelas quais as sociedades constroem e conservam as suas memórias. No âmbito da historiografia, a *internet* colabora para ampliar o debate sobre o que vem a ser uma fonte para o historiador.

Conforme Le Goff (2003, p. 419), “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. O mundo da memória abrange, portanto, variados campos científicos, como a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia e a psiquiatria. Contudo, esses estudos podem suscitar traços e problemas da memória histórica ou da memória social.

A memória é a nossa primeira e mais fundamental experiência com o tempo. Ela é uma evocação do passado. Por meio dela, o passado se reconstrói e se presentifica. Isso não ocorre de forma mecânica, dada a complexidade da atividade mnemônica do cérebro e do sistema nervoso. Hoje, considera-se como superados aqueles estudos que viam a memória

como um fato puramente biológico, ou seja, como fruto de funcionamento das células do cérebro que registram e gravam percepções, ideias, gestos e palavras. Isso não significa dizer que inexistem componentes biológicos, fisiológicos ou cerebrais na produção da memória. Afinal, as pesquisas no campo da neurologia têm mostrado não só as zonas do cérebro responsáveis pela memória, como também as pesquisas em bioquímica têm salientado a importância de algumas substâncias químicas, como as endorfinas, capazes de alterar a fisiologia do cérebro e influenciar na produção e conservação da memória.

As chamadas perturbações da memória, como a amnésia, antes estudadas apenas pela psiquiatria, também podem, em muitos casos, ser esclarecidas à luz das ciências humanas. Podemos dizer, com isso, que do processo de memorização participam não só elementos de ordem neurofisiológica, mas também componentes subjetivos, como a importância atribuída a um fato, o seu significado emocional ou afetivo, o modo como algo nos impressionou, as representações que a nossa cultura dá a um acontecimento. A memória não apenas ordena os vestígios do passado, mas também faz uma releitura desses vestígios.

O esquecimento, a privação da memória, não ocorre apenas em função de uma lesão física que traga como efeito o mau funcionamento do nosso cérebro. Ele é também uma consequência do sofrimento psíquico e social, como observa o psicanalista francês Boris Cyrulnik em várias de suas obras (2004; 2005; 2006). Para ele, algumas vezes, *esquecer* uma coisa terrível que nos aconteceu pode ser a saída para nos reinventar e viver bem novamente.

Por via individual ou interesse coletivo, o ato mnemônico se expressa através das narrativas e estas desempenham uma função social ao comunicar a outrem uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo. Para Benjamin (1994), a narrativa é uma transmissão de experiências e tem a finalidade de aconselhar. Tem, portanto, um caráter utilitário, o qual, mesmo que esteja oculto, manifesta-se de várias formas: num ensinamento moral, numa sugestão prática, num provérbio ou numa norma de vida. O dom do narrador é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador não está interessado em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou relatório. “Ela [a narrativa] mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se exprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (p. 205, grifo nosso).



Lembrar do passado não corresponde a reconstituí-lo em seu estado “puro”<sup>9</sup>. Rememorar significa avaliar o que foi vivido, atribuir novos sentidos, dar coerência ao que se relata. A memória, expressa nas narrativas, trata de esquecer determinados eventos traumáticos e de ressaltar outros. A palavra oportuniza ao sujeito a possibilidade de transformar o seu mundo, no momento em que lhe atribui sentidos. Por meio da oralidade, o indivíduo elaborará sua representação de si e do outro. Assim, é pelos relatos de si que os narradores ressignificam o seu passado, dão-lhe uma nova roupagem, representam, elevam-se<sup>10</sup>.

Ora, se os discursos não são neutros, a produção do conhecimento histórico, como dos demais, também não o é. Mesmo que queiramos, não nos afastamos dos riscos das ilusões e do erro, ensina-nos Morin (2006; 2008a). A concepção de história como uma construção em que o historiador não se apresenta como um sujeito em nada imparcial e ausente, ou um mero copista idôneo e disciplinado, como analisa Certeau em *A escrita da história* (2008), é um *link* para que possamos discutir o que é um documento histórico. Para isso, considero fundamental a reflexão feita por Jacques Le Goff na obra *História e Memória* (2003).

Le Goff inicia a sua análise a partir das origens etimológicas dos termos *monumento* e *documento*. O primeiro vem do latim, *monumentum*, e remete à raiz indo-europeia *men*, que revela uma das funções do espírito, a memória (*memini*). O verbo *monere* significa *fazer recordar*, daí *avisar*, *iluminar*, *instruir*. Portanto, o monumento é um sinal do passado, um legado à memória coletiva, pois por meio dele, voluntária ou involuntariamente, evoca-se o passado e perpetua-se a recordação das sociedades históricas. Ele nos reenvia a testemunhos que só numa parcela mínima são escritos, haja vista que, desde a Antiguidade romana, o *monumentum* passou a denotar apenas dois sentidos: é percebido tanto como uma obra comemorativa da arquitetura ou da escultura (pórticos, arcos do triunfo, coluna, etc.), quanto como uma obra de arte funerária destinada a perpetuar a recordação de uma pessoa (2008, p. 526).

---

9 Aliás, nesse tocante, a palavra *resgatar* tem sido um termo muito usual em textos das chamadas Ciências Humanas. Todavia, é bom lembrar que *resgatar* tem a ver com *trazer de volta*, o que é impossível quando se trata de um acontecimento que já passou. Por isso, preferimos utilizar a palavra *reconstituir*, por considerar que ela melhor se enquadra nessa atividade mnemônica.

10 Cf. CYRULNIK (2004; 2005; 2006).

Já o termo documento, derivado do latim *documentum* e este de *docere*, que expressa *ensinar*, evoluiu para o significado de prova e é amplamente usado no vocabulário legislativo. É com a escola positivista que se dá o triunfo do documento sobre o monumento: ao documento dá-se o fundamento do fato histórico, tornando-se uma prova histórica apresentada essencialmente como um testemunho escrito.

Conforme Le Goff, “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Analisar o documento como um monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (2003, p. 535).

O historiador seleciona o documento, extrai-o do conjunto dos vestígios do passado, atribui-lhe um valor de testemunho que dependerá de um lugar social que ocupa, como afirma Certeau. Com base nesse raciocínio, Le Goff defende que o documento não é inócuo. Ele é “o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou manipulado, ainda que pelo silêncio” (2003, p. 537-538).

Pode-se concluir que o *documento é monumento*, pois ele é um resultado do esforço das sociedades históricas para impor um futuro, uma determinada imagem de si próprias, mesmo que isso se dê involuntariamente. Isso significa que não há um documento-verdade, pois, enfaticamente, Le Goff afirma: “todo documento é mentira”. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. Baseado nisso, ele argumenta que “é preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar essa construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos” (2003, p. 538).

É também importante ressaltar a concepção de documento tecida por Karnal e Tatsch. Para eles, “documento histórico é qualquer fonte sobre o passado, conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente e estabelecendo diálogos entre a subjetividade atual e a subjetividade pretérita” (2009, p. 24).

Foi por considerar a ideia de documento como monumento, portanto, como um constructo, que utilizei o *orkut de São Rafael* como fonte de

pesquisa. Por meio de constantes observações, era possível examinar boa parte das constantes trocas sociais que ocorriam (e ainda ocorrem) entre os *amigos* de São Rafael com a mediação do computador. As conversas e demais contatos, ao contrário da comunicação oral usual, ficam gravadas naquele espaço através da *escrita* e das *leituras* das imagens. Isso possibilita uma observação das interações entre aqueles sujeitos, suas concordâncias e discordâncias, suas colaborações e competições, suas trocas de experiências, suas lembranças, emoções e projeções para o futuro.

Agi como um detetive à procura de pistas e como o historiador imaginado por Marc Bloch: aquele que “se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça” (2001, p. 54). As narrativas visuais, criadas a partir das fotografias e dos vídeos, e os diálogos entre os *amigos* da cidade foram de grande valia para construir as minhas considerações.

A experiência de tecer um texto a partir de informações disponíveis num *site* de relacionamentos na internet foi, para mim, não só inovadora, mas, sobretudo, desafiadora, em função da carência de práticas semelhantes no tratamento desse tipo de fonte na pesquisa historiográfica. Mas, como afirma Meyer, “o historiador precisa de imaginação e criatividade; caso contrário, estará vencido antes mesmo de começar a cruzada” (2009, p. 33).

Outra observação digna de ressaltar nesse espaço do livro diz respeito à forma pela qual essas imagens foram tomadas na pesquisa. Baseado nas concepções de fonte e de produção do conhecimento histórico, já discutidas anteriormente, mas também nas discussões teóricas sobre fotografias, considere-as como parciais e, de certo modo, ilusórias e ficcionais<sup>11</sup>. Para Borges, a imagem “apresenta-se como uma linguagem que não é nem verdadeira nem falsa. (...) uma imagem é uma representação do mundo que varia de acordo com os códigos culturais de quem a produz. (2008, p. 80)

Os historiadores estão cada vez mais cientes da importância das fotografias, pinturas, filmes, além de outras imagens, para a reconstrução do passado<sup>12</sup>. Peter Burke (2004; 2009) alerta para os cuidados que devemos

---

11 Para evitar uma longa digressão sobre essa discussão, indico como leitura as obras de BARTHES (1984), DYER (2008), DUBOIS (1993) e SONTAG (2004).

12 Sobre o uso da fotografia e demais imagens pelos historiadores, são de grande relevo os trabalhos de BURKE (2004; 2009), BORGES (2008), KOSSOY (2001; 2007), LIMA e CARVALHO (2009), MAUAD (2008), PAIVA (2006), dentre outros.

ter para não compreendermos a fotografia como registro exato do real. Por isso, na obra *O historiador como colunista* (2009, p. 284-286), ele resume alguns pontos que devem ser levados em conta, não só por historiadores, mas por qualquer indivíduo que seja tentado a ver as fotografias como cópias perfeitas do passado:

1. Com base na assertiva do fotógrafo norte-americano Lewis Hine (1874-1940), de que “as fotografias não podem mentir, mas mentirosos podem fotografar”, Burke chama a atenção para a possibilidade de retoques, montagens ou outros tipos de manipulação de uma foto<sup>13</sup>.
2. Com o intuito de influenciar a opinião pública a respeito de uma guerra, de um projeto particular ou social, por exemplo, os fotógrafos podem dar ênfase a determinados temas, como mortes, problemas sociais, dentre outros. Logo, as imagens não são artefatos inocentes, destituídos de interesses, subjetividades, representações.
3. Os fotógrafos também podem interferir nas cenas que querem registrar através de suas lentes. Para dar mais “veracidade” ao seu trabalho, cenários podem ser forjados. Há registros de casos em que alguns desses profissionais solicitaram a soldados para se fingir de mortos em combates para, assim, denunciar os horrores de uma guerra.
4. Como as imagens influenciam o modo como percebemos a realidade, fotógrafos, profissionais e amadores, podem se pautar em uma cena registrada em outras fotos ou até mesmo em pinturas. Em algumas fotos de engenhos em Recife, no século XIX, podemos encontrar semelhanças com pinturas de Frans Post, no século XVII.

Concluindo o seu raciocínio, Burke afirma que “a fim de não sermos iludidos pelas fotografias, quer sejam fixas ou móveis, precisamos – como no caso dos textos – estar atentos à mensagem e ao remetente, perguntando quem está tentando nos dizer o quê e por que motivos” (2009, p. 286).

Traçadas essas considerações, convido o leitor para uma visita aos próximos capítulos deste livro. No primeiro deles, apresento o orkut

---

13 Vale salientar aqui o uso sempre crescente, na atualidade, do *Photoshop*, um *software* editor de imagens digitais desenvolvido pela *Adobe Systems*, uma companhia norte-americana que desenvolve programas de computador.

de São Rafael na sua riqueza de imagens e de depoimentos sobre a vida cotidiana na antiga cidade. Em seguida, discuto a importância dessa rede social para a construção de uma memória coletiva para a cidade. Por fim, em epílogo, concluo a obra com um fato ocorrido em dezembro de 2010: o desmoronamento da torre da antiga igreja de Nossa Senhora da Conceição, que permaneceu erguida por quase trinta anos.

# MEMÓRIAS EM REDE

Um misto de nostalgia e nacionalismo gerou um dos mais conhecidos poemas da literatura romântica brasileira, a *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias (1823-1864). Esse poema serviu de inspiração a tantos outros – inclusive à composição do nosso hino nacional – e a inúmeras paródias que têm frequentes aparições nas antologias escolares. Nele, após exaltar as belezas das terras brasileiras, o poeta suplica:

*Não permita Deus que eu morra  
Sem que eu volte para lá  
Sem que desfrute dos primores  
Que não encontro eu cá  
Sem qu'inda aviste as palmeiras  
Onde canta o sabiá.*

A idealização da terra natal é comum, não só na literatura, mas nos discursos rotineiros, mesmo que essa terra não seja plena de belezas naturais como aquelas aludidas na *Canção do exílio*. Rever as terras de origem, voltar para casa, mesmo que seja por um curto espaço de tempo, é *um momento esperado* pela maioria daqueles que migraram em função das necessidades impostas pela economia, pela política, pelas guerras ou por outras circunstâncias.

Estar no exílio, ou voltar dele, gerou expressões de sentimentos também em composições musicais, a exemplo de *Aquele abraço*, de Gilberto Gil, composta em 1969, quando ele esteve exilado na Inglaterra. Essa canção simboliza a chegada do compositor ao Rio de Janeiro, após o exílio.

A população da antiga São Rafael também teve que migrar. O progresso prometido pelo governo militar tinha como custo, o exílio de centenas de famílias para uma nova cidade, que seria construída pelo DNOCS, ou para outras que melhor lhes aproovessem. Assim, semelhante a outros povos, o êxodo e a diáspora fazem parte das histórias de vida dos rafaenses,

pelo menos dos mais velhos. Alguns trechos do poema *Lamentos da Várzea Comprida*, de autoria de Rafael Arcanjo (COSTA, 1998, p. 35-37), demonstram claramente isso:

O DNOCS, o DNOCS  
Tomou todos os currimboque  
Já disparou o bodoque  
Está botando pra quebrar!  
Depois do rio tapado  
Pra todo lado só fica mar.  
Na minha casa  
Tem na frente um serrotão,  
Só escapa gente pobre  
Se as pedra virar pão.  
(...)  
Isso aqui é um caso sério  
Fica como o cemitério  
Ó ato feio e funério  
Que ninguém não pode olhar!  
As casas eles botam abaixo  
Dão despacho a ninguém voltar  
A choradeira do povo  
É de fazer dó  
Somos puros israelitas  
Do tempo do Faraó!...  
(...)  
Vai cobrir o mundo inteiro,  
Ninguém sabe do roteiro,  
Vai se ver o paradeiro  
Onde a gente vai ficar!  
A terra toda coberta  
E nós deserta pra outro lugar...

*Mãe de família*  
*Com os filhos arrodado*  
*Pedindo a Deus que o mundo*  
*Já tivesse se acabado.*

O exílio forçado dos rafaélenses não lhes permitia suplicar a Deus uma volta à sua terra natal, como fez Gonçalves Dias no poema aludido. Para muitos deles, aquela partida era o fim de toda uma vida construída às margens de um rio que lhes permitia a sobrevivência e momentos de prazer. As pedras, as árvores, os locais de plantação, da pesca e dos banhos após as extenuantes jornadas de trabalho sob o sol do sertão seriam cobertos pelas águas. Desaparecer-lhes-iam para sempre. Outros sentiriam saudades de suas casas, suas paredes, seus cômodos e seus quintais que estavam impregnados de sentidos, traziam marcas de vida, de uma travessia existencial.

Conforme afirma Cyrulnik, na obra *Os alimentos afetivos*, “todo ser vivo, embora feito de matéria, escapa da matéria. Que dizer do homem, então, esse fabricante de signos que inventa o mundo para melhor o perceber?” (2007, p. 6). Transformamos tudo em signo. Para ele, “o mundo inter-humano é um mundo de sentidos tanto quanto um mundo de sentido, um mundo em que nossa sensorialidade carrega-se de história, ela que governa nossas emoções bem como nossas percepções” (Idem, p. 7). É o contexto vivido e significado que dá sentido às coisas.

Já Bachelard, em *A poética do espaço*, ao delimitar seu campo de análise ao exame das imagens do espaço feliz (topofilia), concentra seus estudos em determinar os valores humanos dos espaços de posse, dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados ou louvados. Ele ensina que “o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração de um geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades do coração” (2008, p. 19).

*Na vida do homem, a casa afasta contingências,  
multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o  
homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem  
através das tempestades do céu e das tempestades*



*da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser 'jogado no mundo' (...) o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço. (...) A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa. (BACHELARD, 2008, p. 26)*

Portanto, “todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova” (BACHELARD, 2008, p. 25). Muitos guardaram em silêncio a saudade que sentiam. Conservadas num fundo de gaveta, num álbum ou numa caixa, velhas fotografias espreitavam a oportunidade em que se fariam presentes para pessoas fora do núcleo familiar. Finalmente, esse momento parece ter chegado com a popularização das redes sociais na *internet*. Para muitos rafaélenses, moradores da nova cidade ou de outras, essa ferramenta se converteu na *posta-restante* onde são deixadas imagens de uma época pretérita. Se não era possível retroceder no tempo e voltar à velha São Rafael, o orkut oferecia-lhes a oportunidade de reverem suas casas, famílias, amigos, festas... Enfim, chegava a hora de voltar do exílio, de reabitar na velha cidade, mesmo que isso se desse através do sonho, do devaneio. Imagens reconstruíam o passado e o atava ao presente, o presentificava.

Desde 2008, existe um perfil de São Rafael no Orkut. Ele foi criado por um jovem que tem ali suas raízes familiares. Ao observarmos esse perfil, vemos que o seu criador resolveu *antropomorfizar* a cidade. Tal procedimento demonstra, conforme Almeida, a aptidão que temos para atribuir características humanas a tudo o que está à nossa volta, isto é, “operar por projeção, imputar qualidades humanas a ambientes e sistemas não-humanos” (2009b, p. 29).

Nesse orkut, a cidade de São Rafael, investida de humanidade, tem a sua trajetória de existência marcada por rituais de passagem como uma data de aniversário (correspondente à sua emancipação política, em 23 de dezembro de 1948), além de endereço eletrônico, preferências, atividades econômicas e desportivas que desenvolve. Alguns objetivos do seu criador são explicitados: apresentar a história do município, reunir os seus conterrâneos dispersos por outras cidades do Rio Grande do Norte e de outros estados, divulgar as potencialidades econômicas e turísticas.

Três anos depois de sua criação, o *orkut de São Rafael* encontra-se dividido em dois perfis, devido ao número sempre crescente de pessoas que querem se filiar a ele ou, melhor, tornarem-se *amigas*, como se diz comumente na linguagem usada pelos internautas. Somando-se os dois perfis, temos um total de 1.300 *amigos* da cidade, mais de três mil fotos, dezenas de vídeos e milhares de recados.

Contudo, antes de discutir o conteúdo desse orkut, creio que seja de grande valia conhecer as suas origens. Richardson Rodrigo Cortez Barros, o seu criador, informa-nos, em entrevista, que:

*O Orkut teve início em novembro de 2007, porque eu soube que tinha um padre que estava numa missão em São Rafael, de evangelização. Eu vi umas fotos de lá e vi umas casas de taipa, e aí eu quis arrecadar alimentos durante o mês do Natal, em 2007. Era pra doar nos 60 anos de aniversário da cidade. Todo mundo dizia que ia doar, mas só que ninguém doou nada. Todo mundo prometeu, até cesta básica, a gente combinou o canto de deixar, só que não foi arrumado nada. Eu cheguei na cidade no dia 23 e fiquei chateado comigo mesmo, porque eu tentei e não consegui nada.*

*Eu vi também que a cidade tinha uma deficiência porque, além da miséria, havia a carência de informações da antiga cidade. Eu mesmo não tinha informações de nada de lá. A partir desse momento, veio à minha mente, mesmo eu chateado, que se eu não posso saciar a fome dessas pessoas, eu vou pelo menos tentar matar a saudade que essas pessoas mais velhas sentem da cidade antiga. Então, no outro dia, no dia 24 de dezembro, eu já comecei a pesquisar e consegui umas informações. Aí em janeiro de 2008, eu comecei a falar com um, falar com outro, procurando essas informações.*

*No começo foi difícil porque as pessoas não confiavam no meu trabalho, não queriam doar fotos de momentos íntimos com a família, ficavam receosos, mas a partir do momento que eu fui levando o trabalho a sério, as pessoas foram vendo que eu tinha interesse em fazer, comecei também a*

*produzir vídeos promovendo a cidade, fiz vídeos nas serras... aí, aos poucos, eu fui adquirindo confiança e hoje meu e-mail é lotado de fotos de lá que as pessoas mandam. Tem gente que vai lá em casa deixar. Teve uma pessoa que me deu 80 fotos de uma vez. E aí o trabalho se estabeleceu.*

Mensagens *on line* também são postadas por ele no Orkut comentando a experiência, os objetivos e a importância do trabalho que desenvolve junto com os demais rafaenses, como faz questão de enfatizar. Numa delas, lemos:

*Fazer esse trabalho me deixa feliz, por criar esse elo entre o hoje e o ontem de nossa sociedade e principalmente por ver a receptividade dos rafaenses. Fico extremamente entusiasmado com o resultado, que só traz benefícios à nossa sociedade, e por fazer esse resgate de nossa história. Dou um pouco de seu tempo para colaborar e engrandecer cada vez mais esse trabalho de suma importância para uma cidade como São Rafael que sofreu tanto por ter sido submersa não só fisicamente, mais também por terem sido submersos sentimentos e a história de um povo.*

Richardson fala de saudades, emoções, resgate da história da cidade. Ao desejar “saciar” a fome de memória que dos seus conterrâneos, ele nos convida a mergulhar nas profundezas das lembranças e do imaginário da Atlântida do sertão<sup>14</sup>, por meio do instigante exercício de olhar e descongelar as imagens imortalizadas pelas lentes de uma câmera fotográfica. Considerando-se o caráter de imponderabilidade de qualquer ação, a sua tarefa terminou por nos fornecer a possibilidade de fazermos uma reconstrução sensível do tempo, uma cartografia das emoções, a partir dessas imagens da velha São Rafael.

---

14 O termo *Atlântida do sertão* é uma alusão à composição de Arleno Farias em que este homenageia a sua terra natal, São Rafael.

Entretanto, mais uma vez advirto que o conhecimento do passado depende das perguntas que fazemos e das fontes que consultamos. Isso significa que jamais iremos *reconstituir* ou *resgatar* o passado tal ele o foi, como esperam muitos. Apenas encontraremos e construiremos respostas a partir do nosso lugar social e dos documentos que selecionamos como fontes.

É pautado nesse raciocínio que passo a refletir sobre as seguintes questões: do que têm saudades os rafaélenses que frequentam o orkut de sua cidade? O que lhes causa essa *felicidade triste*, esse desejo de *retornar ao passado* ou de *parar o tempo*? Como recompõem o enorme quebra-cabeça que é o seu passado? Quais os acontecimentos e espaços dignos de serem lembrados? Quais os esquecidos? Há uma coincidência entre as narrativas orais com aquelas que emergem a partir das *leituras* das imagens?

São perguntas que procurarei responder nas páginas seguintes a partir de um exame das imagens disponibilizadas no orkut de São Rafael. É digno ressaltar que a grande variedade dos temas dos conteúdos ali presentes levou-me a empreender escolhas e classificações, procedimentos que julgo necessários, caso queiramos constituir um *corpus* de análise. Apraz-me ter consciência de que o trabalho do historiador não ocorre sem seleções e manipulações dos documentos, a matéria-prima para a elaboração do seu texto. Logo, as imagens que encontrei *on line* serão consideradas como fragmentos de um determinado momento histórico, através dos quais usamos significar o passado.

No espaço virtual de São Rafael há textos escritos, mas predominam as imagens organizadas em dois grupos: as *fotografias*, ordenadas em vários álbuns, e os *vídeos*. A enorme variedade de temas trouxe-me a necessidade de fazer recortes. Portanto, por tratarem de assuntos mais relacionados com esta pesquisa, darei prioridade às imagens fotográficas. Seus conteúdos serão apresentados seguindo a lógica de divisão do tempo feita pela população rafaélense, ou seja, um *tempo anterior* e outro *posterior* à construção da barragem Armando Ribeiro Gonçalves, quando houve o deslocamento para a nova cidade. Além disso, como pude perceber nas leituras dos textos e das imagens presentes nesse orkut, há um *projeto de futuro* para São Rafael e este se alicerça em grande parte na preservação do seu patrimônio histórico e natural, daí criarmos uma outra parte no texto para anunciar um *novo tempo*, o tempo da *cidade desejada*.

Devo acrescentar também que essas imagens, na sua maioria, foram feitas por amadores, já num momento em que se popularizavam as câmeras

fotográficas e as de vídeo. Por causa disso, nem todas as imagens permitem um estudo mais pormenorizado do seu conteúdo, nem as intenções de quem as produziu ou as de quem as solicitou, aspectos de grande relevo para aqueles que se aventuram no estudo das imagens. No entanto, apesar do predomínio do amadorismo na produção dessas imagens, encontramos algumas fotos captadas pelas lentes do fotógrafo rafaélense *Joaquim Campelo Sobrinho*, conhecido como Quincas Conrado, o qual chegou a se tornar conhecido profissionalmente em Natal, segundo informações dadas por um conterrâneo seu ao comentar sobre um dos seus trabalhos.

Quincas Conrado também teve o seu estúdio fotográfico e, como faziam outros profissionais da sua área, distribuía panfletos de divulgação do seu trabalho. Pode-se supor que, no seu ateliê, eram utilizados todos os recursos técnicos, cenários e poses que estivessem ao seu alcance para agradar os seus clientes, pois estes pretendiam immortalizar-se, pelas lentes de uma câmera, com a melhor aparência possível.

As imagens disponibilizadas no *orkut de São Rafael*, como quaisquer outras, não são espelhos ou duplicações do real. Mesmo que a princípio percebamos um registro fotográfico ou filmico como uma prova de um fato, uma expressão da realidade de forma objetiva, precisamos ter consciência de que, como qualquer outra forma de testemunho, as imagens são parciais.

A fotografia é uma *interrupção do tempo* e, portanto, *da vida* (KOSSOY, 2001; 2007). Ela é um *instante contínuo*, um fragmento *congelado* da cena passada que, como afirma Dantas (2003), *descongela-se* a partir de uma *educação pelo olhar*.

*Olhar fotografias pode tornar-se uma aprendizagem do pensamento, capaz de engendrar um processo de autoformação do sujeito, que denominamos aqui de uma educação pelo olhar. Nesses termos, a fotografia é um documento que informa, interroga, interfere, comunica e constrói realidades, atizado que é pelo olhar, pelo falar, pelo calar, pelo sentir, pelo ouvir. A educação pelo olhar constitui-se um caminho ainda aberto, por fazer. Sabemos bem que os sentidos forjados por nós, numa imagem fotográfica, engendram uma operação ao mesmo tempo instantânea e a posteriori. Tais sentidos recompõem e dão vida ao que já existia na origem e estava adormecido. Revelam fragmentos da*

*condição humana, rememoram fatos, projetam sonhos, acordam fantasmas e inquietações, acionam analogias e projeções psíquicas, subjetivas. Fazer emergir e dar vida a uma história que estava silenciada, nisso reside o caráter mobilizante da educação pelo olhar. (DANTAS, 2003, p. 16)*

As palavras de Dantas são de grande relevo para compreendermos as fotografias e os comentários feitos a respeito delas no orkut de São Rafael. Ali, os acontecimentos desaparecidos, mortos, congelados e passados, paradoxalmente, aparecem vivos, descongelados pelos nossos olhares e presentes por meio das narrativas orais, escritas e visuais. Essas três formas de narrar imbricam-se nessa ferramenta virtual.

Dyer (2008), ao realizar uma história da fotografia, percebe um *instante contínuo* nesse artefato humano (daí o título de sua obra), haja vista as repetições dos temas e os diálogos entre essas imagens. Tal raciocínio vai ao encontro dos estudos de Kossoy (2007), quando ressalta o *efêmero* e o *perpétuo* como os tempos da fotografia. Para esse autor, a fotografia é memória enquanto registro de assuntos (personagens, cenários, objetos, fatos) retirados de seu contexto espacial e temporal, codificados em forma de imagem. Desde a sua invenção, a fotografia se presta, a registrar a experiência humana, a memória individual e coletiva do homem e suas realizações.

*A perpetuação da memória é, de forma geral, o denominador comum das imagens fotográficas: o espaço recortado, fragmentado, o tempo paralisado; uma fatia de vida (re)tirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem. Uma única fotografia e dois tempos: o tempo da criação, o da primeira realidade, instante único da tomada do registro no passado, num determinado lugar e época, quando ocorre a gênese da fotografia; e o tempo da representação, o da segunda realidade, onde o elo imagético, codificado formal e culturalmente, persiste em sua trajetória na longa duração. O efêmero e o perpétuo, portanto. (KOSSOY, 2007, p. 133)*

No entanto, Kossoy adverte para o limite do adjetivo *perpétuo* no

tocante à fotografia, uma vez que esse registro pode ter a sua trajetória interrompida. Ela pode ser destruída ou extraviar-se, sobretudo quando se trata de imagens de homens comuns. Portanto, para ele, a fotografia é uma *memória finita* (2007, p. 133).

Destinar-se à *perpetuação* ou à *finitude*, eis um paradoxo da fotografia. Não seria errôneo, pois, sustentarmos que ela também tem uma *história*, uma *trajetória de vida*, e esta tem relação direta com os tempos da *criação* e da *representação*, respectivamente, a *primeira* e a *segunda realidade*. O *tempo da criação* é o próprio fato, no momento em que ele se produz, contextualizado social e culturalmente, portanto, efêmero, preso ao passado. No *tempo da representação*, os assuntos e os fatos permanecem em suspensão, petrificados eternamente, perpétuos se conservados (KOSSOY, 2007, p. 134-135).

À *criação* e à *representação* acrescentamos um terceiro aspecto intrínseco da fotografia: a *manipulação*. De acordo com Kossoy (2001, p. 106), a inocência das imagens do passado é apenas aparente. Manipulações e interpretações de diferentes naturezas ocorrem ao longo de sua vida. Essas manipulações/interpretações envolvem inúmeros sujeitos: o *photógrafo*, que registra e cria o tema; o *cliente* ou *contratante*, que lhe confia a missão de retratar; a *casa publicadora* (se a fotografia foi veiculada), que a utiliza de acordo com determinada orientação editorial; os *diferentes receptores*, que a veem e reagem de forma distinta na medida em que tenham ou não algum vínculo com o assunto registrado; em que reconheçam ou não aquilo que vêem; ou que encarem com ou sem preconceitos o que observam nessas imagens.

Kossoy considera que o significado mais profundo da imagem não se encontra necessariamente explícito, pois “o significado é imaterial; jamais foi ou virá a ser um assunto visível passível de ser retratado fotograficamente” (2001, p. 117). Desse modo, esse estudioso da fotografia, com base nos estudos de *Erwin Panofsky* (1892-1968) sobre as artes visuais, utiliza um método para a *leitura* da imagem fotográfica alicerçada na *análise iconográfica* e na *interpretação iconológica*. A primeira pretende detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos. Nesse momento, a descrição prevalece e o assunto é situado no espaço e no tempo. A segunda, prima pela interpretação, por uma incursão em profundidade na cena representada, pois ver, descrever e constatar não são suficientes (2001, p. 95-96).

Embora reconheça o valor do método proposto por Kossoy, fatores como

a ausência de autoria das fotografias, a possibilidade dessas imagens terem sido alteradas na sua cor ou recortadas antes de serem disponibilizadas ao público, e ainda a falta de uma datação na grande maioria delas limitam aqui esse tipo de análise.

## 1. Topofilia da velha São Rafael<sup>15</sup>

No início do século XX, a ampliação do uso das câmeras fotográficas portáteis permitiu o registro de paisagens, monumentos históricos, cenas do cotidiano. Aos poucos, as fotografias das paisagens urbanas tornaram-se comuns. Pretendia-se passar para a posteridade um registro de *como* a cidade era no passado. Muitas vezes, esses registros ocorriam antes de serem empreendidas grandes reformas que alterariam aquele cenário. A intenção era mostrar a evolução daquelas cidades rumo ao progresso, com dos grandes feitos das administrações públicas.

Na maioria das pequenas cidades do interior do Brasil, as câmeras fotográficas se popularizaram tardiamente devido à dificuldade de acesso à sua aquisição e ao alto custo que elas representavam para muitos. Mais tarde, essas máquinas, objetos de desejo de muitos, registraram paisagens das cidades, mesmo que seus cenários se distinguissem daqueles que testemunharam a *Belle Époque* de São Paulo e Rio de Janeiro, cujos cartões-postais direcionavam o olhar do observador para um mundo onde reinavam, à moda europeia, o *progresso* e a *civilidade*.

Considerando-se os critérios de estética usados para avaliar as cidades, geralmente baseados nos padrões de modernidade europeus, não encontramos um grande número de fotografias de paisagens urbanas que almejassem o *status* de cartões-postais da velha São Rafael. Naquele pequeno município do Rio Grande do Norte, as fotografias pretendiam mostrar alguns prédios recém-construídos, além de espaços impregnados de sentidos pelos seus moradores, como a igreja, as ruas, as casas, a praça, os prédios públicos, dentre outros.

A foto a seguir, registrada no alto da torre da igreja, é um dos poucos casos de intenção de se construir um cartão-postal daquela cidade.

---

15 É importante lembrar que o termo *topofilia* é usado por Bachelard (2008), ao examinar as imagens do espaço feliz, os valores dados aos espaços de posse, aos espaços defendidos contra forças adversas, aos espaços amados ou louvados.





Fotografia 1: Vista panorâmica da velha São Rafael.

Esta foto, feita provavelmente num amanhecer ou num dia feriado, mostra a calma de uma cidade pequena e pacata. As portas das casas e prédios do centro da velha São Rafael estão fechadas em sua maioria, e pode-se imaginar o silêncio das ruas quebrado pela pouca movimentação de pessoas. O pátio só não está totalmente vazio devido à presença de uma Kombi e de um caminhão estacionados. O estilo arquitetônico é comum às cidades do interior do Nordeste brasileiro há algumas décadas: casas de telhados altos, modestas, sem muitos detalhes. As residências centrais, maiores e mais confortáveis, e a presença de sobrados<sup>16</sup> marcam a distinção social dos seus proprietários. Ao fundo, avistam-se o rio Piranhas e algumas das várias serras que caracterizam o relevo da região.

Atestando a forte presença do catolicismo nas origens das cidades brasileiras, uma das imagens mais presentes nos álbuns de São Rafael no orkut é a da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a santa padroeira, cuja

---

<sup>16</sup> O sobrado é um tipo de edificação com dois ou mais pavimentos e com grande área construída. Na época colonial, a construção de sobrados marcou o início da urbanização no Brasil. Eles eram as residências urbanas dos grandes senhores de terras e de escravos. Mesmo muito tempo depois, os sobrados continuaram a ser edificados como sinônimo de *status*.

foto mais antiga disponível na internet é de 1957 (fotografia 2). Nesta, em preto e branco, a igreja, construída em 1952, aparece em grande plano, imponente face ao destaque dado pelo fotógrafo. As copas de árvores frondosas e o pequeno casario ao fundo – marcas de um crescimento urbano que se expandia malgrado o forte predomínio da população rural – não reduzem a centralidade e a importância dada a essa instituição secular, legado da colonização portuguesa. A necessidade que sentiram em fotografá-la ao longo das décadas, até a sua desapareição pelas águas da barragem, como veremos em páginas adiante, não deixa dúvidas quanto ao seu significado para aquela população. Passa-se a ideia de que ali não existiam outros credos ou, caso houvesse, contava com um número muito restrito de adeptos.



Fotografia 2: Igreja de Nossa Senhora da Conceição (1957).

Esta foto, guardada durante muito tempo e, supostamente, de pouco acesso ao público, ao ser disponibilizada na internet, tem o dom de ressuscitar as lembranças dos rafaélenses que viveram na cidade hoje submersa. Os comentários deixados junto à imagem da velha igreja são cheios de emoção e expressam surpresa e recordações. Alegrias e tristezas mesclam-se, complementam-se. Os diálogos e os registros escritos fazem-nos imaginar uma mistura de lágrimas e sorriso nas faces daquelas pessoas de faixas etárias e gerações diferentes:

*Nossa velha São Rafael no ano de 1957. Maravilhosa recordação. Pra quem ainda não conhece, essa igreja está hoje quase toda submersa.*

*Esta foto parte meu coração pelo meio. Eu não era nascido, mas imagino como era bom esse tempo. Por isso dou meus parabéns a quem colocou estas fotos, porque eu vou ficar só de recordações.*

*O mais bonito da história de São Rafael velho, é que quem teve o privilegio de ter vivido lá, sempre fala dela com um carinho imenso! E esse carinho vem dos pais e dos avós, pelo menos no meu caso, e acho que de mais pessoas, e passa para os filhos e netos. Porque mesmo não tendo vivido lá, eu vendo estas fotos, fico com saudades!*

As fotos seguintes (3 e 4), mais recentes que as três anteriores, têm também a igreja como elemento central, embora deixem mostrar o casario das ruas próximas a ela. Exceto os sobrados, as casas têm fachadas com características semelhantes, distinguindo-se umas das outras, principalmente pelas cores e detalhes em branco em torno das portas e janelas, adornos muito comuns nesse estilo arquitetônico. Elas são também acompanhadas de testemunhos dos que viveram à época.

*Nesta época eu era feliz e não sabia. Por trás da igreja era a mercearia de papai. Ler comentário completo.*

*Meu Deus, tanta saudade! minha casinha era essa meia desbotada de azul.*

*Fiquei muito emocionado ao ver esta foto, pois marca muito a minha infância.*

*Uma imensa saudade... às vezes insuportável...  
Esse orkut foi feito pra fazer rafaenses chorar, rir, recordar, reviver momentos.*



Fotografias 3 e 4: Igreja de N. Senhora da Conceição (visões lateral e frontal).

Numa outra fotografia, a calçada alta da velha igreja também traz recordações. Um rafaелense lembra: “eu joguei muito de ‘vira’ aí nessa calçada. Para quem não sabe, vira é um jogo com moedas onde os jogadores colocam cada um, uma ou mais moedas em cima uma das outras, e quem desvirar mais é quem sai ganhando mais”. Dois outros conterrâneos informam que havia um “campinho de futebol” próximo à igreja, onde se divertiam em horas vagas.

Há uma grande quantidade de fotografias de ruas da antiga São Rafael e de suas casas, fato que me forçou a selecioná-las. Para isso, foram usados como critérios o conteúdo central da imagem – um componente essencial para provocar as recordações – e o diálogo que elas suscitaram entre os rafaелenses, aspecto essencial para percebermos a construção da memória coletiva da cidade. Essas imagens permitem emergir não apenas uma cartografia do espaço urbano, mas da sua utilização e do sentido que é dado a ele, ou a sua *topofilia*, na expressão de Bachelard (2008).



Fotografia 5: Rua do centro da velha São Rafael.



Fotografia 6: Rua da velha São Rafael.



Fotografia 7: Casa da velha São Rafael



Fotografia 8: Praça e estação ferroviária da velha São Rafael.

Como em muitas outras fotos da paisagem urbana de São Rafael antiga, a presença humana nas imagens acima é quase imperceptível. Podem-se considerar duas conjecturas para isso: a primeira é que, possivelmente, o objetivo do fotógrafo tenha sido dar ênfase à paisagem com pouco ou nenhum transeunte e, por isso, escolheu um dia e horário apropriados para fazer o seu registro. Outra hipótese é que essas fotos podem ter sido feitas na época em que a população da velha São Rafael já estava sendo alocada para a cidade nova, daí o reduzido número de pessoas presentes nas ruas e praças.

A fotografia 5 apresenta uma fileira de casas do centro da antiga cidade, merecendo destaque para dois sobrados. No orkut de São Rafael, abaixo dessa imagem, encontramos a pergunta: *“Gostei muito desses dois 1º andar, de quem eram?”* A indagação não é apenas respondida como também há informações de que o prédio em frente aos sobrados era o mercado público, que na casa da esquina funcionava um café, que naquela rua também havia um hotel, uma boate, um bar e a antiga sede do Sindicato de Trabalhadores Rurais.

O esquadrinhamento dos espaços continua na fotografia 6, a qual é também acompanhada de uma pergunta: *“De quem são essas casas?”*. Ao respondê-la, podemos perceber a reciprocidade entre esses rafaenses, ao salientar determinados detalhes que lhes são caros, permitindo que as suas memórias individuais contribuam na reconstrução de um memória coletiva da velha cidade.

*Acho que vindo da esquerda para a direita, a segunda casa era de seu Donzinho, pai de Iran, e passando as duas, que não sei de quem eram, alguém me ajude, esse terreno era onde funcionava a palhoça de Caifó com um famoso banho de bica aos domingos e logo adiante era a casa de Terezinha Medeiros. Espero ter acertado.*

*Esta casa que está isolada, se não me engano, era a antiga cadeia.*

*1ª - casa de Joaquim, 2ª - castelo de Manuel de Firme, 3ª - casa de titica, 4ª - casa de Nair, 5ª - casa de Dodinho.*

*A primeira da direita era de Joaquim de Terto, e na*



*outra esquina era de Ivo. Ler comentário completo*

*Nessa casa da direita, minha avó já morou nela, e onde está esse caminhão, era a entrada da barraca do saudoso Caifó, era o “point” nos finais de semana e tinha uma bica de banho, tenho boas lembranças dessa época.*

*São impressionantes esses registros. Precisa ser da nossa geração para saber o quanto elas passam emoções. Um grande abraço a todos conterrâneos!*

Alguns detalhes não podem passar despercebidos na fotografia 6: além da proximidade do rio às casas, podemos ver destelhamentos e demolições. Pode-se supor que essa fotografia trata-se de um registro de São Rafael no período em que a cidade começava a ser desocupada em face da subida das águas da barragem, quando muitos prédios foram demolidos para que o seu material fosse reutilizado em reformas nas casas que a população recebia na nova cidade.

A fotografia 7 apresenta uma casa modesta, de esquina, com detalhes brancos e um rodapé vermelho. Em sua fachada, além do número 114 e da placa com o nome da rua, há um detalhe em especial: ali se encontra escrita, em letras garrafais e com tinta branca, a sigla DNOCS. Essas cinco letras selavam o destino daquela casa e dos seus proprietários, que provavelmente já tinham se mudado para a nova cidade ou para outra. É possível que essa fotografia tenha sido feita com a intenção de imortalizar um lugar impregnado de afetos, um espaço que guardava as marcas de um passado. Com a barragem, o fotógrafo, profissional ou não, perdia o seu “ponto de referência no mundo”, o “primeiro universo”, o espaço que durante muito tempo foi um “signo de habitação e proteção”, como diz Bachelard (2008, p. 24).

As considerações tecidas por Bachelard, em *A poética do espaço*, servem para ilustrar a relação de intimidade do homem com a sua casa, mais especificamente com a sua separação da sua “concha inicial”:

*Mesmo quando eles estão para sempre riscados do presente, doravante estranhos a todas as promessas de futuro, mesmo quando não se tem promessas de futuro, mesmo quando não se tem mais o sótão,*



*mesmo quando se perdeu a mansarda, ficará para sempre o fato de que se amou um sótão, de que se viveu numa mansarda. A eles voltamos nos sonhos noturnos. Esses redutos têm valor de concha. (2008, p. 29)*

Pode-se conjecturar também que o fotógrafo usou uma casa com a sigla DNOCS em sua parede para denunciar a revolta que sentia, naquele momento, contra esse órgão público. Mesmo que aquele cenário tenha sido afogado pelas águas da barragem, ele permanece vivo, eternizado no papel e, hoje, na tela de um computador, juntamente com as emoções de quem fez o registro.

A fotografia 8 é da praça Governador Dix-Sept Rosado. Como em qualquer cidade, ali era um espaço de sociabilidades. As praças, naquela época mais do que hoje, funcionavam como um centro de atração de pessoas para passeios, diversões, conversas e estabelecimento de laços afetivos. Isso fica patente nos comentários que encontramos abaixo da imagem:

*Olha a difusora! quem não lembra do concurso da mais bela voz, ou melhor, do vencedor Valdo de Cocola cantando Gita do grande Raul Seixas?*

*Nesta praça, a gente namorava, e olhe que eu conheço gente que o casamento nasceu neste local e ainda vivem felizes para sempre...*

*Muitas saudades! andei muito de bicicleta na praça. Tinha muito orgulho da minha cidade que não volta mais. Só lembranças.*

Segundo informações presentes junto à foto da praça, ali próximo encontrava-se a casa do motor que gerava energia elétrica para a população até as 22 horas. A difusora, citada por um dos rafaélenses, era um alto-falante muito usado nas pequenas cidades numa época em que o rádio era objeto de luxo e a televisão ainda era rara. Através desse aparelho, a população ouvia músicas e ficava informada quanto às notícias em geral, os eventos importantes e as festas.

A lembrança da praça sempre surge nos discursos dos rafaélenses que viveram na antiga cidade. Em conversas informais que tive com alguns deles,

a importância dada a esse espaço de sociabilidade foi visível ao recordarem com tristeza que na nova São Rafael não havia uma praça e os mais jovens tinham que improvisar seus encontros nas calçadas das casas ou em frente a prédios localizados no centro da cidade, como a prefeitura.

Pode-se perceber, na maior parte das fotos que mostram a paisagem urbana da antiga São Rafael, uma preocupação das pessoas que ali viveram em pormenorizar os espaços, distinguindo-os, identificando-os, citando os seus antigos proprietários e se referindo às atividades que realizavam naqueles locais, nas formas de trabalho ou lazer. Tal comportamento pode ser explicado com base nas considerações feitas por Bachelard (2008) com relação à *topoanálise*, o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima. Para esse autor, “o espaço é tudo, pois o tempo já não anima a memória” (2008, p. 29). A memória não registra a duração concreta.

*Não podemos reviver as durações abolidas. Só podemos pensá-las, pensá-las na linha de um tempo abstrato privado de qualquer espessura. É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas. (...) Mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização dos espaços da nossa intimidade. (Idem, p. 28-29)*

As imagens têm o poder de ressuscitar os lugares físicos de suas vidas íntimas através das lembranças. Aquelas pessoas revivem os espaços da terra natal como se estes estivessem inscritos neles, nos seus interiores, nos seus íntimos. É como se as suas infâncias e juventudes ganhassem vidas naquelas ruas, casas, praças e prédios utilizados individual e coletivamente para os mais diversos fins.

Outros espaços da antiga cidade são lembrados como expressão do cotidiano e de suas trajetórias existenciais. A fotografia da maternidade (9) estimula alguns rafaélenses a comentar que nasceram ali ou que naquele prédio tiveram seus filhos. Outros se lembram da estação ferroviária (fotografia 10) – onde também funcionou a delegacia – e da passagem do trem, geralmente um momento de alegria e de reencontros.



Fotografia 9: Maternidade N. Senhora da Conceição (antiga São Rafael).



Fotografia 10: Estação ferroviária (antiga São Rafael).



Fotografias 11 e 12: Centro comercial da antiga São Rafael.

Não há como se esquecer do antigo comércio, merecendo destaque as casas comerciais que, segundo informam, pertenciam do Sr. Chico Vicente: posto de gasolina, loja de tecidos e padaria (fotografia 11). A fotografia 12 mostra uma rua do centro da cidade antiga e é acompanhada de uma pergunta: “Gostaria de saber de vocês rafaélenses que viveram nessa cidade, quais os sentimentos de verem essas fotos?”. Face a essa indagação, os comentários deixam clara a relação entre aquelas imagens e a sua memória individual que se constrói coletivamente nesse instante:

*Sinto muitas saudades, pois passei várias vezes para ir ao colégio.*

*Ai que saudades dessa rua! É bom demais ver essas fotos, me traz lembranças de tudo que passei na minha saudosa São Rafael... adorava subir essa ladeira!*

*Gostaria muito que tivessem projetado a nova São Rafael do mesmo modelo da antiga, talvez assim eu me sentisse melhor, com menos dor.*

*Vou te responder o que sinto quando vejo essas fotos de São Rafael antigo. Eu morava nessa rua. Onde está a plaquinha amarela era o hotel dos meus pais, onde eu morava. Não é fácil saber que a cidade que nasci está debaixo d'água. Sei que foi necessário, pois é para melhorar a vida dos*

*meus conterrâneos, mas me dói imensamente, pois lembro de momentos de minha infância que tenho vontade de retornar e sei que não voltarão mais.*

*Choro de vontade de estar nesta cidade, principalmente nesta época, meu corpo dói de tristeza por saber que para mim só sobrou a saudade, o amor, o desejo de poder ver minha velha cidade que tanto amo, mesmo debaixo de água. Vocês não têm noção do que é isto.*

Os relatos dos rafaélenses emocionam pela forte expressividade das suas palavras, de uma poética nascida a partir das adversidades sofridas, cujos traumas parecem não terem ainda sido superados. Enquanto isso, rimam amor e dor, choram as perdas, lutam em vão por uma volta ao passado. Pequenos prazeres gustativos e olfativos são lembrados, ressaltados. É por isso que, para Kossoy (2007, p. 146), a invenção da fotografia é a invenção da máquina do tempo – a câmera fotográfica –, pois as imagens que ela produz permitem-nos viajar no tempo através de nossas lembranças, de nossa imaginação, sempre em direção a cenários e situações vividas.

Também o antigo e o novo mercado público foram registrados pelas câmeras fotográficas conforme vemos, a seguir, nas fotografias 13 e 14. No interior desses prédios e nas áreas externas próximas, realizavam-se as relações comerciais, sobretudo nas segundas-feiras, dia das grandes feiras do feijão e dos artesanatos de palha de carnaúba que não se apagaram da memória dos rafaélenses. Após a construção de um novo mercado, o antigo passou a desempenhar a função de clube, pois eram nele que se realizavam as festas em alguns fins de semana, as matinês e principalmente os bailes de carnaval, daí porque passou a ser chamado de *Mercaclube* pelos moradores da velha São Rafael. O movimento no mercado e as feiras são flagrantes da vida cotidiana na velha cidade, congelados pelas lentes de um fotógrafo. As fotografias 15, 16 e 17 tratam desses momentos e operaram um corte no fluxo contínuo da realidade da antiga São Rafael, cujas práticas sociais tornam-se vistas e conhecidas ou imaginadas.



Fotografia13: Antigo mercado público da velha São Rafael (Mercaclube).



Fotografia 14: Novo mercado público da velha São Rafael.



Fotografia 15: Feira na velha São Rafael (vendedores de redes).



Fotografia 16: Feira na velha São Rafael (vendedores de tecidos).





Fotografia 17: Feira na velha São Rafael (vendedores de roupas).

As feiras que ocorriam na velha cidade são sempre lembradas nos relatos orais dos rafaenses, independente das faixas etárias. Os que viveram na antiga São Rafael lembram positivamente dessa época. Em entrevistas que fiz no período da escrita do texto da tese, muitos contaram-me, fascinados, sobre o tamanho e a importância que aquelas feiras alcançavam naquela época, um “tempo bom”, de farturas e que chegou ao fim com a chegada do Projeto Baixo-Açu<sup>17</sup>.

Os jovens que também entrevistei, e que são nascidos na nova São Rafael, contam detalhes das feiras que conheceram por meio das conversas com os pais e avós. Eles “lembram” de como eram grandes aqueles encontros semanais reunindo comerciantes da região e que, geralmente, “entravam pela noite” e “eram o acontecimento!”. Um deles afirma que “na cidade velha, na segunda-feira não havia aula. As aulas eram de terça a sábado. A feira parava a cidade, o povo se reunia, botava os assuntos em dia.”

---

17 Cf. SOUZA (2010).



Dadas as conversas que têm com os mais velhos, eles reproduzem uma concepção dos “tempos bons” da velha cidade em que os seus pais e avós viveram. Consideram que lá eles foram mais felizes. Uma jovem entende que havia mais solidariedade entre as pessoas, pois “minha mãe diz que lá era bom de viver porque as pessoas eram bem mais próximas dos outros, todo dia sentavam-se na calçada pra conversar, os filhos do vizinho vinham comer lá na esteira, tudo junto, diz que eram momentos bons que passaram na vida...” Vivia-se bem, segundo eles, pois havia melhores condições econômicas: “lá tinha gente muito bem de vida e com a transição [para a nova São Rafael] o padrão de vida baixou bastante”, diz um jovem.

Portanto, face à importância dessas feiras para essas pessoas, interessadas em perpetuá-las na memória e na saudade de um “tempo bom”, não é de se estranhar que elas também sejam recordadas por meio das narrativas expressas pelas imagens disponibilizadas na internet. Os vendedores de redes e de tecidos, os compradores e transeuntes foram surpreendidos e imortalizados pelas lentes das câmeras. Alguns dos presentes posam, outros disfarçam um sorriso inibido.

Nos discursos dos rafaélenses que viveram na sua antiga cidade, há uma ênfase no tocante às vendas do feijão e dos artesanatos de palha de carnaúba. Essas informações apareceram também nas falas com jovens da nova cidade. No entanto, como seria lógico supor, nessas feiras não se comercializavam apenas esses produtos agrícolas e artesanais. As três últimas fotografias dão mais informações sobre essas feiras ao destacar outros produtos vendidos naquelas ocasiões (roupas, tecidos e redes) e que estão fora dessas narrativas orais.

Como todo discurso revela o lugar social e as intenções do seu emissor, podemos considerar que os relatos dos mais velhos expressam o desejo de uma população com fortes raízes rurais em apresentar os “tempos bons”, marcados pela fertilidade das terras ribeirinhas da sua antiga cidade e que foram a termo pela construção da barragem.

É quase desnecessário afirmar que as feiras se constituíram em um importante fator para o dinamismo econômico e cultural de uma região. Muitas vezes elas chegaram a dar origem a núcleos populacionais que se transformariam, mais tarde, em cidades, como ocorreu no sertão nordestino e em outras partes do Brasil e do mundo. Nas feiras não se realizavam apenas trocas comerciais. Elas se configuravam também em oportunidades para contatos com indivíduos de cidades circunvizinhas, trocas de experiências, estabelecimentos de vínculos. Para muitas pessoas,

sobretudo as que viviam na zona rural, ir à feira era sempre uma diversão, uma oportunidade de conhecer coisas novas, de reencontrar os parentes, de assistir aos violeiros e repentistas, de ouvir os versos dos cordelistas. Para as moças casadoiras, nas feiras também era possível encontrar um pretendente.

As feiras ainda delimitavam espaços, atribuíam significado ao tempo e reforçavam as segregações sociais. Ouvi de uma jovem que, segundo lhes contam os mais velhos que viveram na antiga São Rafael, “à noite pra feira só quem ia era mulher da vida. Depois das 6 horas [18], dona de casa que se respeitasse não ia pra feira, porque as mulheres da vida iam pra lá”. Podemos supor que era a hora das “moças de família” recolherem-se às suas casas, pois iniciava-se um horário geralmente frequentado pelas “mulheres da vida”, pelos bêbados e pelos homens à caça de aventuras.

Como toda fotografia é também uma narrativa social, as fotos das paisagens urbanas e os comentários deixados junto a elas permitem-nos construir uma representação sobre a vida cotidiana na antiga São Rafael. Um grande número de imagens postadas no orkut indicia outros momentos de sociabilidades como diversões, festas e comemorações. Através dessas fotos pode-se conhecer mais sobre a versão que aquelas pessoas querem dar a si próprias e às novas gerações, quanto ao cotidiano e à cultura na velha cidade.

## **2. Festas, comemorações e outros eventos na antiga São Rafael**

As festas de padroeiros são, ainda hoje, eventos importantes nos calendários de praticamente todas as cidades brasileiras, em função da forte influência do catolicismo na nossa colonização e ao uso da fé, pela Igreja, como forma de disciplinamento e coesão social. Procissões, promessas e uso de ex-votos foram práticas aceitas e estimuladas por essa instituição no Brasil.

Os festejos sagrados, permeados por seus elementos profanos, revelam o movimento alegre das ruas, nas quais os moradores da cidade apresentam-se com as suas vestimentas especialmente preparadas para aquela ocasião. Vive-se o desejo de estar “na moda” de acordo com os padrões estéticos das revistas e das telenovelas. A festa aparece também como o momento de exposição das distinções sociais, reveladas em símbolos de riqueza e elegância, como também em uma divisão dos espaços reservados a

determinadas categorias sociais.

Em São Rafael, certamente não era diferente no dia 8 de dezembro. Uma data das mais esperadas pelos seus moradores, nesse dia festeja-se Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade. O realce dado às imagens da igreja matriz, apresentadas em páginas anteriores, revela a importância que deviam adquirir esses momentos festivos.

A festa de Nossa Senhora da Conceição era marcada por uma diversidade de festejos. Dividindo a atenção da população, encontravam-se momentos de forte religiosidade, marcados pelas novenas, procissões e pagamento de promessas, e situações que não pertencem ao sagrado, mas que surgiam em função dele, como as quermesses, as festas de barracas, as festas particulares e os bailes no Mercaclube (o antigo mercado público transformado em clube).

No período da festa, principalmente no dia 8 de dezembro, católicos de cidades circunvizinhas e da zona rural visitavam a velha São Rafael para fazer culto à sua padroeira. Rafaelenses que havia migrado para outras cidades aguardavam o mês de dezembro para voltar à sua terra e assistir as novenas que antecediam a procissão que encerraria a festa.

As fotografias 18 e 19, disponíveis nos álbuns da antiga e da nova São Rafael, demonstram a importância de dois momentos solenes: a coroação da santa e a procissão de encerramento. No primeiro, uma criança paramentada de anjo põe a coroa sobre a cabeça da padroeira, uma cerimônia muito comum também em outras cidades nesse tipo de festa e que revela as distinções sociais e os valores da sociedade.



Fotografia 18 e 19: “Anjinhos” na festa de N. Senhora da Conceição na antiga São Rafael, à esquerda e Coroação de N. Senhora da Conceição, à direita (2008).

A fotografia 20 trata da procissão, a segunda e mais importante solenidade da festa da padroeira. Nela, a santa é conduzida pelas ruas da cidade, em seu andor adornado com flores. Respeitosos, os fiéis seguem a sua padroeira até a igreja, momento em que rezam o terço e cantam os benditos. À esquerda, em fila, algumas mulheres usam mantilhas, um véu de seda ou renda que cobria a cabeça e os seus ombros durante as missas e demais solenidades religiosas católicas.



Fotografia 20: Procissão de N. Senhora da Conceição na velha São Rafael.

As festas juninas, homenagens a Santo Antônio, São João e São Pedro, foram apresentadas nas fotos através das populares quadrilhas escolares, casamentos matutos e desfiles de carroças puxadas por animais. Nos registros fotográficos desses momentos festivos (21, 22 e 23), o estereótipo do “matuto” como um indivíduo tosco é realçado por meio da rusticidade e dos exageros das roupas em desalinho e “fora de moda” que os jovens vestem para festejar o chamado “São João na roça”. Num exercício de comparação, saltam aos olhos as diferenças existentes entre essa festa naquela época e as chamadas “quadrilhas estilizadas” que caracterizam os festejos juninos na atualidade, o que denota o caráter de dinamicidade que tem o mundo da cultura.



Fotografia 21 e 22: À esquerda, Festa junina (quadrilha – velha São Rafael) e à direita Festa junina (casamento matuto – velha São Rafael).



Fotografia 23: Festa junina (desfile de carroças – velha São Rafael).

A vaquejada era também outra festa muito esperada em São Rafael, como ainda o é em grande parte das cidades nordestinas, principalmente as localizadas no sertão, a região destinada à criação de gado, a partir de inícios do século XVIII, por determinação da Coroa portuguesa.

Em São Rafael, os discursos saudosistas insistem em comparar as vaquejadas que ocorriam na velha cidade com as de hoje. Ovi de alguns rafaenses jovens que, mesmo não tendo vivido na antiga cidade, dizem que “São Rafael tinha uma das maiores vaquejadas da região e hoje não

tem mais”.

Algumas fotografias registraram essa festa tradicional na velha São Rafael (24 e 25). Elas mostram a sequência da performance dos vaqueiros. Na primeira, dois desses homens posam para a câmera montados em seus cavalos. Ansiosos para a demonstração de força e coragem, qualidades necessárias ao seu trabalho diário, eles aguardam na porta do corredor por onde o boi sairá correndo e será alcançado pela cauda e jogado ao chão, conforme vemos na foto seguinte.



Fotografia 24 e 25: Vaquejada na velha São Rafael.

Soares<sup>18</sup> (2002), ao tecer suas observações sobre a vaquejada, considera que a chamada “festa do vaqueiro” remonta à *apartação*, um dos trabalhos do vaqueiro no qual reunia o gado criado livremente nos pastos, separava-o e ferrava-o para seus donos. Como as opções de diversão eram poucas, logo as *apartações* tornavam-se momentos de confraternização e de festas, nos quais apresentavam-se violeiros, sanfoneiros e repentistas. Foi assim que a lida diária com o gado tornou-se a *vaquejada*, um espetáculo em que, diante de uma plateia, os vaqueiros apresentam o seu ofício: o embate entre o homem e o touro bravo na caatinga. Uma premiação reconhecia o feito desse profissional dos sertões.

Soares assinala uma transformação nessas festas, as quais, no seu entender, foram midiaticizadas e convertidas em um negócio lucrativo para

---

18 Eugênio Pereira Soares, em sua dissertação de mestrado intitulada *Tautophongo* (2002), um neologismo criado por Guimarães Rosa, num exercício de imaginação e criatividade, incorporou a fala do boi. No seu texto, é o boi que narra a relação de sua espécie com o homem e relata os sofrimentos que lhe são impostos nas vaquejadas, hoje revestidas de tradição e prática esportiva.

os seus organizadores e participantes. Segundo ele, “mudou a essência do vaqueiro na mesma relação que mudou o sentido da vaquejada”, pois, os “vaqueiros da nova geração” são, hoje, universitários e profissionais de diversas áreas que usam a vaquejada apenas como um esporte.

Outras festas, como o carnaval, também marcaram sua presença nos registros fotográficos feitos na velha São Rafael. No orkut há um álbum apenas com fotografias dos velhos carnavais, do qual foram extraídas as de números 26 e 27, abaixo . Nessas e em outras fotos há comentários como os nomes dos blocos carnavalescos e das pessoas que estão presentes. Muitos se reconhecem e identificam seus pais, parentes e amigos. Manifestam as saudades que têm dos “velhos carnavais”, nas suas avaliações, melhores que os atuais.



Fotografias 26 e 27: Blocos carnavalescos na antiga São Rafael.

Nessas imagens, amareladas pela ação do tempo e pelo mau estado de conservação, aparecem adultos e crianças brincando em blocos nas ruas, acompanhados pelo toque das charangas. No Mercaculube, o antigo mercado público que em certos momentos transformava-se em clube, conforme informações postadas, ocorriam os inesquecíveis bailes de carnaval.

Encontramos junto às imagens informações sobre as brincadeiras entre amigos nos carnavais de rua. Numa das fotos, diz-se que o bloco Os caveiras preparava-se para fazer um “assalto” numa residência. Em seguida, o observador explica: “o assalto era assim: o bloco mandava uma carta para a casa de alguém e, caso a pessoa concordasse, o bloco ia lá fazer o assalto. Aí era muita maisena, cerveja, cachaça e alegria”. Dentro do tema das festividades e comemorações na antiga São Rafael, um fato que não pode ser negligenciado nesta pesquisa é a preocupação dos rafaélenses em



rememorar os grandes desfiles escolares no dia 7 de setembro, data em que se celebra a independência política do Brasil. São muitas as fotos postadas na internet com o intuito de registrar esses momentos, além de outros aspectos que caracterizaram práticas da educação formal naquela cidade.

Começemos pela análise de algumas fotos dos desfiles cívicos que coroavam a semana da pátria, e que suscitam comentários por parte dos visitantes do orkut de São Rafael. Eles se emocionam ao se reconhecerem nas fotos e ao reverem amigos, parentes e antigos professores com os quais conviveram há várias décadas.

As fotos a seguir são registros desses desfiles patrióticos em diferentes anos e deixam revelar traços da educação na velha São Rafael. Infelizmente, essas imagens, como a maior parte das demais disponíveis no orkut da cidade, não são datadas.



Fotografia 28: Desfile de bicicletas em São Rafael antiga.





Fotografia 29: Desfile cívico em São Rafael antiga (pelotões).



Fotografia 30: Desfile cívico em São Rafael antiga (pelotões).



Fotografia 31: Desfile cívico em São Rafael antiga

A primeira foto relembra o desfile das “bicicletas enfeitadas” que

abriam o cortejo no dia 7 de setembro, segundo informa um dos visitantes do orkut da cidade. As bicicletas, adornadas com as cores verde e amarela, são conduzidas por jovens rapazes uniformizados. A seriedade nos seus rostos denuncia o caráter de solenidade e de respeito que aquela ocasião exigia.

As fotografias 29 e 30 apresentam jovens estudantes perfilados que marcham seguindo uma linha branca anteriormente pintada nos paralelepípedos das ruas. Essa linha não apenas demarcava o caminho pelo qual o desfile iria passar, mas também objetivava impedir um desaprumo das colunas. Dias antes desse evento, vários ensaios eram feitos com o intuito de garantir o brilho do desfile no dia da pátria.

Sob os olhares atentos dos professores, os jovens desfilam vaidosos com seus uniformes cuidadosamente preparados para aquela solenidade. Os pelotões marcham tendo à frente bandeiras, faixas e cartazes. Parentes, amigos e curiosos assistem nas calçadas. É um momento festivo, de orgulho para os pais e professores e aguardado com ansiedade por todos. Um momento em que, aprendiam os alunos, expressava-se o amor pela pátria, homenageavam-se os *heróis nacionais* e os *grandes vultos* da nossa história. É importante destacar que muitas dessas fotos disponibilizadas no orkut da cidade focalizam comemorações ocorridas durante a ditadura militar, fato que reforçava uma educação de cunho nacionalista e cívico.

Além do caráter patriótico, esses desfiles elevavam a auto-estima de muitos jovens ao se sentirem não só úteis à pátria, mas prestigiados pela população, elogiados pelos pais. Para estes últimos, ver os filhos marchando no dia 7 de setembro significava a concretização do seu dever de pai e mãe ao possibilitar aos filhos uma oportunidade que muitos deles não tiveram. Poder-se-ia dizer que, para pais pobres e com pouca instrução formal, aquela manifestação no dia da pátria era uma realização de um sonho, pois a escola representava uma possibilidade de um futuro melhor para os seus filhos.

Na última fotografia (31), os estudantes estão concentrados no pátio da igreja matriz. Pelas posições dos grupos, pode-se supor que é o momento da organização antes de iniciar o desfile. Dois jovens uniformizados portam nas mãos bandeiras nacionais. Outros, próximos, seguram bandeiras dos estados brasileiros. Aliás, é importante destacar que as homenagens aos estados da federação são muito presentes nesse tipo de solenidade. Nos álbuns da velha São Rafael, disponíveis na internet, encontramos outras fotos em que alunos estão vestidos com os “trajes característicos” de outros

estados.

O caráter pedagógico desses desfiles cívicos transcendia a sala de aula. Adultos e crianças saíam às ruas para ver os estudantes passarem juntos aos seus professores. As manifestações de patriotismo e a disseminação de uma ideologia nacionalista e conservadora, transmitida por meio de um ensino de história centrado nas realizações das classes dominantes, arrebatavam a todos naquelas ocasiões. Os estudantes eram aplaudidos e os docentes elogiados pelo seu trabalho.

Afirma Mauad (2008, p. 40) que a fotografia compõe, juntamente com outros tipos de texto de caráter verbal e não-verbal, o contexto de uma determinada época. As imagens são mensagens de um contexto cultural num dado momento histórico. Portanto, “se a cultura comunica, a ideologia estrutura a comunicação, e a hegemonia social faz com que a imagem da classe dominante predomine, erigindo-se como modelo para as demais” (MAUAD, 2008, p. 39).

Tomando-se por base as considerações dessa autora, podemos entender como a ditadura militar reforçou a mensagem patriótica e conservadora desses desfiles, como, aliás, tem sido uma prática nos regimes autoritários, conforme Paul Connerton (1999) demonstrou ao estudar as comemorações realizadas pelo nazismo.

No Brasil, durante a ditadura militar, o disciplinamento das crianças e jovens, o envolvimento nas comemorações e as homenagens às forças armadas eram constantes nas ocasiões festivas do dia 7 de setembro. Em São Rafael, óbvio, isso não era diferente, como podemos observar na fotografia a seguir.



Fotografia 32: Crianças homenageiam o governo brasileiro em desfile cívico na velha São Rafael.

Na fotografia anterior, um grupo de crianças uniformizadas também rende homenagens ao governo militar brasileiro, embora elas não sejam conscientes disso em face de seus poucos anos. Suspendem-se por alguns instantes as brincadeiras próprias da idade. As crianças posam sérias e meio assustadas para o fotógrafo. São postas em suas mãos duas mensagens que indicam a subordinação e o respeito que dispensariam, quando adultas, à política brasileira centralizada nas mãos dos militares.

Uma garotinha com os cabelos amarrados com laços de fitas segura um cartaz em forma de círculo no qual está escrita a frase *“Conte comigo Brasil”*. Empenha-se, com ela, a promessa de apoio que o discurso oficial exigia e dizia ser necessário para o progresso da nação.

Nessa foto, não só a frase de efeito escrita no cartaz conduzido pela criança testemunha o contexto histórico em que a imagem foi registrada, mas também outro detalhe igualmente importante: os garotos trazem aviõezinhos de papel nas mãos, o que denota a divulgação das campanhas do governo federal na velha São Rafael.

No início da década de setenta do século passado, o governo brasileiro passou a criar e divulgar uma série de campanhas de apoio à sua política econômica e de saúde e higiene, exibidas em rede nacional pelas emissoras de rádio e televisão. Nessas últimas, a propaganda do governo se fazia com pequenos filmes destinados ao fortalecimento do regime autoritário. Frases de efeito como *“Esse é um país que vai pra frente”* ou *“Ninguém*

*segura esse país*”, além de belas imagens divulgadas pela televisão e cartazes, referiam-se a uma nação unida e próspera. Algumas campanhas tornaram-se populares, como as do *cata-vento* e do *avião de papel*, brincadeiras de criança que nesse contexto passaram a significar apoio à ideologia dos governos militares. Há também imagens que não carregam o forte peso político e ideológico das duas últimas figuras, mas, como elas, contribuem enormemente para o avivamento das lembranças dos desfiles da semana da pátria na antiga São Rafael. Como muitas vezes ocorrem, elas são acompanhadas de diálogos entre os internautas, que procuram se identificar nas fotos ou que tecem algum comentário. As três fotos a seguir são exemplo disso.



Fotografia 33: Crianças desfilam no dia 7 de setembro na velha São Rafael.



Fotografia 34: Crianças desfilam no dia 7 de setembro na velha São Rafael.

Na fotografia 33, vemos meninas que seguram flores e trazem à frente um cartaz com a frase *“A beleza dessas rosas é a expressão do nosso amor à pátria”*, demonstração que, semelhante às anteriores, expressa e reforça os ideários ufanistas da sociedade à época. Entretanto, esses desfiles serviam também para fazer alusão a outras demandas do contexto histórico e social em que ocorriam. Isso pode ser visto na segunda foto (34), na qual crianças com roupas coloridas trazem à frente um cartaz com as palavras *“Ano Internacional da Criança – 1979”*.

Essas e outras fotografias disponíveis nos álbuns da velha São Rafael dão uma dimensão mais ampla do modelo de educação presente nessa cidade, o qual, é importante ressaltar, não diferia daquele que ocorria em outras cidades brasileiras. Pensando-se historicamente, pode-se afirmar que elas condiziam com o modelo de ensino que satisfazia aos interesses e aos projetos políticos de uma época. Um exemplo disso era a preocupação com a formação do cidadão como um elemento integrante da grande máquina do Estado.

Nos quadros dessa educação para o civismo e para a obediência aos valores estabelecidos por uma elite que controlava as políticas de educação através da administração estatal, o culto ao pavilhão nacional figurava como um dos seus maiores destaques. A fotografia 35 atesta esse fato. Nela, vemos jovens estudantes agrupados para assistir ao hasteamento da bandeira nacional na Escola Tristão de Barros, momento solene em que, geralmente, alunos e professores cantavam o hino nacional em posição de respeito. Em muitas escolas, isso ocorria todas as semanas, num dia previamente marcado.



Fotografia 35: Hasteamento do pavilhão nacional na Escola Tristão de Barros.

Em várias outras disponibilizadas no orkut, podemos ver crianças uniformizadas segurando a bandeira brasileira ou ao lado dela. A formalidade da pose para o fotógrafo e a postura corporal denota orgulho pela ocasião e respeito àquele símbolo nacional. Possivelmente, eram registros feitos durante a semana da pátria, momento em que se ostentava pomposamente o ufanismo.

Todas essas fotos dão o testemunho de instantes congelados pelas câmeras, cujas mensagens chegam hoje digitalizadas para aqueles que navegam pela internet. Cabe-lhes descongelá-las pelo olhar, inquiri-las, pois, conforme aponta Mauad (2008), essas fotografias, como os demais textos visuais, são resultantes de um jogo de expressão e conteúdo que envolve três componentes: o autor, o texto propriamente dito e um leitor.

*Cada um desses três elementos integra o resultado final, na medida em que todo o produto cultural envolve um locus de produção e um produtor, que manipula técnicas e detém saberes específicos à sua atividade, um leitor ou destinatário, concebido como um sujeito transindividual cujas respostas estão diretamente ligadas às programações sociais de comportamento do contexto histórico no qual se insere, e, por fim, um significado aceito socialmente como válido, resultante do trabalho de investimento de sentido. (MAUAD, 2008, p. 37)*

O fotógrafo exerce um controle técnico e estético na fotografia. Por isso, Kossoy (2001) aponta uma relação de “cumplicidade” entre o fotógrafo e os seus contratantes, os clientes, ou melhor dizendo, seus personagens. Segundo esse autor, desde a invenção da fotografia, o fotógrafo sempre manipulou os seus temas de alguma forma, seja técnica, estética ou ideologicamente. Ele interfere na imagem dramatizando ou valorizando esteticamente os cenários, alterando a aparência dos seus retratados e o realismo físico da natureza e das coisas, omitindo ou introduzindo detalhes, elaborando a composição ou incursionando na própria linguagem do meio (KOSSOY, 2001, p. 108). Essa digressão é necessária para compreendermos as duas fotografias seguintes, que tratam de cenários da educação na antiga São Rafael.





Fotografia 36: Aluna e professoras da Escola Tristão de Barros.



Fotografia 37: Professores e alunos da Escola Tristão de Barros.

As fotografias 36 e 37 são registros fotográficos criados cuidadosamente por um fotógrafo profissional, supostamente Quincas Conrado. A produção de um cenário e o cuidado na disposição dos fotografados indicam o domínio da capacidade técnica e estética desse profissional. Atentemos, por exemplo, para a centralidade dada às professoras na fotografia 37,



cujos vestidos, arrumados com desvelo, leva-nos a supor que essa foto foi feita para registrar um certo momento festivo, talvez uma solenidade de formatura.

A fotografia 36 tem como elemento central uma garotinha que sorri feliz e vaidosa ao representar a primeira imperatriz brasileira, a austríaca Dona Leopoldina, possivelmente num evento da semana da pátria. Muito elegante, a garota usa um vestido supostamente branco adornado com babados e rendas. Também usa brincos, luvas e uma tiara que prende os cabelos. Uma echarpe transparente cobre-lhe os ombros e desce até os braços. Numa das mãos, a menina segura uma caneta, uma alusão feita à versão da história oficial, segundo a qual a imperatriz teria escrito uma carta ao seu esposo D. Pedro I pedindo-lhe que declarasse a nossa independência. A caneta nesse contexto é dotada de um significado muito maior que o usual, pois, com ela, D. Leopoldina teria contribuído para a liberdade do Brasil do domínio português. Dispostas em torno da garota, as professoras da escola Tristão de Barros posam orgulhosas e uniformizadas para o fotógrafo. Algumas exibem um leve sorriso quebrando o “gelo” que o momento de ser fotografado exigia. Ao lado delas e da criança, está presente um jovem padre que veste o hábito e também demonstra satisfação e convivência com aquele momento.

Essa imagem, como as demais, só pode ser compreendida se levarmos em consideração o contexto histórico-cultural da época em que foi produzida. Assim, a educação positivista, preocupada com a manutenção do *status quo* de uma sociedade desigual e excludente, era alicerçada no ensino de uma história factual e que cultuava os grandes heróis nacionais. Imbuída dessa ideologia, a versão oficial da independência política brasileira, em 7 de setembro de 1822, deixava entender à sociedade que esse evento não teria ocorrido sem a intervenção de um elemento da nobreza. Possivelmente a menina elegante da foto acima teria desfilado com toda sua graça e sob aplausos pelas ruas da velha São Rafael.

Um detalhe que não pode passar despercebido nas duas fotografias diz respeito à presença de um sacerdote católico. Pode-se considerar que sua presença em ambos os cenários evidencia a importância e o respeito dados pela educação à igreja católica naquela cidade, nada incomum para a época. Como um legado deixado pela educação jesuítica no Brasil, durante séculos, nos espaços escolares, ensinava-se, não apenas os conteúdos disciplinares tradicionais, mas também o catecismo e os princípios essenciais que davam sustentação à religião católica. A educação formal chegava a ultrapassar os limites da sala de aula. Nos álbuns de fotografias encontramos vestígios

de outros momentos cerimoniais na velha São Rafael. Eram situações prestigiadas não só por estudantes, mas ainda por uma parte da população que acorria curiosa para testemunhar aqueles eventos.



Fotografia 38: Solenidade do *Dia Nacional de Ação de Graças*.

Na foto acima, os alunos apresentam-se enfileirados e uniformizados na quadra de esportes da antiga cidade, próxima à estação ferroviária. No orkut, a imagem é seguida da informação de que se trata do registro de uma missa no Dia Nacional de Ação de Graças, o que me causou curiosidade quanto a essa data comemorativa. Como esse espaço nos oferece a possibilidade de fazermos e/ou respondermos perguntas, além de trocarmos ideias, solicitei informações sobre essa comemoração.

O esclarecimento da minha dúvida foi feita pela senhora que enviou a referida foto, texto que ficou disponível aos demais internautas:

*Deixo algumas informações que acredito que possam ajudar. Imagino que esta foto seja do final da década de 50, quando o Batalhão de Engenharia estava instalado em São Rafael, pelo modelo das*

*fardas das crianças ser semelhante à farda usada no desfile cívico de 07/09/57. O Dia Nacional de Ação de Graças foi instituído no Brasil em 1949, por iniciativa do então embaixador Joaquim Nabuco, no governo do presidente Eurico Gaspar Dutra. Ao participar daquela festividade nos Estados Unidos, o embaixador se expressou da seguinte forma: “Eu quisera que toda a humanidade se unisse, num mesmo dia, para um universal agradecimento a Deus”. No Brasil, a celebração acontecia num evento reunindo autoridades civis, militares e judiciais para participarem de uma celebração solene presidida pelo padre local com a participação de grande número de fiéis, no mês de novembro. Hoje é uma comemoração um tanto em desuso. Acredito que este evento da foto seja uma comemoração como esta.*

Pode-se concluir do depoimento que o *Dia Nacional de Ação de Graças* representou mais uma tentativa das elites que administravam o Estado brasileiro em nos aproximar dos Estados Unidos, um traço característico no Brasil durante o governo conservador do presidente Dutra. Logo após a Segunda Guerra, a política externa brasileira abriu-se para a entrada do capital e da cultura norte-americana. Adotar uma data celebrada nos Estados Unidos fazia parte do “pacote” de intervenções, com a finalidade de “modernizar” a nossa cultura ao aproximá-la dos chamados países desenvolvidos.

As fotografias disponibilizadas no *orkut de São Rafael*, revelam outros momentos de lazer e sociabilidades na antiga cidade. Um deles era o banho nas águas do rio Piranhas. Em fins de semana, feriados e carnavais, esse rio se transformava em uma grande praia de água doce, como registra a de número 39. Para muitas pessoas, não era necessário esperar essas datas, pois banhar-se naquelas águas era uma tarefa diária que ocorria em seguida a trabalhos como a lavagem de roupa e a busca de água para abastecer as casas, visto que naquela cidade não havia ainda água encanada.



Fotografia 39: Banho no rio Piranhas.



Fotografia 40: Lazer e trabalho no rio Piranhas

A coloração e a baixa nitidez dão a impressão de que a fotografia 40 é um registro mais antigo que o anterior. Ela também apresenta pessoas em momentos de descontração às margens do rio. Porém, os lençóis brancos estendidos no chão para quasar ao sol demonstram que a maioria daqueles indivíduos que estão nesse cenário não se dirigiu para o rio com o intuito de se divertir, mas para realizar a tarefa de lavar roupas, uma fonte de renda para muitas mulheres. É importante destacar que esse trabalho, mesmo árduo, também se convertia em entretenimentos, em estabelecimentos de vínculos e no desempenho de práticas colaborativas, de ajuda mútua.

Não nos surpreende, ao vermos essas fotos, o significado que tinha o rio para a população de São Rafael antiga, patente nas primeiras lembranças que surgem nas narrativas de seus moradores quando indagados sobre a vida cotidiana naquela cidade. Para quem habitava o espaço urbano, relatos sobre os banhos, as buscas de água e as lavagens de roupas logo surgem. Para os moradores da zona rural, apesar dessas atividades também serem presentes, o destaque é dado à utilização das águas para a lavoura, base de sustentação daquelas famílias.

Fotografias da banda de música e da prática de esportes dão-nos exemplos de outros momentos de descontração na antiga cidade. Insisto em repetir que, da mesma forma que ocorre em outras fotos, a busca pela sua presença nas fotos e a identificação dos amigos e parentes são atividades que provocam perguntas, respostas, comentários, diálogos entre os internautas.



Fotografia 41 e 42: Banda de música na antiga São Rafael.

Há algumas décadas, prestigiar as apresentações de bandas de música era sempre um momento de diversão para o público das cidades em fins

de semana, comemorações de datas cívicas, festas religiosas, bailes de carnaval. Por isso, os administradores em muitas cidades construíam um coreto, onde ocorriam os concertos musicais. Dava-se, assim, um ar de modernidade e civilidade.

As duas fotos disponíveis da banda de música nos levam a atentar para o caráter pedagógico da prática de música naquela cidade, pois, ao lado de homens adultos, alguns jovens e adolescentes exibem seus instrumentos musicais. Além disso, reportando às entrevistas que realizei em São Rafael, segundo uma ex-professora, ela foi contratada, em princípios da década de 1970, para reger a fanfarra de uma escola que se apresentaria no desfile do dia 7 de setembro.

Também a prática de esportes na velha cidade não passou despercebida pelas lentes das câmeras. (Fotografias 43 a 46)



Fotografia 43: Basquetebol na quadra da antiga São Rafael.





Fotografia 44: Time adulto de futebol.



Fotografia 45: Prática esportiva no clube da antiga São Rafael.



Fotografia 46: Time de futebol infanto-juvenil

A primeira fotografia é datada de 1965 e mostra um grupo de rapazes praticando basquete na quadra de esporte na praça do centro da cidade, próxima à estação ferroviária. Mas é de futebol que trata uma grande quantidade de fotografias sobre esportes nos álbuns de São Rafael, no orkut. Nessas imagens, os jogadores posam, orgulhosos, para um fotógrafo, na ânsia de eternizar aquele instante, talvez o início de uma partida ou a comemoração de uma vitória. Como toda fotografia é um registro daquilo que nos é significativo e, portanto, precisa ser retido na nossa memória, as figuras 44 a 46, além de outras que existem no orkut da cidade, levam a crer o quanto esse esporte era popular na antiga São Rafael, fazendo parte de atividades de clubes e práticas pedagógicas.

Aos festejos populares, desfiles cívicos e práticas desportivas, outros acontecimentos vinham somar para a quebra da rotina na pequena São Rafael. As duas imagens seguintes são registros da visita do governador do estado, Silvio Pizza Pedroza<sup>19</sup>, à cidade de São Rafael.

---

19 Silvio Pizza Pedroza (1918-1998) era o vice-governador do Rio Grande do Norte no governo de Jerônimo Dix-Sept Rosado. Com a morte deste em acidente aéreo, Silvio Pedroza exerceu o cargo de governador no período de 1951 a 1956.





Fotografias 47 e 48: Visita do governador Silvio Pedroza à velha São Rafael.

Ainda hoje a visita de um governador de estado a uma cidade de pequeno porte, como São Rafael, representa um motivo para festas e quebra da rotina de sua população. Imaginemos isso há cerca de 50 anos, quando as dificuldades de acesso, em função da precariedade das estradas e dos meios de transportes, praticamente impediam esses contatos. Podemos supor que um acontecimento desses, há várias décadas, recebia um significado ainda maior e envolvia praticamente toda a sociedade.

Uma grande mobilização pode ser percebida na fotografia 47, a qual registra a chegada da comitiva que acompanhava o governador. Embora essa fotografia não esteja bem conservada e não tenha autoria, como a maior parte das demais, podemos ver a presença de homens a cavalo em frente e ao lado do carro que conduz a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Alguns desses homens vestem trajes de vaqueiro, uma indumentária que nessa ocasião ganhava um significado diferente daquele que normalmente lhe é atribuído: o de *rusticidade* do homem sertanejo. A um deles foi dada a honra de levar a bandeira brasileira. Em seguida, há outros caminhões. No mais próximo ao que conduz a santa, vê-se a presença da banda de música, algo que não podia faltar nesses momentos de festejo. A superlotação desse veículo obriga um dos homens a ser transportado fora do carro, segurando-se à porta.

Na fotografia 48, o governador Silvio Pedroza, acompanhado do capitão Pedro Heráclito, visita o Grupo Escolar Tristão de Barros, possivelmente na sua solenidade de inauguração. Atentemos para o fato de que as crianças estão colocadas em linha, todas uniformizadas, ansiosas para aquele momento. Ao fundo, a bandeira nacional hasteada reforça o caráter

cerimonioso daquela ocasião.

Décadas mais tarde, outro governador do Rio Grande do Norte esteve em São Rafael. Dessa vez ele usaria o discurso do progresso e da modernização para prometer aos rafaélenses uma inigualável melhoria nas condições de vida com a construção da barragem Armando Ribeiro Gonçalves. Certamente esse governador foi recebido com banda de música e fogos de artifício por muitos daquela cidade, embora a ansiedade, a descrença e o medo fossem os sentimentos mais presentes naquela oportunidade.

Mesmo que os ânimos de muitos estivessem exaltados, era impossível fugir do destino que os tecnocratas do governo federal haviam traçado para aquela cidade. Todos, inclusive os santos da matriz, estavam “de arribada”, como dizia o poema de Rafael Arcanjo. As lentes dos fotógrafos profissionais e amadores não poderiam deixar de immortalizar aquele momento para a posteridade.

### 3. Réquiem para a velha São Rafael

Princípios dos anos 80 do século XX. Na velha São Rafael iniciava-se um lento ritual de despedida. As conduções das mobílias e das famílias em caminhões e Kombis que se deslocavam para a nova cidade, construída ali próximo, ou para outras, como Açú e Serra do Mel, tornaram-se cenas comuns de um filme que não se apaga da memória dos rafaélenses. Mesmo os mais jovens que entrevistei se entristecem com as histórias que ouvem dos pais e avós. Duas estudantes universitárias assim se manifestaram:

*É uma imagem triste, de desespero, saber que vai sair de sua terra, onde a maioria nasceu e viveu e vir pra cá sem saber o que é que iam fazer, vinham obrigados, né? Acho que eles pensavam “vamos viver de que?”, porque lá eles tinham a terra pra plantar e aqui iam viver de que? Eu acho que eles não acreditavam que no meio nesse mato fossem construir uma nova cidade, que iam chegar aqui e iam ter uma cidade pronta. Se eu vivesse naquela época eu também não acreditaria.*

*Eu acredito que o sentimento maior foi de tristeza,*

*tanto de quem veio e de quem conhece a história de quem veio. A gente ouviu relato dizendo que botar os móveis naquele pau-de-arara foi a coisa mais triste, quando olhava pra trás e não sabia pra onde ir, ninguém tinha certeza de nada. Eu acho que foi o maior desgosto, porque a gente cresce e vive num canto e quando a gente sai pra estudar, que se separa da família já sente aquela dor da separação, aí você sair de um local onde você cresceu e vir pra outro forçado! Porque eles foram forçados a virem.*

Um longo ritual acompanhava a partida. As ruas eram despedidas dos seus paralelepípedos e os prédios desciam ao chão. Parte deles foi demolida pelo DNOCS e por pessoas que pretendiam reutilizar o material de construção nas reformas que fariam nas novas residências, adaptando-as às suas necessidades. O cenário de destruição dava uma aparência aterradora para os que ainda permaneciam no local ou quem o visitava, daí compreendermos o porquê da comparação daquela paisagem lúgubre aos efeitos causados pelo fogo ou por uma guerra, como assim avaliou uma senhora que entrevistei.

As fotografias que relatam esse momento dão uma desagradável sensação de impotência. Resta-nos apenas observá-las e dar vazão a outras imagens que elas deixam suscitar. Parafraseando Morin, no artigo *A suportável realidade* (2001a, p. 26), podemos afirmar que essas fotos significam uma *estetização da dor*, pelas quais pode-se sentir a dor na sua plenitude, mas, simultaneamente, desfrutar a sua expressão.

O fotógrafo exerce um domínio técnico e estético para registrar imagens que possibilitem suportar o que é insuportável. Como afirma Morin, “a estética não apenas nos oferece a possibilidade de ver as belezas da existência, não apenas cria belezas, ela nos ajuda a suportar o peso insuportável da realidade e afrontar a crueldade do mundo” (2001a, p. 27). É assim que ela nos torna melhores, mais sensíveis e compreensíveis. Para esse pensador, no mesmo artigo e página, graças à estética, “despertamos em nós o sentimento humano de compaixão, tão ausente na vida cotidiana, incluindo-se aí os sofrimentos reais tão próximos de nós”.

As fotos apresentadas nas páginas a seguir atestam a morte de uma cidade e o êxodo de centenas de famílias. Uma ferida que muitos nunca iriam

ter totalmente cicatrizada, pois “a angústia humana pode ser sublimada na paixão do jogo, nas múltiplas participações, no amor (...), nos mitos, ritos, religiões, pode ser transfigurada e afrontada na poesia, romances, filmes, mas sem jamais ser verdadeiramente liquidada” (MORIN, 2001a, p. 30).



Fotografias 49 e 50: São Rafael antiga às vésperas da inundação (demolições).

As duas fotografias anteriores apresentam a dimensão da violência simbólica sofrida pela população de São Rafael alguns meses antes da sua inundação pela águas da barragem Armando Ribeiro Gonçalves. O cenário registrado pelas fotos é de abandono e de absoluta desolação. Algumas delas revelam situações semelhantes às destruições feitas por bombardeios ou abalos sísmicos. A população se muda (fotografia 51) e leva consigo a certeza de um retorno impossível. Para muitos, é melhor esquecer as últimas imagens que seus olhos viram da cidade. Agora, no orkut, essas cenas voltam a povoar a sua memória, tornando impossível ficar calados. É assim que surgem comentários detalhando as ruas, a localização dos prédios comerciais e das casas, os nomes dos seus antigos proprietários. Relata-se também, emocionados, as marcas que esse evento deixou em suas vidas. Outros conseguem transformar a dor desse momento em risos.



Fotografia 51: Famílias se mudam da antiga São Rafael.

Ao observar a foto acima, uma visitante do *orkut de São Rafael* brinca com a ocasião da partida registrada por uma câmera:

*O dono dessa mudança era rico, porque a lá de casa nessa época era só dois potes, uns tamboretos a mala de madeira com fechadura e tudo, uma mesa e o resto da bagaceira foi tudo num saco de estopa. Só sei que quando chegamos na Serra do Mel estava quase tudo quebrado (risos). Eu tinha uma mala de corino e na mudança ia uma cadeira de balanço, e a perna da cadeira furou a minha mala, pense num prejuízo! Passei mais de uma semana sem poder nem olhar pra mala porque me acabava de chorar. Mamãe tinha uma imagem de meu padim Pe. Cícero e quebrou na mudança, aí ela chorava pela imagem e eu pela mala (risos). Mas era saudade mesmo. Não é fácil deixar tudo assim sem se planejar e ter que se mudar sem olhar pra trás. Foi isso o que o DNOCS fez com o nosso povo. Ainda me emociono ao lembrar, não mais da mala, mas da simplicidade como éramos antes.*

Transformar situações traumáticas em lembranças cômicas, ou dar-lhes outra versão, é uma estratégia humana para superar uma realidade insuportável. Reelaborado, o passado torna-se mais “palatável” e lógico. O sujeito sonha ou graceja para se proteger ou para se reinventar. Essa representação distorcida, que mistura lembranças precisas com recomposições fantásticas, mesmo que seja considerada um devaneio, pode se tornar um importante efeito de resiliência, pois sem um pouco de generosidade, de esperança, de heroísmo, a realidade seria insustentável.

O modo como evocamos o passado para organizar nossas lembranças e nos deleitar em nossos devaneios impregnam de sentido o que percebemos. Como explica Cyrulnik:

*É preciso trabalhar sua própria história, reelaborar a representação da tragédia a fim de que o sujeito consiga suportar seus relatos íntimos. Às vezes a história traumatizante até se torna socialmente aceitável quando o ferido tem o talento para fazer dela um diário, uma peça de teatro ou uma relação que contribua para tornar seu sofrimento útil. (2004, p. 148)*

Outras fotos, novamente, dão forte destaque à igreja. As de número 52 a 55 estão identificadas no orkut como sendo da última missa na velha cidade, celebrada pelo Mons. Vicente de Paula, e a condução das imagens da padroeira e do arcanjo São Rafael para a nova igreja, em junho de 1983.



Fotografia 52: Celebração da última missa na velha São Rafael.



Fotografia 53: Condução da imagem de N. Senhora da Conceição para a nova cidade. Ao lado condução da imagem do Arcanjo São Rafael para a nova cidade.



Fotografia 55: Procissão de encerramento da última missa na velha São Rafael.

Os relatos visuais continuam com as exposições de fotografias da igreja feitas pelo fotógrafo rafaélense Quincas Conrado (fotografias 56 a 59). Nelas, alguns meses depois da última missa ali celebrada, a igreja aparece de destelhada, cercada de entulhos, frequentada por curiosos e testemunhas do destino que a esperava. Seria “cama de peixe”, como dizia uma antiga profecia que os rafaélenses mais velhos fazem lembram nas suas narrativas.





Fotografias 56 e 57: À esquerda, Interior da igreja (inundação da velha São Rafael).  
À direita fachada lateral da igreja (inundação da velha São Rafael).



Fotografias 58 e 59: À esquerda, escombros da cidade. À direita, pose nos escombros da cidade.

Podemos supor que retratar o desaparecimento lento de sua terra natal sob as águas da barragem não deve ter sido uma tarefa prazerosa para o fotógrafo Quincas Conrado, mesmo que, talvez, ele tenha sido a favor do Projeto Baixo-Açu, não sabemos ao certo. As imagens capturadas pela sua câmera expressam dor e despedida, mas também o desejo de eternizar aquele cenário de depredação, mesmo que essa fotografia fizesse emergir lembranças tristes. Fotografar a igreja em meio aos escombros talvez tenha sido uma forma de não se calar diante do destino traçado para a sua terra e os seus conterrâneos. Protestaria, pois, por meio de sua arte.

Outros rafaenses registraram aquelas cenas que marcaram a história de sua cidade e de suas vidas, infelizmente, não com a mesma qualidade técnica proporcionada pelo equipamento de Quincas Conrado. Nem por isso



deixaram de contribuir para o extravasamento de suas emoções e as dos seus conterrâneos quase três décadas depois do seu trabalho. (Fotografias 60 a 63)



Fotografias 60 e 61: À esquerda, subida das águas do rio Piranhas e inundação da velha São Rafael. À direita, Igreja da velha São Rafael imergindo nas águas (abril de 1984).



Fotografias 62 e 63: À esquerda, Igreja da velha São Rafael imergindo nas águas (maio de 1984). À direita as águas da barragem cobrem as casas da velha São Rafael (maio de 1984).

As fotografias acima, como as que as antecederam, atestam a agonia da velha São Rafael ao ser engolida pelas águas da barragem Armando Ribeiro Gonçalves. Elas mostram o ritmo de subida das águas no primeiro semestre de 1984. Em função das fortes chuvas que caíram na estação chuvosa daquele ano, provocando cheias e elevando as águas do reservatório da barragem, as águas sobem e cobrem a cidade mais rapidamente do que se esperava. Perceba-se que, em abril de 1984, se os degraus da igreja já não podem mais ser vistos, no mês seguinte, a igreja já tem submergida metade de sua altura, enquanto alguns prédios mais baixos estão totalmente

imersos. Não é à toa que, nas memórias dos rafaélenses e de habitantes de outros municípios vizinhos à barragem, 1984 é marcado como ano em que mais temeram o rompimento da barragem. Fortalecendo esse temor, há o mito de que a cidade de Açu virará “cama de baleia.”

É impossível não percebermos o caráter de denúncia que tem as fotos anteriores. Como afirma Susan Sontag, “fotografar é atribuir importância. (...) não há como suprimir a tendência, inerente a todas as fotos, de conferir valor aos seus temas” (2004, p. 41). Tal consideração rompe com a concepção da imagem fotográfica como uma representação do real, portanto, isenta de subjetividade e de temporalidade.

Essas fotos expressam a despedida e os sentimentos de consternação e de revolta. Os entulhos nas ruas próximas à igreja e no interior dela, os prédios destruídos, a sensação de abandono tornam São Rafael antiga uma cidade-fantasma, uma morta-viva. Talvez por compreender que a presença humana junto aos escombros daria mais relevância àquele momento que seria imortalizado, houve quem posasse para uma foto (nº 59), e quem fosse “capturado” inadvertidamente próximo à igreja ou numa pequena canoa em frente à sua entrada principal (fotografia 61). Tudo valia para denunciar a morte da cidade, mas também para mostrar que a sua população permanecia viva e disposta a seguir em frente.

As expressões de ressentimento quanto à política de desenvolvimento responsável pela construção da barragem não se dão apenas pelas narrativas visuais. Junto a uma foto de uma casa praticamente coberta pela inundação, encontramos um comentário: “*Destruição de tudo em nome do desenvolvimento*”. Um diálogo é então aberto entre os rafaélenses:

*Desenvolvimento esse que nunca chegou!*

*É uma pena que nossa cidade parou no tempo.*

*Esse desenvolvimento foi, não de São Rafael, mas sim, para outras cidades que hoje são as maiores produtoras de frutas irrigadas, camarão, dentre outros produtos. São Rafael tem o maior produto do mundo que é a água, falta a força política e a iniciativa privada avançar no aproveitamento dessa riqueza.*

As considerações que os rafaélenses fazem do presente de sua cidade, vista como parada no tempo ou atrasada, não estão obviamente afastadas

do peso que teve o seu passado quando da execução do Projeto Baixo-Açu. Logo, suas narrativas, sejam elas orais, escritas ou visuais, expressam rancor e denúncias contra as injustiças que dizem terem sofrido.

É possível arriscar-nos a fazer uma avaliação rápida, tendo por base o raciocínio de Edgar Morin. Para ele, a *ausência de uma contextualização dos projetos de desenvolvimento* é o principal motivo para que ocorram situações semelhantes ao que se viveu em São Rafael, uma vez que “é necessário conceber, quando se faz um projeto técnico, as consequências humanas e sociais. (...) É preciso contextualizar e não apenas globalizar. Conceber não unicamente as partes, mas o todo” (2007, p. 49).

Ao considerarem que o Projeto Baixo-Açu trouxe desenvolvimento para algumas cidades, enquanto para o município de São Rafael os efeitos positivos foram pífios, torna-se patente o caráter *ambivalente* desse projeto, como nos demais que foram implementados no Brasil. As experiências têm demonstrado que não podemos mais considerar como necessariamente *bom para todos* o que vem com um selo de certificação dado pela ciência e pela técnica. A palavra *progresso* esconde contradições, interesses, representações. Rei morto, rei posto, diz o adágio popular. Enquanto São Rafael desaparecia aos poucos, condenada pelo progresso, uma nova cidade era edificada a poucos quilômetros dali. Centenas de hectares de mata virgem eram postos ao chão para dar lugar a uma cidade que prometia vida nova e melhor para todos e nascia como um grande conjunto habitacional, conforme o discurso da modernização. Sua antiga igreja, aos poucos, é substituída por uma réplica na nova cidade. (Fotografias 64, 65 e 66)



Fotografia 64: Edificação da nova São Rafael.



Fotografia 65 e 66: À esquerda, construção da igreja da nova São Rafael (jan./1983). À direita, etapa final da construção da igreja da nova São Rafael.

A foto a seguir é um testemunho da forma pela qual a construção da nova cidade serviu também de propaganda do governo do estado. “Mais casas para o Rio Grande do Norte”, está escrito na placa, a qual também apresenta os “benefícios” do governo para a população de São Rafael: era-lhe dado um conjunto habitacional com 716 unidades, atendendo a 3.580 pessoas.



Fotografia 67: Propaganda governamental (construção da nova São Rafael).

Apesar do discurso enaltecendor à qualidade de vida e à beleza da nova cidade, à época de sua edificação, quase trinta anos depois há quem escreva, enfaticamente, abaixo dessa fotografia, o seguinte comentário: “nossa cidade era muuuito mais bonita que essa de hoje!!!”. Vê-se, novamente, mais uma avaliação em que o passado foi marcado por um “tempo bom” e muito melhor que o atual.

Poderíamos compreender melhor o desabafo desse rafaélense tomando por base as análises de Bachelard (2008), quando afirma que a casa (no caso da velha São Rafael, poderíamos dizer “a terra natal”) é a nossa concha inicial, o nosso ninho. “Talvez outrora considerássemos a mansarda estreita demais, fria no inverno, quente no verão. Mas agora, na lembrança reencontrada no devaneio, não sabemos por qual sincretismo a mansarda é pequena e grande, quente e fresca, sempre reconfortante” (2008, p. 29). Em outras palavras: a antiga São Rafael, mesmo que tivesse os seus problemas, o que não deixa de ser verdade, aparece de outra forma nas lembranças dos seus antigos moradores. O poeta Rafael Arcanjo expressou isso muito bem em um de seus poemas (COSTA, 1998, p. 58):

*Certo, fizeram uma nova*

*Da velha ninguém se esquece (...)*

*Azeite de coco velho*

*Com novo nem se parece!*

Como uma fênix que renasce das cinzas, a antiga São Rafael às vezes reaparece. Isso ocorreu em 2001, quando uma forte seca assolou o sertão potiguar, baixando as águas da barragem Armando Ribeiro Gonçalves. Em outubro daquele ano, o jornal *Tribuna do Norte* trazia uma reportagem intitulada “*Cidade-fantasma ressurgue das águas*”. De acordo com esse jornal, a velha São Rafael reaparecia “num cenário triste para quem precisa recordar”.

Aos poucos, iam ressurgindo a quadra de futebol, a praça governador Dix-sept Rosado, a estação ferroviária, dentre outros prédios, revelando uma parte da antiga cidade. (Fotografia 68 a 72)



Fotografia 68: Local da antiga quadra de esportes da velha São Rafael.



Fotografia 69: Local da antiga praça da velha São Rafael.





Fotografia 70 e 71: À esquerda, Árvores mortas ressurgem na *prainha*. À direita, torre da igreja da antiga São Rafael.

As cinco últimas fotos tratam de mais um momento da história de São Rafael e da sua população. Paulatinamente, a cidade se descobre das águas e ressurgem para denunciar a sua sina. As árvores que, com o seu verdor e frescura, sombreavam as casas e a praças, foram testemunhas de momentos felizes e tristes, guardaram segredo de encontros amorosos e fugidios, ressurgem agora mortas, esqueléticas, encharcadas, estendendo os seus galhos e troncos esbranquiçados e descascados.



Fotografia 72: Torre da igreja e ruínas da antiga São Rafael.

Conforme a reportagem da *Tribuna do Norte*, um agricultor resolveu plantar um pequeno roçado de feijão e melancia na cidade-fantasma. Na antiga praça, alguns tijolos eram arrancados para dar lugar às plantas. Como podemos ver, a velha São Rafael, ao ressuscitar, proporcionava vida e voltava a cumprir uma de suas tarefas: reduzir a fome de homens e mulheres pobres que se serviam das vazantes rio Piranhas.

Meses depois, as chuvas que caíram no “inverno” elevaram o volume de água da barragem e tudo voltou a ser como antes. A velha São Rafael novamente desapareceu, engolida pelas águas. Mais uma vez, cumpria-se a profecia: tornava-se “cama de peixe”.

#### 4. A cidade desejada

Embora estejamos cada vez mais longe de certezas quanto ao futuro, como se navegássemos na noite e na neblina (MORIN, 2007, p. 48), no *orkut de São Rafael* não apenas há críticas aos limites de um desenvolvimento que foi prometido, mas também ousa-se apresentar um projeto para o futuro.

As fotografias ali disponibilizadas não têm a pretensão apenas de fazer as vezes de um *túnel do tempo*, de mostrar *como* eram alguns momentos da vida cotidiana naquela cidade antes da sua submersão. Não é *apenas* uma lembrança do passado, destituída de qualquer outro interesse, embora isso não pareça consciente para a maioria daquelas pessoas que visitam e postam fotografias e vídeos. Compreendo que por meio da construção imagética de trajetos de vidas, revelando um passado de lutas, mas também de momentos felizes expressos nos festejos e comemorações, busca-se perspectivar novas alternativas para o futuro.

Um projeto de futuro para a nova São Rafael alicerçado no turismo é uma marca indelével nas palavras de Richardson Rodrigo Cortez Barros, o criador do perfil da cidade no *orkut*, em entrevista a mim concedida. Disse-me ele que essa era a sua *bandeira de luta*. Da mesma forma, é nítida essa intenção no trabalho que desenvolve diariamente naquela rede social. Pouco meses depois de iniciar essa atividade, em 2008, ele postou uma mensagem de abertura do perfil na qual se lê:

*Gente, vamos colocar São Rafael no roteiro turístico do nosso estado mostrando suas*



*belezas e criando possibilidade de emprego e renda para a nossa população, e o mais importante é evitar que os jovens saiam de nossa cidade, dando aos jovens capacitação para receber os turistas mostrando as belezas da cidade e falando de nossa história, pois só desta forma nossa querida cidade irá encontrar o desenvolvimento sustentável.*

Em face dessa intensão, não cessam as postagens de fotos, textos e comentários que tratam da reconstituição histórica da cidade e da preservação do seu patrimônio material. As riquezas naturais do município e outras atrações como os carnavais na *prainha*, a culinária regional e o artesanato também se destacam como importantes fontes que, se forem exploradas de forma “sustentável”, como se afirma acima, podem gerar renda e reduzir o êxodo da população jovem.

O turismo histórico, ambiental e de aventuras é apresentado como oportunidade de melhorias de vida para os moradores da nova São Rafael. Daí a ênfase dada a um “resgate” do passado da cidade e à divulgação das belezas naturais das serras, sugerindo-se como elas podem ser usadas para a geração de emprego e renda.

Contudo, é importante salientar que a empreitada de “resgatar” a história compara-se à aventura de construir um quebra-cabeça cujas peças estão incompletas, perdidas ao longo de sua existência. A tarefa de recomposição do passado será sempre uma empreitada inconclusa, pois haverá sempre lacunas que nunca serão preenchidas.

No orkut de São Rafael acredita-se na possibilidade de reconstruir o passado por meio das memórias expressas nas imagens do cotidiano da cidade, como já vimos. Entretanto, a preservação dessa memória não se restringiria apenas às pessoas comuns, mas também à idealização de um dos seus “homens ilustres”: *Felipe Neri de Carvalho e Silva*, o barão de Serra Branca.

Sim, na pequena São Rafael também viveram elementos da nobreza, e isso honra os seus habitantes, mesmo que muitos já tenham se esquecido desse fato ou deem pouca importância a ele. Para avivar a memória de uns e informar a outros, foi criado um álbum dedicado a esse nobre potiguar,

no qual encontramos seus dados biográficos e o decreto através do qual a princesa Isabel lhe concedeu o título de barão de Serra Branca. (Figuras 01 e 02)



Figura 01: Dados biográficos do Barão de Serra Branca.

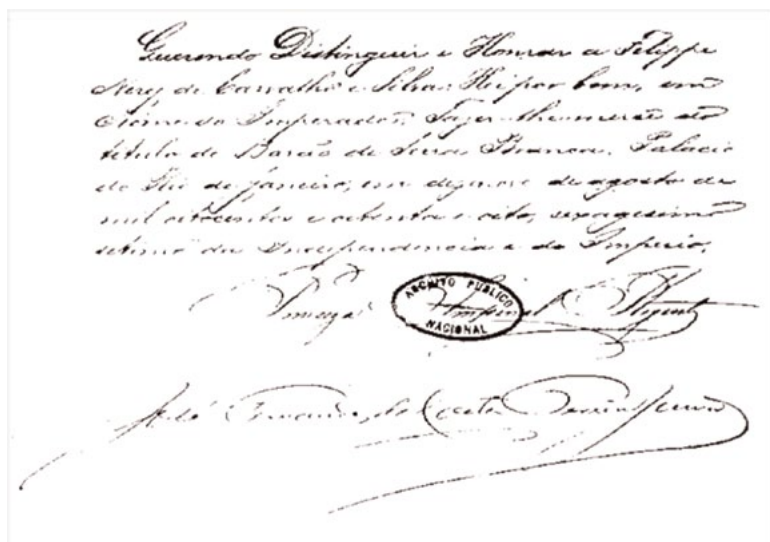


Figura 02: Decreto de concessão de título de nobreza a Felipe Nery.

A figura 01 é rica em dados biográficos do Barão de Serra Branca. Chama a atenção o interesse que o texto tem em tecer uma imagem *bondosa* e *caridosa* desse nobre potiguar. O barão é apresentado como um “abolicionista legítimo” que libertou seus escravos “sem qualquer condição”, oito anos antes da Lei Áurea. Com base em relatos de mais velhos, o autor conta ainda que o barão era um “tradicional patriarca risonho” que reunia os “escravinhos” para ouvi-lo tocar e cantar “para a alegria de todos”.

Eis aí um herói que a cidade de São Rafael e o estado do Rio Grande do Norte sentem a necessidade de ressuscitar e de preservar, depois de ter permanecido no obscuro durante tanto tempo, possivelmente em face da necessidade que os republicanos sentiam de apagar os vestígios da monarquia.

O empenho em reavivar a memória do barão foi o tema de uma das edições do jornal *Tribuna do Norte*, em 2009. Em 30 de abril daquele ano, o caderno *Redescobrimo o RN* trouxe a manchete “*História do Barão de Serra Branca está esquecida*”. Segundo o texto, um “livro sobre a história de São Rafael é uma das únicas chances de resgatar a biografia de um dos maiores pecuaristas das terras potiguares”.

Além de dados genealógicos e do envolvimento com a causa abolicionista, o jornal potiguar informava que Felipe Nery teve origem humilde, pois era “filho de pequenos proprietários rurais e criou-se na luta do campo”. Comprou o título de nobreza por 15 mil contos de réis. Monarquista e chefe conservador, ele financiava eleições e ia à frente dos eleitores decidir o pleito. Foi integrante da Assembleia Legislativa Provincial entre 1878 e 1881. Reforçando os mitos em torno da sua imagem, a reportagem informa também que a morte do barão, em 1893, deu-se quando ele retornava de Juazeiro do Norte-CE e foi profetizada pelo padre Cícero, o qual o aconselhou a só se “arranchar” quando chegasse em terras do Rio Grande do Norte.

Em face da importância que o barão tem para o panteão dos heróis e homens ilustres potiguares, e ainda para a elevação da autoestima dos rafaenses, o seu retorno ao mundo dos vivos deveria se dar com o avivamento da memória, já que, como afirma a *Tribuna do Norte*, a sua história está esquecida. Para isso, tornar-se-ia necessária a preservação do patrimônio histórico por meio da restauração dos prédios da fazenda daquele nobre, em Serra Branca, construídos por volta de 1880, hoje em ruínas, como podemos ver nas fotografias 73 a 75, presentes no *orkut de São Rafael*.



Fotografia 73 e 74: Ruínas da casa do Barão de Serra Branca.



Fotografia 75: Campanha para a preservação da casa do Barão de Serra Branca.

As três últimas imagens suscitam comentários e desabafos entre os rafaélenses. Para um deles, a restauração não ocorre porque “não dá votos”. Outro afirma que “esses políticos que não fazem nada deviam pelo menos proteger nossa história”. Um terceiro informa que soube “por alto” que aquela área já havia sido tombada pelo Patrimônio Histórico Estadual.

Mesmo assim, para agilizar as providências, propõe-se um *Manifesto público em defesa do patrimônio cultural Casa Barão de Serra Branca*, seguido de um abaixo-assinado.

Poderíamos afirmar que São Rafael é uma cidade com reduzidíssimo acervo no seu patrimônio edificado e digno de tombamento, visto que o casario construído à época do seu crescimento urbano foi demolido, em parte, e se encontra submerso pelas águas da barragem. Sobraram, apenas, a casa do barão de Serra Branca (localizada na área rural) e a torre da Igreja de Nossa Senhora da Conceição (fotografia 76). Hoje, a situação encontra-se mais grave, pois essa torre desmoronou em dezembro de 2010, como tratarei adiante.



Fotografia 76: Torre da antiga Igreja de N. Senhora da Conceição (prainha).

A torre da igreja submersa era a paisagem mais fotografada pelas pessoas da cidade e as que a visitam. No entanto, há motivos diferentes para isso. Para quem viveu em São Rafael antigo, como disse-me Richardson Rodrigo, em entrevista, “aquela torre é um marco, o único elo de ligação real entre o hoje e o ontem. As pessoas quando chegam lá sentem aquela energia, lembram, começam a falar o que era ali, começa a vir aquele turbilhão de lembranças”. Dando uma explicação para o uso da torre

como espaço de diversão, acrescenta que, “como os jovens não têm essa lembrança, eles vão pra lá e querem é brincar”. Ou seja, não obstante o fato de serem conterrâneos, o tempo e as histórias de vida desses sujeitos fazem com que aquele espaço seja percebido e sentido de formas diferentes.

Para aqueles que viveram na antiga São Rafael, há vida na *prainha* (local da cidade submersa). A torre, que se manteve firme durante décadas, representa a sobrevivência de um tempo bom que chegou ao fim com lágrimas e sofrimentos. Uma das entrevistadas, ao examinar uma foto em que as águas chegam à porta da igreja, assim se expressou: “meu Deus do céu, isso aqui foi muito amargor, muita dor, aqui foi muita lágrima... Isso custou muito choro, ainda hoje custa!”. Não é à toa que, em busca de devolver à santa padroeira o seu lugar “natural”, um rafaélense, cumprindo uma promessa feita à santa, colocou no interior da torre uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

As novas gerações não desvalorizam aquele vestígio da velha cidade, pois ouvem dos pais e avós os relatos de uma saga que viveram. No entanto, alguns jovens, por não terem vivido “na pele” as adversidades sofridas pelos mais velhos, consideram “natural” usar aquele local como diversão, mesmo que o percebam como o símbolo da cidade.

Ensina Cyrulnik que “o mundo mental de cada ser humano é composto de objetos sensoriais, cujo significado depende de sua organização neuro-sensorial e cujo sentido varia segundo sua história pessoal” (2007, p. 17). Portanto, um acontecimento não tem o mesmo valor emocional para todos os humanos. O que afeta profundamente um sujeito pode deixar um outro impassível, sem a menor perturbação emocional. “Por não termos a mesma história, não temos o mesmo olhar e portanto não podemos encontrar os mesmos objetos”, afirma o referido autor (2007, p. 17). Para quem não é nascido em São Rafael, ver a torre de uma igreja que foi submersa por uma barragem causa, à primeira vista, uma sensação em que se misturam estranhamento, surpresa e fascínio. Parecia que tínhamos diante de nós algo que só pode ser visto em filmes ou criado por meio de um trabalho de montagem de imagens. Contudo, por aquele cenário existir de fato, ele possibilitava dar “asas à imaginação” e levantar “milhares” de perguntas e hipóteses. Fotografá-lo ou filmá-lo tornava-se quase uma obrigação.

Outras pessoas, mais ousadas e aventureiras, davam um sentido diverso àquela torre que insiste em manter-se firme. Não denotando padecimento com o significado que a torre tinha para a população que a conheceu de perto, elas querem explorá-la e usá-la como trampolim. Não satisfeitos,

deixavam também as suas marcas por meio de pichações no interior do edifício. (Fotografias 77 e 78)



Fotografia 77: Utilização da torre da igreja submersa para mergulhos.



Fotografia 78: Pichações na torre da igreja submersa.



Infelizmente, fazer da torre uma base para se executar mergulhos era uma atitude banal para um grande número de pessoas que vive na cidade ou que a visitava. É essa a conclusão que se chega ao visitarmos a prainha ou observarmos o volume de imagens registradas em fotos e vídeos testemunhando esse comportamento. Na maioria delas, há comentários elogiosos à coragem de quem assim procedia ao visitar aquele local. Há quem lembre, com saudades, daquele mergulho. Outros esperam ansiosos pela próxima oportunidade de fazê-lo quando novamente voltar à cidade.

Entretanto, talvez pela popularização que a palavra *patrimônio* tem recebido nos últimos anos, vê-se lampejos de um sentimento preservacionista por parte de daquela população que visita o *orkut*. Esse comportamento na torre da igreja vinha sendo, aos poucos, combatido com alertas para os devidos cuidados em relação ao marco da cidade. O controlador do *orkut* de São Rafael, conclama:

*Gente, vamos preservar esse patrimônio cultural, arquitetônico e histórico de nossa cidade, pois olhem a quantidade de pichações que encontrei quando fui aí. O bom não é marcar seu nome aí, mas fazer com que esse lugar mágico marque seu coração e seus pensamentos e daí só deixe saudades e lembranças. Rafaelenses, vamos nos tornar fiscalizadores de nossa história e do nosso marco.*

*Vamos protestar a favor da preservação de nosso marco e de nossa história. São Rafael é uma cidade rica e cheia de potencial e aí está um gerador de renda que precisa ser preservado.*

*Até quando essa torre vai aguentar essa visitação sem nenhuma orientação técnica e histórica? Prefeito, fique atento a esse patrimônio e de nossa história ponto, esse que gera emprego e atrai tanta gente durante todo o ano.*

Estimulados por tais protestos, outros surgem:

*Atenção, senhores políticos da nossa cidade, por favor, cuidem bem do nosso patrimônio, um dos mais conhecidos do Rio Grande do Norte. Tem que acabar com isso. E se amanhã não*



*mais existir? E aí?*

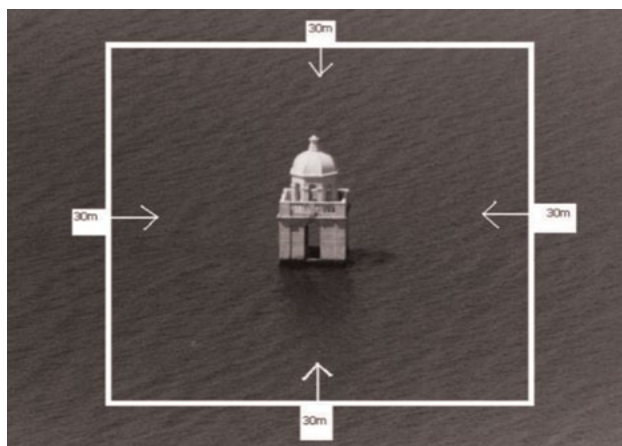
*[A torre] é outro lugar que precisa ser utilizado com responsabilidade, porque além de fazer parte de nossa história é um atrativo turístico em potencial.*

*Na verdade tem é que proibir o acesso à torre, ela deve sim ser protegida, pois é muito bela. Seria o caso das autoridades cercá-la com um cordão de isolamento através de boias... É uma ideia, poderia ver outras mais seguras. Todo ano que vou ao Nordeste, sempre visito a prainha e a torre.*

*Eu não diria proibir a visitação, mas sim, normatiz a-la, criando regras de visitação, como por exemplo, a quantidade de pessoas a subir, a quantidade de barcos a atracar por vez. Isso são um trabalho de um profissional competente irá mostrar.*

*Isso que se v e   puro exibicionismo. Para se ter uma lembrança da torre não é preciso subir nela, pois além da degradação, ainda tem o risco de um acidente.*

A ideia do cordão de isolamento da área que deveria ficar protegida foi divulgada e junto à qual são solicitadas opiniões, algumas delas expostas anteriormente. (Fotografia 79)



Fotografia 79: Proposta de isolamento da torre da igreja submersa.

Também é importante destacar o empenho em apresentar a *prainha* como um ponto de referência, não só para a memória coletiva de São Rafael, mas também como uma área que, se bem aproveitada, poderá gerar benefícios financeiros para a cidade através do incentivo ao turismo e às diversões em fins de semana e carnavais. Por isso, de acordo com o que ouvi dos rafaélenses, da antiga e da nova geração, durante algum tempo, barracas improvisadas, toscas, eram instaladas continuamente. Entretanto, a falta de infraestrutura e a utilização de um espaço pertencente ao DNOCS fizeram com que aquela área fosse desocupada.

A prainha hoje tem recebido outro significado para a população de São Rafael. Percebe-se uma ambivalência na representação que é dada a esse espaço: se por um lado, ele é uma espécie de “muro das lamentações”, uma sepultura onde se encontram os restos mortais da antiga cidade e, por isso, os mais velhos e saudosistas visitam-no; por outro, significa também um recomeço, uma fonte de renda, um local de diversão. Isso explica o esforço em ressaltar o caráter pitoresco e paradisíaco da prainha.

A prainha representa, portanto, uma interseção entre o velho e o novo, a morte da antiga cidade e o revigoração da nova São Rafael. Representa também o recomeço, a auto-organização, a capacidade humana de superar os obstáculos e de ressignificar as suas vidas, suas memórias, enfim, de regenerar-se e reconstruir a sua história. Nesse aspecto, vejamos um trecho da entrevista coletiva com jovens dessa cidade, em abril de 2010:

*Um ponto que eu acho importante para o turismo é a cidade submersa. Poderia haver a formação de guias que falassem da história e deixassem essa história viva, porque quanto mais tempo se passa, mais detalhes se esquecem e a história, a nossa história, está sendo esquecida. Somos a segunda ou a terceira geração após a barragem. E a quarta? A quinta? A sexta? Daqui a um dia um cidadão rafaélense não vai saber o que foi aquela cidade. As pessoas de fora valorizam mais a nossa história do que mesmo o povo daqui. Seria muito estranho a gente olhar para ali e não ver mais a torre, ver só a água e aquelas serras.*

*Aquela torre é construída com tijolos comum e não há aquele trabalho de restauração, de preservação.*

*Aí, quando enche a barragem, o medo da cidade é de perder a torre. Se perder a torre, que é o último marco da cidade que ficou em pé, vai se perder a história.*

*Ela é o diferencial da cidade. Porque eu conheci a barragem do Castanhal, no Ceará, e lá teve uma cidade que aconteceu a mesma coisa aqui, mas lá não tem uma torre, então eu acho que o diferencial de São Rafael é essa torre dentro d'água, que eu acho que vai chamar a atenção para a cidade, se ela fosse divulgada...*

Ao expressar as suas ideias a respeito do turismo como a “saída” para São Rafael, o criador do orkut da cidade, num outro momento, avalia essa potencialidade e os seus entraves:

*Quando comecei a fazer esse trabalho eu acreditei e criei expectativas que minha São Rafael tinha potencial, mas não satisfeito com isso fui ver de perto e tirar minhas próprias conclusões sobre a enorme potencialidade turística e de viabilidade econômica de uma cidade onde se tem um grande número de pessoas precisando de uma oportunidade de trabalho, renda e dignidade. Hoje, eu posso te dizer de peito aberto que sei o que estou falando, pois fui buscar em São Rafael respostas concretas para as minhas dúvidas e vejo que, se tem um grande exército, existe também uma grande batalha que é articular o turismo como fonte geradora de emprego e renda. Acredito que ainda vou ter o prazer de ver tudo isso dando certo. Só é preciso que os gestores públicos parem de se comportar como coronéis.*

Para ele, uma das vitórias dessa batalha dar-se-ia com a criação de um museu, local que faria o papel hoje desempenhado pelo *orkut*, e ainda geraria emprego e renda. Nas entrevistas com alguns jovens de São Rafael, a ideia do museu também lhes parece louvável:

*Devia se fazer um museu e quem tivesse fotos, artefatos, objetos que trouxeram da cidade velha fossem doando e a prefeitura abrisse um espaço pra esse museu começar a ser elaborado. Teria os guias turísticos e isso já seria mais uma renda para São Rafael, porque aqui não tem renda, 70% da renda vem de cargos públicos, e isso já gerava uma renda a mais para o povo de São Rafael.*

*O que não se conseguisse se fazia réplica. Hoje em dia tudo se faz réplica e eu acho que o museu é o lugar de se contar uma história, de se guardar, de se arquivar a história. Daí, se poderia criar uma rota turística: teria o museu, desse museu, se partiria pra prainha, que é o local da cidade velha, iam ver a torre da igreja, iam depois aos sítios arqueológicos.*

Enquanto o museu faz parte apenas dos planos, dá-se continuidade, no orkut, ao lento e profícuo trabalho de reavivamento da memória e de construção da história de São Rafael. Como toda lembrança que eleve a importância da cidade é válida, ressalta-se também, através de fotos e de um vídeo, a presença de *Elisabeth Teixeira*, uma moradora ilustre que ali viveu entre as décadas de 60 e 80 do século passado.

Elisabeth Teixeira era a esposa de João Pedro Teixeira, fundador da Liga Camponesa de Sapé, no interior da Paraíba, assassinado em abril de 1962, a mando de latifundiários da região. Viúva e com 11 filhos, Elisabeth deu continuidade à luta de João Pedro, embora também recebesse constantes ameaças. Porém, com o golpe militar de 1964, Elisabeth, que já havia sido detida várias vezes, fugiu para São Rafael sob a identidade de Marta Maria da Costa, onde sobreviveu como lavadeira de roupas e depois como alfabetizadora de crianças. Na Paraíba, ela foi dada como morta pela repressão política, ressurgindo apenas em 1981, com os contatos feitos pelo cineasta Eduardo Coutinho, ao retomar o projeto do filme *Cabra Marcado para Morrer* (1984), suspenso durante a Ditadura Militar.

Richardson Rodrigo explicou para mim o porquê da referência a Elisabeth Teixeira, no perfil que ele criou para São Rafael, no orkut:

*Eu descobri que uma das pessoas que fundaram o*

*MST no Brasil, que era antigamente chamado de Liga Camponesa, se refugiou da ditadura em São Rafael, e tem também no filme chamado “Cabra marcado para morrer”. Aí eu coloquei três vídeos com ela falando. O marido dela foi assassinado. Eu descobri porque essa mulher sempre é falada por um e por outro que diz que foi alfabetizado por dona Marta, porque Marta era o nome fictício dela. Ela se refugiou em São Rafael, passou muito tempo lá.*

Pode-se conjecturar que Elisabeth Teixeira não tinha, na velha São Rafael, o prestígio que tem hoje nos relatos das pessoas que a conheceram. Deveria ser apenas uma mulher pobre e lavadeira de roupas, como tantas outras, mas com o diferencial que usava suas poucas instruções escolares para ganhar a vida alfabetizando crianças. Ao meu ver, as palavras do jovem criador do orkut de São Rafael demonstram a elaboração de uma nova imagem em torno da memória de Elisabeth: a mulher revolucionária que, perseguida pelas elites, escolheu a cidade de São Rafael como morada, tornando-se professora. Sua presença em solo rafaélense é hoje motivo de orgulho.

No trabalho de perscrutação das potencialidades de São Rafael, feito através do seu perfil no orkut, podemos encontrar também uma preocupação em destacar a riqueza paleológica de sua região. Num álbum intitulado “Nossa Pré-História”, algumas gravuras, devidamente acompanhadas de um pequeno texto, têm o papel de informar sobre animais que compunham a megafauna existente naquela área há milhares de anos. Ampliando esse repertório, encontramos também um vídeo em que pesquisadores da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte realizam escavações nas serras pertencentes ao município e estudam as inscrições rupestres<sup>20</sup>.

Como não há uma linha que demarque fronteiras entre o passado, o presente e o futuro, é no intercruzamento dessas temporalidades que avaliamos a nossa trajetória de vida e elaboramos os projetos para seguir a nossa jornada, mesmo que ainda não saibamos quais os obstáculos que

---

20 É importante acrescentar que essas serras, sobretudo Lajea Formosa e Serra Branca, também são apresentadas, no *orkut de São Rafael*, como oportunidades de geração de renda por meio do turismo ecológico e de aventuras, daí um farto volume de fotografias divulgando suas belezas naturais.

encontraremos no decorrer da nossa caminhada.

Como afirma Prigogine, “as decisões humanas dependem das lembranças do passado e das expectativas de futuro” (2009, p.11). Também seguindo esse raciocínio, Morin destaca que é ao se encontrar com o seu passado que o homem encontra a energia para enfrentar o presente e preparar o futuro. Como todo humano, irrigamos a nossa vida por meio da “circulação incessante entre o passado, no qual reafirma a identidade ao restabelecer o elo com os ascendentes, o presente, quando afirma suas necessidades, e o futuro, no qual projeta aspirações e esforços” (2006, p. 77).

Essa digressão é necessária para compreendermos as marcas do passado no presente dos rafaélenses e como eles elaboram o seu passado com a compreensão que têm do seu presente. O futuro, apesar de incerto, pois está sujeito às bifurcações – se quisermos usar um termo muito caro a Prigogine –, é projetado com a força que têm o passado e o presente nas suas vidas. Daí o porquê da preocupação em arquivar e preservar a sua memória. Sem uma memória, reconstruída ininterruptamente no presente, não há passado; sem ele, perdemo-nos no labirinto do presente e, se não temos um desenho dele, não podemos esboçar um futuro.

Histórias relacionadas ao passado daquela cidade, especialmente o fato de ter desaparecido sob as águas de uma barragem, causam interesse não apenas às pessoas que têm ali as suas raízes. São histórias que nos convidam à imaginação. Conforme Pessotti (1996), o deslumbramento pelo passado nos é transmitido desde as primeiras historinhas da infância. Para esse autor, se os fatos acontecidos em tempos distantes causam-nos mais fascínio que aqueles ocorridos no presente, isso se deve porque a realidade presente impõe-se como fato, em toda a sua realidade, em toda a sua objetividade, e, assim sendo, ela impede a fantasia, o prazer lúdico de imaginar. “Se o passado imaginado ou histórico nos encanta, é porque ele não existe mais: não está aqui, não existe agora. Não é realidade; não é, a rigor, fato. É registro, história”. Enquanto isso, o episódio presente “é a realidade com toda sua força a impor-se a nós, pelo simples fato de existir, sem que a subjetividade possa de algum modo alterá-la, mudá-la no rumo do belo e do prazer; ou na direção dos desejos, conscientes ou não, de cada um” (1996, p. 70).

Dando continuidade ao seu raciocínio, Pessotti afirma que o passado fascina porque está sob controle, enquanto o presente, não. “O presente

se impõe e escapa do nosso controle, ele nos controla. Por isso é quase sempre desafio. É risco. Um risco que o passado não traz. O passado não assusta, não ameaça” (1996, p. 70-71).

Pessotti considera que os artefatos deixados pelo homem, como velhas fotografias, restos de cerâmica ou ruínas, são “restos reais e presentes, de eventos ou pessoas que são, agora, irreais e ausentes. (...) Diante do passado histórico, já não é fantasia que nos encanta, mas o que dele restou e que é permanente e real. Continua real, mas não é presente” (Idem, p. 71).

Com base nas considerações de Pessotti, podemos compreender o porquê de nossa emoção quando nos defrontamos com um objeto do passado. Ao tocá-lo, nos sentimos como que “entrando” no passado através dos seus resíduos. É o que sentimos também quando visitamos lugares que marcaram a nossa vida ou que entraram para a história da humanidade.

O passado parece tranquilizar os humanos, pois o que nele houve de mau já é passado. Eis porque, em São Rafael, depois de lamentar as perdas que teve com a construção da barragem, um entrevistado me disse: “mas já passou”. Nos relatos do passado dessa cidade, mesmo que os imprevistos e as dores tenham existido, eles já se acabaram e se aquietaram. Agora, nos discursos sobre um passado remoto, reinam a paz e a serenidade próprias dos “tempos bons”, onde se era “feliz e não sabia”. O passado tornou-se um lugar seguro, um refúgio, livre das incertezas e dos percalços do presente e dos temores quanto ao futuro.

Em face dessa idealização do passado, o *orkut de São Rafael* é também um espaço de divulgação de vídeos e textos do poeta paraibano Jessier Quirino. Sobre isso, o criador desse orkut disse-me entrevista:

*Eu acho aquelas poesias muito descritivas e às vezes eu quero até relacionar [com São Rafael]. “Parafuso de cabo de serrote”<sup>21</sup> é perfeita. Eu não vi a mercearia do meu avô, mas me senti na própria. Como eu*

---

21 “Parafuso de cabo de serrote” é o título de uma das poesias de Jessier Quirino disponibilizada no perfil de São Rafael. Nesse poema, o poeta descreve uma casa comercial, popularmente conhecida como “bodega”, muito comum no passado de cidades do sertão nordestino. Outra poesia de Jessier também divulgada nesse perfil é “Vou-me embora pro passado”, na qual o passado é apresentado com toda a sua harmonia e pureza, longe dos problemas do presente.

*gosto muito de literatura, eu absorvo praticamente tudo o que ele fala, porque cada palavra tem a sua importância naquela poesia. Depois eu quero fazer um vídeo usando a poesia de Jessier com fotos de lá de São Rafael que é para as pessoas sentirem quando levar em consideração o som, levar também a imagem que é mais marcante. Pegando a poesia “Parafuso de cabo de serrote” e ir já colocando as imagens de São Rafael, as pessoas vão receber mais mastigadas as informações.*

No orkut, os amigos de São Rafael expressam as emoções advindas de um “mergulho no tempo”, de uma “volta ao passado” proporcionado pela grande disponibilidade de fotos e de outros tipos de imagens. Muitas vezes, nesses depoimentos deixados, o ressurgimento de imagens de momentos felizes vem acompanhado de tristeza, a qual é resumida numa palavra exaustivamente repetida: saudade.

*Saudades do banho no rio, brincando de galinha gorda... dos banhos de chuva nas bicas de Chico Vicente, de ficar sentada na calçada conversando com os vizinhos, da feira (pra mim, a segunda-feira era o dia de um grande evento). Hoje fecho os olhos e percorro nossa São Rafael desde o mata-burro do seu Farias. Vou visualizando casa por casa (é incrível como, quando somos jovens, o que a nossa mente registra não conseguimos apagar). Hoje não só a cidade velha já não existe, como também muitos daquela gente boa e simples já não vivem mais. Amo a velha São Rafael!*

*Oh, minha querida São Rafael! Porque te amo tanto? Pelas belezas que nos proporciona, pelo povo lindo e hospitaleiro que tens, pelas belas recordações dos belos recantos que muitos não chegaram a conhecer (digo, nossa antiga São Rafael). Quanta saudade do sítio que eu nasci, da Pindoba e Mazagão, dentre tantos outros. Minha vida de estudante em São Rafael, tudo é saudade: dos amigos de infância, do*



*Tristão de Barros [escola], do coreto da pracinha, da difusora, da mais bela voz. São tantas recordações que não posso enumerar, só lembrar com muita saudade e carinho. Cada vez que entro nessa página [orkut da cidade] me delicio com o belo trabalho deste jovem amigo que nos faz sonhar através das imagens. Somos privilegiados. Sabe, às vezes bate uma saudade... e pra amenizar venho aqui e me delicio com esse trabalho. Quantas coisas boas vivenciei! Hoje, mesmo distante, porque quase não a visito, porque às vezes tomamos rumos que nos distanciamos do que amamos, recorro com muito carinho.*

*Confesso que fiquei emocionado, não aguentei e chorei com essas fotos, que é uma história linda que está acabando. Aos 2 anos eu fui morar em São Rafael e fiquei até os 8 anos. Foi o tempo mais feliz da minha vida. O colégio, minha avó, minha bisavó, era tudo lindo e hoje vejo a cidade sendo sugada pelos governantes, muitos sem postura nenhuma.*

*Não sei quais foram os motivos que nos separaram. Até hoje isso não foi explicado, talvez seja por isso que essa saudade dói tanto. A triste certeza é de que não fizeram nada pra evitar tamanha covardia. Queria gritar, explodir essa angústia, mas ela se resume em um choro, onde ódio e tristeza se misturam. Queria lhe procurar, mas não posso, queria que houvesse uma maneira de erradicar essa lembrança da minha vida, queria poder voltar ao passado, mas esse desejo é o mesmo que tentar agarrar o sol... Saudades da minha velha São Rafael.*

*Quero parabenizar o criador desse riquíssimo documentário e dizer que somente uma pessoa de muita visão e sensibilidade seria capaz de buscar todas essas saudosas lembranças para que nós, nativos, tenhamos, através de suas páginas e álbuns, a alegria de rever a terra em que nascemos e*

*vivemos, e a tristeza do que perdemos. É impossível rever todas essas fotos, paisagens e pessoas sem que não corra levemente no rosto do coração e nos olhos da alma uma leve lágrima que seca com o vento da saudade.*

*Esse rio povoa minhas mais remotas lembranças de criança, onde a liberdade e o prazer de ser livre eram só vividos, nunca sentidos, afinal era muito pequeno para medir aquela felicidade. Hoje, olhando para o passado e vendo essas fotos sei que tudo, por mais que pareça, não foi um sonho, está ali vivo na lembrança da alma de uma criança que ainda teima em viver em mim toda vez que vou a São Rafael. Achei que nunca mais veria essas ruas... Que saudade! Nos rochedos à beira do rio, lembro de minha avó sentada lavando roupa e batendo na roupa com um pedaço de pau... enquanto isso, eu pescava piabas com aquele saco de bolachas da padaria de Daniel cheio de farinha no fundo!!! Era muito bom!!!*

*Olhando essas fotos, parece que tá tudo lá, do mesmo jeito... As ruas, parece que estou andando nelas... sinto até o cheiro de São Rafael velha. Era uma mistura de cheiro de pão assando... cheiro de bolacha preta que meu tio fazia... até hoje não encontrei ninguém que faça igual. Lembro do cheiro do rio, da roupa que as mulheres lavavam, dos dias de chuvas, das festas, das políticas... E o dia de domingo quando a gente se arrumava pra ir visitar os parentes e amigos, as missas... É por isso que eu canto: "eu me lembro com saudade o tempo que passou, o tempo passa tão depressa, mas em mim deixou jovens tarde de domingo, tanta alegria, velhos tempos, belos dias, o que foi felicidade, me mata agora de saudade, velhos tempos, belos dias".*

A emoção e a poesia povoam as palavras dos rafaélenses. Por sua beleza poética, destaco a seguir os textos escritos por uma rafaélense que

hoje vive muito distante da sua terra natal.

*À medida que envelhecemos, o lugar onde vivemos quando criança vai deixando marcas em nós. A saudade chega a doer. Lembrar de pequenos detalhes daquela época que o tempo se encarregou de colocar na caixinha de lembranças de cada um que viveu nessa pequena e adorável cidade. Lembro do antigo grupo escolar Tristão de Barros onde conheci pessoas que aprendi a amar e que já não fazem mais parte da minha vida, e outras que continuam fazendo. Pena que a infância e a adolescência passam rápidas e logo nos tornamos adultos, maduros e consequentemente envelhecemos. Minhas lembranças me transportam à antiga São Rafael, saudades que permanecem em mim dos banhos de chuva, banhos de rio e de açude. Ainda sinto o gostinho dos suspiros de Luiza de Santos. Que delícia eram aqueles suspiros.... As festas de São João, festas da Padroeira... Sinto saudades, saudades não é só sentir falta, pois o vazio é o que nos dá a sensação de falta, de que algo ou alguém já é, assim sendo, deixa-se a marca indelével do não ter. Sentir falta então, vem marcado com a característica do ter e estar distante.*

Noutra ocasião, a mesma senhora postou o seguinte texto:

*Saudades! A gente tenta lidar, de uma forma ou de outra, com os percalços da caminhada e descobre sempre uma alternativa para driblar os inconvenientes que surgem, desacomodando a vida. Uma decepção, um desencanto, uma perda, um dissabor. Tudo isso e muito mais, o tempo consegue apagar, silenciar, dissipar. O passar das horas no relógio da existência tem um efeito balsâmico e reparador. É medicamento eficaz que ajuda na convalescença de enfermidades variadas. Porém, existe uma contra-indicação: é inútil tentar usar o tempo para combater a saudade. Saudade é imune*

*à ação do tempo. Aumenta na medida em que os dias passam e extrapola para além dos limites dos anos. Existem saudades antigas e saudades novas. Saudades de perto e saudades de longe. Saudade de antes e saudades de sempre. Saudade de cadeiras nas calçadas em fins de tarde... Saudades dos amigos de infância... Saudade da noite plena de estrelas, saudades da família... Saudades da minha cidade... São Rafael...*

Por meio de contatos que tivemos por e-mail, ela me diz: *Ter a sua cidade no orkut é oferecer um cartão de visitas 24 horas por dia. É estreitar os laços com pessoas que estão distantes. É lembrar um pouco o passado. Na realidade, ele tem me proporcionado muitas alegrias. A primeira foi quando o descobri. Passei horas passeando pela minha cidade, mesmo que seja virtualmente. Nele pude lembrar um pouco da minha infância, minha juventude, amizades, amores vividos e perdidos. Etapas de vida que guardamos para sempre na memória.*

Para Albuquerque Jr., a saudade, mesmo que pareça um sentimento universal e inerente à espécie humana, na verdade define-se histórica e culturalmente, pois nós, humanos, não sentimos saudades das mesmas coisas. “Cada tempo tem suas saudades, e nem todos os povos valorizam esse sentimento ou dão a ele o mesmo conteúdo ou sentido” (2006, p. 118). Saudade para ele é:

*uma felicidade triste que nasce do encontro fugidio com uma lembrança, é o prazer nascido do fugaz contato com um objeto de desejo que se torna presente por instantes, mas que já vem com o perfume de sua morte anunciada, de seu retorno ao tempo do qual emergiu. A saudade é o experimentar de um gosto que traz desgosto iminente, por isso pode tornar-se vício (...) que pode ser combatido em nome da saúde moral. (2006, p. 120-121)*

Acompanhados desses sentimentos, os rafaélenses deixam os seus testemunhos no *orkut*. O reencontro com o passado, proporcionado pela

visualização das imagens da antiga São Rafael, causa-lhes uma “felicidade triste”, um sentimento ambíguo proveniente do prazer de rever pedaços de suas vidas e de sua antiga cidade, congelados pela lente de uma câmera. Por fazerem uma projeção positiva do passado, como não se lamentar depois da constatação de que tudo está perdido no tempo, um “tempo bom”, onde “era tudo lindo”?

Aprez-lhes reviver um tempo idealizado, o tempo de uma “história linda”, mesmo que seja por instantes, pois, logo em seguida, constata-se que voltar a esse tempo é tão impossível quanto “agarrar o sol”. Para outros, a lembrança “chega a doer” e talvez doa ainda mais a verdade de que é impossível livrar-se dela, extingui-la, pois ela está lá como uma ferida que não cauteriza. Eis aí a saudade como a manifestação de um trauma, de um “adocimento da alma”, conforme a sua acepção no português arcaico. Para alguns indivíduos, as lembranças, afloradas pelas imagens atormentam, pois é como reviver um filme em cujo drama eles são os protagonistas.

O saudosismo parece nascer como resposta à angústia diante das mudanças que alteraram a ordem social, destruindo lugares, valores e meios de sobrevivência. Mesmo que na velha cidade fossem reproduzidas as disparidades sociais, por meio de uma injusta distribuição da renda e da exploração dos recursos naturais, o fim desses recursos, quando da chegada da barragem, significava também problemas para os mais pobres, visto que perdiam uma possibilidade de emprego e renda, restando-lhes agora partir para áreas mais distantes em busca de terras para um roçado ou de outro tipo de trabalho, como alguns assim relataram em entrevistas que realizei na cidade.

De olhos fechados, os rafaélenses revisitam espaços da velha São Rafael (mata-burro, praça, calçadas, sítios, rio, etc.) e suas sociabilidades (brincadeiras, conversas, festas, passeios, etc.). Parafraseando Bachelard (2008, p.19), esses sujeitos, nesses momentos fortuitos, ressuscitam os “espaços louvados”, reencontram-se com a “concha inicial”, vivem os lugares “com todas as parcialidades do coração”.

É assim que, contraditoriamente, deseja-se com veemência a passagem do tempo como um antídoto contra o sofrimento, ao passo que se pretende adquirir o consolo da alma através da reminiscência. A saudade não se limita apenas ao reconhecimento dos espaços vividos e idealizados, mas também deixa extravasar os sentidos pelos quais nós, humanos, somos dotados.

Muitas paisagens sonoras, táteis, olfativas e gustativas são construídas nos relatos dos rafaélenses. Sem a pretensão de inventariá-las, poderíamos destacar duas descritas por ex-moradoras da velha São Rafael. Uma delas afirma que se lembra do “gostinho dos suspiros” (um doce feito de claras de ovos batidas com açúcar) que comia na sua cidade de origem. Outra, num exercício de imaginação poética, diz que a sua velha cidade tinha “cheiro de pão assando... cheiro de bolacha preta”.

Ora, se o passado é algo que merece ser valorizado e conservado para que, assim, possa ser mantido salvo do esquecimento, nada mais natural que surja e se intensifique uma preocupação com a criação de um museu para a cidade, como vimos em páginas anteriores. Enquanto ele não vem, o *orkut de São Rafael* tem desempenhado esse papel, tornando-se um lugar de memória, onde busca-se salvar o que ainda resta de uma cidade que foi tragada pelo desenvolvimento.

# MEMÓRIAS REJUVENESCIDAS

Antes da popularização da internet e, como efeito dela, da disseminação das redes sociais on line, unindo milhões de pessoas numa teia de muitos fios e de muitos nós, era impossível criar um agrupamento tão grande de indivíduos que, transcendendo as distâncias, têm conversas informais e lembram fatos do passado, a exemplo do que ocorre no Orkut de São Rafael. Certamente, é por essa capacidade de unir que a internet é considerada por Castells como o “tecido de nossas vidas” (2004, p. 15).

A colaboração intelectual entre as pessoas, característica que sempre esteve presente nas sociedades humanas, foi potencializada pelas tecnologias do virtual. No passado, as possibilidades de interação entre os sujeitos eram dificultadas devido à carência de meios tecnológicos que facilitassem esses contatos. Todavia, com o advento da internet, a interatividade, uma possibilidade muito antiga, tornou-se de tal forma exequível que, hoje, contatamo-nos, para os mais diversos fins, com uma rapidez nunca antes vista ou imaginada. Em face disso, Pierre Lévy (2002), ressalta a importância da internet como ferramenta para o desenvolvimento humano, uma vez que ela permite e estimula a sociabilidade, a troca de ideias, a cooperação intelectual, o estabelecimento de vínculos.

Se um galo só não tece uma manhã, como afirma o poeta João Cabral de Melo Neto, também um homem só não se constrói. Ele precisa, antes de qualquer coisa, dos seus semelhantes. Ele necessita *pertencer*, como afirma Cyrulnik: “não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém” (2007, p. 79). Adiante, o referido autor reflete: “o paradoxo da condição humana é que só é possível tornar-se si mesmo sob a influência dos outros. O homem só não é um homem” (Idem, p. 97).

É também em grupo que reconstruímos nossa memória, traçamos os nossos destinos, tecemos uma manhã. Os narradores de São Rafael lembram a sua antiga cidade em seu grupo de pertença. Para isso, fazem despertar de um longo sono as fotografias guardadas há muito tempo num álbum, num fundo de gavetas, num guarda-roupa, numa caixa ou num saco plástico. Antes relegadas ao esquecimento, portanto, envelhecidas,

descoloridas, amassadas ou rasgadas, elas agora ganham vida nova: são rejuvenescidas, graças a um tratamento digital, desamassadas, coladas, escaneadas e, finalmente, expostas para todos aqueles que se interessarem em vê-las. A partir de tais possibilidades, as imagens não mais estarão congeladas no tempo, mas, sim, devidamente formatadas e armazenadas em computadores. Aos poucos, esses fragmentos de vidas transformam-se em fontes de recordação e emoção, mas também de informação, haja vista que toda fotografia é um resíduo do passado, um registro visual que traz um inventário de informações acerca de um espaço/tempo retratado.

Como observa Kossoy (2007), nessa nova fase de suas vidas, as fotografias aguardam por sua nova condição de *documentos/representações*, porém, já em outro estágio de suas trajetórias: a fase da *reciclagem*, momento em que se controlam eficazmente a memória e a história. “Trata-se das novas memórias, que remetem a histórias com um novo marco zero, a passagens de glórias e sucessos, de hierarquias e obediência, de informações e deformações, de silêncios e paisagens áridas” (2007, p. 143).

Na mesma obra, em páginas adiante, Kossoy resume a função da imagem fotográfica para o nosso diálogo com o passado:

*As imagens revelam seu significado quando ultrapassam sua barreira icográfica; quando recuperamos as histórias que, em sua forma fragmentária, trazem implícitas. Através das fotografias aprendemos, recordamos, e sempre criamos novas realidades. Imagens técnicas e imagens mentais interagem entre si e fluem ininterruptamente num fascinante processo de criação/construção de realidades – e de ficções. São essas as viagens da mente: nossos “filmes” individuais, nossos sonhos, nossos segredos. Tal é a dinâmica fascinante da fotografia, que pessoas, em geral, julgam estáticas. Através da fotografia dialogamos com o passado, somos os interlocutores das memórias silenciosas que elas mantêm em suspensão. (2007, p. 147)*

As fotografias rejuvenescem a história, mantêm a vida coletiva e a individual. Elas agora não são mais apenas registros de uma época, mas



também documentos que suscitam representações sobre o passado. No que diz respeito ao orkut de São Rafael, elas contam histórias de um tempo que deixou saudades e, mesmo que tenham limites, cumprem o papel de “salvar” a memória da velha cidade sob o risco de aniquilamento ao longo das décadas e das gerações.

Edgar Morin, ao agradecer a criação de um site em sua homenagem pelo SESC de São Paulo, assim se expressa nesse espaço virtual: “agora, diferentemente de Dorian Gray, de Oscar Wilde, posso envelhecer em paz, pois minha obra vai se rejuvenescer para sempre na Internet”. Lembra, em seguida, que “tudo o que não se regenera acaba se degenerando. Tudo o que se encontra em estado nascente é apaixonante: um amor, uma revolução, uma infância. Mas tudo tende também a degenerar, a enrijecer, a esclerosar-se, a degradar-se, a morrer”. Morin observa que a grande lição que a organização viva nos dá é que ela é capaz de *regenerar-se* trocando as moléculas e as células do corpo que se degradam por moléculas e células que o regeneram. (MORIN, 2001b)

Em *O Método 2* (2005b), ao discutir um dos princípios essenciais do seu pensamento, a auto-organização dos sistemas complexos, Morin alerta para a necessidade de compreendermos o prefixo *RE* como um paradigma. Para ele, toda reorganização permanente é, ao mesmo tempo, regeneração permanente e recorrência. Assim, a raiz *RE* aparece em um grande número de termos que emprega: reorganização, recorrência, repetição, renovação, restabelecimento, regeneração. Tomando como exemplo o organismo humano, ele explica:

*Cada palpitação cardíaca, cada sopro pulmonar constituem simultaneamente nutrição e desintoxicação, isto é, regeneração, a qual permite a reorganização permanente à escala celular/molecular e, sem esta regeneração/reorganização, o corpo começaria irreversivelmente a sua decomposição. Isto significa que essa maravilha de invariância e de estabilidade que é o organismo deve ser em cada instante recomeçada, e depende de um processo cíclico reiterativo, repetitivo, regenerador, reorganizador. (2005b, p. 374)*

Embora tome como base o organismo humano, Morin considera que “o

nosso próprio espírito não é um ilhéu de estabilidade; nos turbilhões do RE todas as ideias, estratégias, representações, devaneios, sonhos, necessitam da rememoração; todo o fenômeno de consciência necessita de um retorno subjetivo/objetivo sobre si” (2005b, p. 375, grifo meu).

Esse pensador francês destaca que, enquanto a repetição é a categoria mais geral relativa ao RE, a recorrência é a sua categoria mais rica, pois “é ela que dá à repetição a dimensão não só aditiva e multiplicadora, mas, sobretudo, genésica e formadora” (2005b, p. 378). Todavia, ressalta que não é possível conceber o RE como uma mera repetição à maneira das máquinas artificiais, que reproduzem o mesmo à imagem de um protótipo. Ao repetir, abre-se sempre a possibilidade do rejuvenescimento, da regeneração. Assim, se tudo caminha para a deriva e a dispersão, o RE ressuscita, infatigavelmente, fragmentos do passado perdido, recomeça a história de vida, transforma dispersão e deriva em disseminação e diversificação, transforma, eventualmente, o novo em repetitivo, e renova a repetição evoluindo (MORIN, 2005b, p. 385).

Considerando tal argumento, saliento que o orkut de São Rafael cumpre hoje um duplo papel que se apresenta imbricado, interdependente: ao passo que essa ferramenta potencializa uma inteligência coletiva, por meio da cooperação, da troca de ideias e de sua reconstituição por meio de narrativas visuais, ela também regenera, repara, reproduz, restaura, reorganiza, renova a memória de uma cidade que desapareceu em meio às águas da barragem Armando Ribeiro Gonçalves em princípios da década de 1980. Aqui destaco as palavras de Morin em O Método 2: “o regresso do antigo não é senão o ressurgimento da renovação” (2005b, p. 381).

Os rafaélenses contam às novas gerações suas histórias de vida através da oralidade, da escrita e da informática, ou seja, do que Pierre Lévy denominou de “os três tempos do espírito” (1997). Na teia tecida entre os sujeitos, no tempo da informática, entrelaçam-se as narrativas orais e escritas, denunciando o quanto é falsa a concepção dos que demonizam a mídia, acusando-a de ser refratária aos relatos orais de memória ou sua aniquiladora.

Para o autor, a humanidade dispõe de um extraordinário instrumento de memória e de propagação das representações que é a linguagem, a qual, em conjunto com a técnica, contribui para produzir e modular o tempo.

*Seja nas mentes, através de processos*

*mnemotécnicos, no bronze ou na argila pela arte do ferreiro ou do oleiro, seja sobre o papiro do escriba ou o pergaminho do copista, as inscrições de todos os tipos – e em primeiro lugar a própria escrita – desempenham o papel de travas de irreversibilidade. Obrigam o tempo a passar em apenas um sentido; produzem história, ou melhor, várias histórias com ritmos diversos. (LÉVY, 1997, p. 76, grifo do autor)*

Coletividades pensantes, compostas por homens e coisas são formadas, ensejando uma ecologia cognitiva, sobre a qual Lévy observa:

*A inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas onde interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. Não sou “eu” que sou inteligente, mas “eu” com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e técnicas intelectuais (dentre as quais o uso da escrita). (...) Fora da coletividade, desprovido de tecnologias intelectuais, “eu” não pensaria. O pretense sujeito inteligente nada mais é que um dos micro atores de uma ecologia cognitiva que engloba e restringe. (1997, p. 135)*

A inteligência coletiva é a memória, o aprendizado, a percepção, enfim, as funções cognitivas distribuídas em grupo, explica Lévy em uma conferência (2002). “A partir do momento em que essas funções são aumentadas e transformadas por sistemas técnicos (...) elas poderão ser mais facilmente partilhadas.”

Pode-se considerar que a ecologia cognitiva necessita, dentre outros aspectos, de um olhar mais acurado. É assim que Dantas alerta para o saber olhar, tema discutido na sua tese sobre fotografia e complexidade. Para ela, longe do simples registro do passado, “a fotografia pode ser entendida como uma escola de experimentação estética, de projeção do sujeito, uma escola da complexidade humana” (2003, p. 26). Ao seu ver, saber olhar é condição básica para que isso ocorra.

Para muitos rafaélenses, residentes ou não em São Rafael, o uso da internet para expressar suas sensibilidades e construir-se coletivamente, tendo como base a memória, configura-se numa prática comum, mesmo que muitos não tenham consciência disso ou não o façam com esse objetivo. Basta observarmos o grande número de participantes do orkut de São Rafael e de contatos mensais.

De acordo com o criador do orkut de São Rafael, apesar de a ideia de construção ter partido dele, o trabalho que desenvolve é coletivo. O estímulo à produção de uma inteligência coletiva fica evidente nas mensagens que ele destina a todos os que acessam aquele orkut: “Gente, participem de nossas discussões e colaborem com assuntos a serem abordados, pois só assim poderemos pensar juntos!” (sic).

Há, é certo, rafaélenses que poucas vezes acessaram o orkut da sua cidade para ver ou disponibilizar fotos ou ainda para escrever comentários. Porém, também não é menos verdade que o orkut é uma rede social on line capaz de potencializar a construção de uma memória coletiva de São Rafael, pois, da mesma forma como se costura uma colcha de retalhos, as trajetórias existenciais de centenas de sujeitos – expostas por meio de fotografias, vídeos, comentários e depoimentos – vão, aos poucos, formando uma longa história de um cotidiano marcado por momentos de prazer, de descontração, de trabalho, de lutas, de resistências, de lágrimas...

A memória, ao contrário do que se possa pensar, não se reduz apenas ao ato de recordar. Poderíamos dizer que memória é a aquisição e o armazenamento de informações por meio de nossas experiências cotidianas e as de outrem. Essas informações são evocadas através de reminiscências e lembranças. Portanto, a memória se caracteriza pela aquisição de um aprendizado; por ter uma dimensão individual e coletiva; por reafirmar as identidades, mesmo que estas estejam sempre em construção; e por selecionar e planejar o que pode ser lembrado e/ou esquecido.

Certamente, no orkut de São Rafael – como de resto em qualquer outro espaço onde se pretenda expressar a memória – há seletividades, esquecimentos e silêncios. Ali, como noutros suportes, nem tudo fica gravado, nem tudo pode ser dito ou registrado. O que, como e quando relatar não depende apenas do narrador, do lugar que ele ocupa, dos momentos felizes ou infelizes vividos, mas ainda daquilo que convém ao seu grupo social, ao contexto histórico em que está inserido, à memória que se quer construir. Portanto, lembramos o que nos é possível e selecionamos

resíduos do passado que precisam ser salvos do desgaste do tempo, da degeneração e da morte.

É assim que, aos poucos, as lembranças permitem o surgimento de histórias de vidas, e mesmo que algumas delas nunca sejam publicadas, nem por isso, estarão impedidas de ser lembradas no íntimo de alguns sujeitos. São diversas histórias que, à semelhança das bonecas russas, as matrioshkas, encaixam-se umas nas outras e têm o dom de ensinar, de rememorar, de apaziguar, de elevar, de curar, como ensina Estés. Para ela:

*Nos tempos atuais, há uma necessidade de uma independência vigorosa entre os indivíduos, o que é bom. No entanto, com frequência, ela é mais propiciada e apoiada em grande parte pela interdependência deliberada com uma comunidade de outras almas. Há quem diga que a comunhão se baseia em laços de sangue, às vezes ditada pela opção, às vezes pela necessidade. E embora isso realmente seja verdade, o campo gravitacional imensamente mais forte que mantém o grupo coeso está nas suas histórias... as histórias comuns e simples compartilhadas pelos seus membros. (1998, p. 37-38)*

A relação íntima existente entre a memória individual e aquela elaborada pelo grupo é assinalada pela literatura sobre esse tema. Michel Pollak, por exemplo, fala de um controle da memória coletiva através do que ele denominou de “enquadramento da memória” (1989; 1992). Já Maurice Halbwachs, no seu clássico *A memória coletiva* (2006), argumenta que “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós.” (2006, p. 30, grifo meu)

Creio que não seria demais acrescentar como Edgar Morin se posicionou quanto à relação entre a memória individual e a coletiva:

*Desde o seu nascimento, o ser humano conhece não só por si, para si, mas, também, pela sua família, pela sua tribo, pela sua cultura, pela sua sociedade, para elas, em função delas. Assim, o conhecimento de um indivíduo alimenta-se de memória biológica e de memória cultural, associadas em sua própria memória, que obedece a várias entidades de referência, diversamente presentes nela. (2008c, p. 21)*

Embora estejam na intimidade dos seus lares, é em grupo que os visitantes do orkut de São Rafael veem fotografias de espaços que construíram e que serviram de palcos para a encenação do teatro de suas vidas. Graças a esses registros de suas experiências de vida, os rafaélenses lembram, coletivamente, da praça, da difusora, dos shows de calouros, dos flertes, da quadra de esportes, dos banhos de rio e de bica, dos bailes de carnaval no Mercaclube, dos “assaltos” realizados nas casas pelos blocos carnavalescos, das comidas, das brincadeiras, das festas juninas, dos desfiles cívicos, das missas, das procissões da padroeira, das vaquejadas, das feiras, das farturas de feijão e de batata, do rio e de suas vazantes, dos caminhões com as mudanças, das lágrimas que derramaram ao partirem sem destino, da inundação, das águas afogando a igreja...

Por um suporte incomum até há alguns anos – a internet – muitos sujeitos, residentes ou não em São Rafael, constroem uma memória coletiva dessa cidade através das imagens dos seus monumentos, da sua arquitetura, das suas paisagens urbanas e da natureza, de suas realizações, de suas emoções. Concomitante a esse fato, revelam aspectos de sua memória pessoal: retratos de casamento, de batizados, de colação de grau, de reuniões em família, dentre outros.

Nunca se lembram sós. Nos diversos casos em que surgem as dúvidas, logo um amigo ou conterrâneo vem lhes socorrer. Assim, tecla a tecla, surge uma longa colcha de retalhos cujo tecido é a vida de cada um deles construída coletivamente. Fios de vidas que, entrelaçados, dão diversos matizes a uma linda tela bordada pelas mãos de Penélope, obstinada a nunca pôr termo em sua tarefa.

E aqueles que nunca estiveram na velha cidade, como poderiam lembrar-se dela? De tão envolvido na sua tarefa diária, Richardson Rodrigo

disse-me em entrevista que, mesmo sem ter vivido na antiga São Rafael (nem poderia, em face da sua idade), conhece-a quase toda “de tanto ver as fotos”. Segundo ele, “hoje, eu tenho a cidade antiga mapeada na minha cabeça. Eu imagino como se eu tivesse lá. Às vezes, eu entro e a minha imaginação vai tão longe que eu já me imagino naquele ambiente”.

Visualizar uma cidade que não existe mais, a partir dos relatos de outros e de fotografias, como nos relata o criador do orkut da cidade, assemelha-se ao que afirma Halbwachs (2006) sobre a sua experiência, sozinho, ao passear pelas ruas de Londres, quando, na verdade, segundo ele, esse trajeto solitário era apenas aparente, pois o acompanhavam as lembranças do que lhe havia dito um amigo historiador e outro amigo pintor, além das leituras dos romances de Dickens.

As palavras de Richardson também se aproximam do que Pollak (1992) denominou de acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos experimentados pelo grupo ou pela coletividade à qual o sujeito se sente pertencer. Mesmo que o sujeito não tenha participado desses eventos, no imaginário do grupo, alcançaram tamanho relevo que é quase impossível um indivíduo conseguir saber se realmente participou ou não deles. Para Pollak, “é perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada” (1992, p. 201).

A convergência de interesses entre os rafaélenses e a divulgação do orkut da cidade entre amigos explicam a sua receptividade e, portanto, o seu grande número de acesso. Pode-se dizer que ele tem potencializado inúmeros encontros e diálogos entre sujeitos que se separaram há muitos anos, em face das mudanças nos rumos de suas vidas na década de 1980. Encontros desejados, aguardados, sonhados, pois, como disse o poeta Vinícius de Moraes: “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida.” Reencontram-se não só com amigos, parentes, vizinhos, antigas professoras, colegas de escola, mas também com o ex-namorado ou namorada, com os ex-amores platônicos. Daí o porquê de muitos desses encontros serem velados e nem sempre publicados.

Mas por que o orkut de São Rafael não se restringiu ao seu aspecto lúdico, como tantas outras redes sociais? Entre tantas possibilidades de respostas, poderíamos argumentar, com base nas ideias de Morin (2001a), que ali as pessoas sentem-se estimuladas pela oportunidade de, através do

jogo, lutar contra o único fato que é certo nas suas vidas: a morte. Não apenas a morte física, mas também a morte da memória, das lembranças, do passado, da velha cidade. O medo da morte nos incita a nos manter vivos por meio de nossas criações. As artes são um exemplo disso.

Ao analisar a finalidade da memória, Meyer afirma que “lembrar, evocar, recapitular, fazer presente, trazer à vista as lembranças, o passado longínquo ou próximo, se traduz em armas primordiais contra o esquecimento” (2009, p. 33). Por conseguinte, no seu entender, o fim, o objetivo da memória e da história seria dar sentido às nossas vidas e lutar permanentemente contra o esquecimento, pois, caso isso ocorra, perderemos o nosso rumo.

A empatia e o amor à terra natal são o cimento que une muitos rafaélenses no orkut de sua cidade. Conforme relatou o criador do orkut de São Rafael, os seus conterrâneos, no início, não apenas se comoviam ao verem as fotos da sua antiga cidade, mas também se sentiam motivados a enviar mais fotos para serem publicadas. Esses registros, por sua vez, estimulavam o encaminhamento de outros tantos em seguida, pois, como ele afirmou, isso “mexe com o emocional das pessoas”. Richardson acredita que esse trabalho, ao ser desenvolvido coletivamente, faz com que esses sujeitos se sintam “mais rafaélenses” e “mais valorizados como pessoas”.

“Sentir-se mais rafaélense”, ou seja, pertencer a São Rafael, significa, como observa Cyrulnik (2007, p. 81), orgulhar-se por ocupar um lugar físico, afetivo, psicológico e social. Esse orgulho é importante porque facilita a construção da identidade, para a qual tudo pode contribuir, pois “no nosso universo, tudo é significativo” (2007, p. 94).

Ao propiciar esses momentos de devaneio, o orkut da cidade exerce uma de suas funções para a qual foi criado, segundo as palavras de Richardson Rodrigo em entrevista: ele sacia a fome de memória, de lembranças e de história de uma população. Inebriadas pelas imagens, muitas pessoas sentem o doce sabor de uma volta momentânea ao passado e o amargor do retorno à realidade vivida. Quer-se “tocar na imagem”, entrar nela, usá-la como portal para um tempo idealizado pelas memórias. Outros choram, confessam a sua dor em um e-mail enviado ao criador do perfil. Contudo, tomam o cuidado de pedir sigilo, afinal, o choro ainda é uma manifestação de emoção que muitos homens não se orgulham de sentir.

As manifestações de saudades nos relatos de vida dos rafaélenses expressam o dialogismo e a ambivalência desse sentimento. Ele é doce



e amargo, causa felicidade e tristeza, apaziguamento e aflição, prazer e dilaceramento, amor e ódio. A saudade tornou-se, nos discursos e nos textos, a linha com a qual é bordada a identidade rafaélense: por meio dela, faz-se uma leitura do tempo e da história, reconstroem-se os espaços, posiciona-se diante do presente e projeta-se o futuro.

Para Albuquerque Jr., o par saudade e história é assim definido:

*Saudade e história são corridas em busca da origem, são o encontro com a nossa própria promessa, com o fio perdido de nós mesmos, são o reconhecimento do nosso rosto feliz que havia ficado esquecido. Saudade e história são, pois, a luta incessante contra o esquecimento, contra o tempo que ameaça de ruína um ser individual ou nacional que precisava ser reencontrado em suas manifestações mais autênticas, originais e primevas. Saudade e história falam das sombras do tempo que se apoderam das coisas e dos homens e as fazem inexistir, deslocam o foco de luz do presente para buscar, entre as brumas do passado, a silhueta, apagada pelo tempo, de um ser nacional que se desviou de seu caminho, que se perdeu nas trevas do tempo. Saudade e história tornam reais o que já possuem: um halo de irrealidade; são memórias em estado puro encandecidas pelo fogo das paixões, que dão novo calor às coisas frias do passado, infundem vida no que estava morto e apenas esperava uma mão para ressuscitar. Saudade e história são formas de suspensão do presente, consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, imprimindo ao que passou existência, em substituição ao que existe. Saudade e história são filhas da imaginação, da capacidade de representar e encenar de novo o que existe, de pôr de pé os que tombaram. (2006, p. 124)*

Morin lembra a importância da rememoração: “a memória, não-regenerada pela memorização, tende a degradar-se, mas cada rememoração pode embelezá-la ou desfigurá-la” (2006, p. 21-22). A memória tem, portanto, relação direta com a educação de um povo, com a sua leitura do mundo, com a construção de um novo conhecimento.

É com base nesses pressupostos que considero o orkut de São Rafael um instrumento que potencializa a possibilidade de os rafaélenses se reconstruírem incessantemente, embora isso não ocorra de forma deliberada, planejada, arquitetada. O referido orkut tomou um destino diferente para o qual foi criado e, graças às ações humanas individuais, mas estimuladas pelo grupo, ele não se restringiu ao aspecto lúdico. Ao contrário: conseguiu reunir centenas de sujeitos que, dentre outros fins, pretendiam se reencontrar, conhecer conterrâneos, “voltar” ao passado ou conhecê-lo através das imagens, expressar as saudades incrustadas em seus corpos.

É essa memória arquivada, incrustada num site de relacionamento, que dá a muitos rafaélenses a sensação de pertencimento, de existência, de possuidores de um passado e de uma história. Como assinala Pessotti:

*Conhecer o passado significa, agora, o alívio da angústia de existir por acidente, sem razões, sem explicação. A criança adora saber como viviam seus pais e seus avós porque, ao conhecer esse passado, enxerga sua existência como parte coerente de um processo, como “fruto” dele. O conhecimento do passado, neste caso, atrai porque ordena o caos, ilumina a penumbra. Aclara o horizonte. Também o adulto (...) encontra, ao saber desse passado, explicações que lhe faltavam, significados novos para acontecimentos que pareciam incompreensíveis, respostas para perguntas que gostaria de ter feito e que não fez. Ele também busca, e acha, no passado, a resposta a incertezas, a reordenação do que não se explicava. (1996, p. 72)*

Face ao exposto, não podemos fazer previsões quanto à trajetória que percorrerá e à efetivação das muitas possibilidades que têm surgido a partir

da criação do orkut de São Rafael. O que podemos destacar, hoje, é que o seu crescimento tem potencializado uma experiência de inteligência coletiva e uma regeneração da memória da cidade, contribuindo enormemente para que ela não se transforme numa sociedade atemporal, sem memória e, portanto, sem referências. Resta saber se o orkut de São Rafael converter-se-á em uma ferramenta na qual comunicação e compreensão caminhem juntas, algo tão urgente numa época em que são cada vez mais efêmeras as relações sociais. Nesse aspecto, é bom lembrar a importância que têm as ações individuais, geralmente vistas como menores, isoladas e sem maiores resultados.

Precisamos dar luz novamente à utopia e acreditar no efeito multiplicador das pequenas ações que ampliem a possibilidade de agregar, de conviver, de conversar, de emocionar, de circular ideias e conhecimentos, enfim, de educar e de ser educado, de produzir e ser produzido, de organizar e se auto-organizar, lembrando-se aqui o princípio da recursividade do pensamento complexo.

# EPÍLOGO

Ao prestar uma homenagem à sua terra natal por meio da composição *Atlântida do sertão*, o compositor rafaense Arleno Farias fez uma alusão à torre da igreja de Nossa Senhora da Conceição, na velha São Rafael, que se mantinha erguida desde a chegada das águas da barragem Armando Ribeiro Gonçalves, em princípios da década de 1980. Num trecho da canção, ele diz:

*Sob a água tá de pé  
O palco de fé, de oração  
Valei-me São Rafael  
Todos os santos do sertão  
Sobre a água tá de pé  
O símbolo de fé, de proteção  
A igreja é divina  
Não é projeto da nação.*

A igreja, ou parte dela, “palco de fé e de oração” e “símbolo de proteção” na velha cidade, mantinha-se “de pé”. Talvez porque não fizesse parte do “projeto da nação”, uma referência clara ao Projeto Baixo-Açu, executado pelo Governo Militar. Parece que, aos olhos do artista, mesmo de longe e cercada de água, o que restava da igreja estava ali, a exercer a função de vigília e proteção dos seus conterrâneos.

Contudo, na noite do dia 16 de dezembro de 2010, a torre ruiu depois de 27 anos dentro d’água. Imergia, com ela, o último vestígio arquitetônico da antiga cidade e que atraía turistas de várias regiões em face da divulgação daquela paisagem pelo poder público municipal, integrante do Polo Costa Branca, um grupo de cidades do Oeste do Rio Grande do Norte, que visa explorar os seus potenciais turísticos.

Surpreendida com esse fato, a população lamenta até hoje a perda do seu maior patrimônio. Os jornais locais e de abrangência estadual noticiaram o fato, mas foi por meio do *orkut de São Rafael* que as expressões de sentimentos deu-se de forma mais pungente. No dia seguinte à queda da torre, encontramos esse desabafo de uma jovem estudante universitária:

*Depois de tanto tempo sem escrever, coisa que eu gosto muito, hoje eu não poderia deixar passar despercebido esse acontecimento. Ao me levantar hoje, me deparei com uma notícia, sem dúvida, chocante, ouço minha mãe falando entre choros e lamentos, com a voz trêmula: A torre da igreja desabou! Depois de ouvir essas palavras meus olhos se encheram de lágrimas, meu coração pulava inquieto, foi muito forte, inesperado eu diria! Não sei quem ouviu primeiro, se foi minha mente, meu coração ou minha alma, mas, senti, que todos reagiram instantaneamente. Uma saudade de um tempo que não era meu, mas, de um passado que por muitas se cruzara com o meu presente, e hoje eu sinto esse universo mais longe de mim. Era tão bela que a visita a ela nos deixava mais perto da antiga São Rafael. As pessoas mais velhas quando estavam diante dela era como se passasse um filme daquela época, e as lembranças surgiam fortemente, cada acontecido vinha à mente quase que em tempo real. Falar do que não vivi não é fácil, mas, convivo com pessoas que viveram naquela época, e escuto histórias, e muitas delas me emocionam. Hoje São Rafael está de luto, seus cidadãos presentes e ausentes estão de uma tristeza profunda! Uns fazem questão de demonstrar esse sentimento, outros não, permanecem frios, mas nem por isso sentem menos. Eu, particularmente sinto como se uma parte de mim, do meu passado, da minha história tivesse desabado, ido embora, a água levado. Agora mesmo, conversando com duas pessoas, uma diz: Acabou o nosso marco de recordações! A outra acrescenta: Era por ela que eu me orientava para saber os pontos da cidade velha. Mas, a torre era mais do que uma estrutura de concreto, ela tinha uma representatividade histórica muito grande para toda São Rafael, sem discriminar nenhuma faixa etária, idosos, adultos, jovens e crianças, todos sabiam dessa importância. A torre era como se a antiga cidade ainda estivesse viva nos olhos e no coração, e para quem não viveu na cidade velha a torre representava a única referência histórica para reviver aquele lugar. Eu olhando muitas vezes em sua direção me envolvia naquela história, na minha história, e juntando os pedacinhos dos relatos de vovó, do meu pai e da minha*

*mãe tentava reconstruí-la, e por incrível que pareça por muitas vezes eu conseguia, do meu jeito, com os meus fatos, eu a reconstruía. Enfim, é uma mistura de muitos sentimentos nesse momento que por hora não consigo resumir em apenas um. Só tenho a dizer que lamento muito o acontecido, mas, nossa história não deve ser esquecida em nenhum momento! A você que viveu na antiga São Rafael eu peço encarecidamente que passe essa história para seu filho, ou para quem não viveu nessa época, porque se não for assim, mais cedo ou mais tarde ficaremos esquecidos nas ruínas da torre.*

O texto da estudante resume os cerca de cinquenta depoimentos e mensagens postadas no orkut de São Rafael, num álbum devidamente criado para isso, em cuja capa encontramos uma foto da torre e uma tarja preta com as palavras: “LUTO – PROTESTEM!”

As mensagens deixadas no orkut tratam desse fato com um misto de pesar e revolta. Uns, mais incisivos, acusam de omissão os poderes Executivo e Legislativo do município, que, segundo eles, “não fizeram nada” para preservar aquele patrimônio arquitetônico. Apontam também, como culpados, os moradores e turistas que, ao visitarem a torre, agiam de forma inapropriada.

Muitos lamentam o “fim” de uma história que se achava incrustada naquela torre e que mantinha viva as suas lembranças. Não tendo como separar a história da igreja das suas histórias de vida, há quem lembre que ali viveram momentos importantes como o batizado e o casamento. Uma senhora diz que o desabamento da torre foi semelhante ao sepultamento de um ente querido, mas logo se apazigua com a finitude a que todos nós estamos condenados: “um dia todos teremos que desaparecer, até mesmo uma torre submersa de uma igreja.” Outra diz que, agora, sente-se completamente órfã de cidade, pois a presença da torre garantia ainda a existência da velha São Rafael, onde nasceu e viveu até a adolescência.

O desaparecimento da torre da igreja mudou não apenas a paisagem da “prainha”, mas foi “mais um rasgo em nossa carne”, como assim se referiu um dos visitantes do orkut. Ou seja, para muitos, o 16 de dezembro de 2010, doravante, não será mais uma data qualquer, mas uma data que reabriu uma ferida que ainda não cauterizou completamente.

Uma análise das mensagens encontradas naquele espaço virtual levamos a apreender o papel desempenhado pela torre para que aquelas pessoas se sentissem enraizadas, pois o pertencimento é uma necessidade humana. Um dos rafaélenses expressa a sua dor ao afirmar que “nós ficamos sem identidade, pois a torre era um elo entre o velho e o novo”. A torre testemunhou a existência de um “tempo bom” e a resistência da população da antiga São Rafael. Dava, aos rafaélenses, memória, identidade, estabilidade e esperança. Indicava especialmente os lugares em que viviam e que frequentavam, apesar de estes estarem cobertos pela água. Não surpreende a proposta de alguns para a sua reconstrução ou mesmo para a criação de um monumento em sua homenagem. Vale tudo para que não se apague de vez a sua memória.

Resta à população viver a dor da perda, pois ela faz parte das nossas vidas. E é assim, perdendo e ganhando, que os rafaélenses vão construindo e reconstruindo as suas histórias de vida, suas memórias, seus projetos de futuro. As experiências de vida continuarão a ser transmitidas às novas gerações pelos suportes que conhecemos e por outros que deverão surgir, presumivelmente, mais rápidos e mais eficientes que os atuais.

Continuará o orkut de São Rafael a desempenhar o seu papel de agregar pessoas interessadas em dar vida e renovar as suas memórias? Manter-se-ão em potência os diálogos, as emoções, a interatividade? Conseguirá essa rede social produzir mudanças por meio do estabelecimento de vínculos entre os filhos e netos da “Atlântida potiguar”? Seria o orkut mais um suporte criado com prazo de validade, como, aliás, quase tudo que surge nesses tempos em que vivemos? Infelizmente, não temos as respostas, pois, como afirma Wagensberg, “a coisa mais certa deste mundo é que o mundo é incerto” (2010, p. 19).

# REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Marina H.; PARENTE, Temis G. (Orgs). **História e sensibilidades**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 117-139.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Método complexo e desafios da pesquisa. In: \_\_\_\_; CARVALHO, Edgard de A. **Cultura e pensamento complexo**. Natal: EDUFRN, 2009a. p. 97-111.

\_\_\_\_. Complejidad y el vuelo incierto de la mariposa. **Visión docente conciencia**, v. 08, n. 47, mar./abr. 2009b. p. 5-20.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de P. Danesi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Trad. Julio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BONETI, Lindomar W. **O silêncio das águas**: políticas públicas, meio ambiente e exclusão social. 2 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

BORGES, Maria Elisa L. **História & fotografia**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 14 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Trad. André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Trad. Vera Maria X. dos Santos. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_. **O historiador como colunista**. Trad. Roberto Muggiati. Rio de



Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CABRA marcado para morrer. Direção de Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro. Globo Vídeo, 1984. DVD.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CARVALHO, Jô (Coord.). **São Rafael**: memória de uma cidade submersa. Natal: EDUFRN, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia internet**: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Trad. Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. Vol. 1. Trad. Roneide V. Majer. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CIDADE-FANTASMA ressurge das águas. **Tribuna do Norte**, Natal, 14 out. 2001. Disponível em: <<http://www.semarh.rn.gov.br/detalhe.asp?IdPublicacao=656>>. Acesso em: 2 set. 2010.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Trad. Maria Manuela Rocha. 2 ed. Oeiras: Celta, 1999.

COSTA, Maria R. da. **A população rural de São Rafael e o Projeto Baixo-Açu**. 1981. 58f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

COSTA, Rafael Arcanjo da. **Poética veia profética**. In: COSTA, Djalmir A. et al. (Orgs.) Natal: Líder Gráfica e Editora, 1998.

COSTA, Djalmir A. **São Rafael**: “a cidade que o progresso naufragou”. Jucurutu-RN: Gráfica S. Expedito, 2010.

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **O murmúrio dos fantasmas**. Trad. Sônia Sampaio. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Falar de amor à beira do abismo**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os alimentos afetivos**. Trad. Claudia Berliner. 2 ed. São Paulo:

Martins Fontes, 2007.

DANTAS, Eugênia M. **Fotografia & complexidade**: a educação pelo olhar. 2003. 225f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

DYER, Geoff. **O instante contínuo**. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Trad. Marina Appenzeller. 4 ed. Campinas-SP: Papirus, 1993.

ESTÉS, Clarissa P. **O dom da História**: uma fábula sobre o que é suficiente. Trad. de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FERNANDES, Ana A. **Autoritarismo e resistência no Baixo-Açu**. Natal: CCHLA, 1992.

GOMES DA SILVA, Aldenor. **A parceria na agricultura irrigada no Baixo-Açu**. Natal: CCHLA, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HISTÓRIA do Barão de Serra Branca está esquecida. **Tribuna do Norte**, Caderno Redescobrimo o RN, Natal, 30 abr. 2009. Disponível em: <[http://www.tribunadonorte.com.br/especiais/redescobrindorn/redescobrindorn\\_paginterna.php?id=150051](http://www.tribunadonorte.com.br/especiais/redescobrindorn/redescobrindorn_paginterna.php?id=150051)>. Acesso em: 14 abr. 2010.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia G. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-27.

KOSSOY, Boris. **História e fotografia**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

\_\_\_\_\_. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **Internet e desenvolvimento humano** – As inteligências coletivas. Conferência proferida no SESC-SP. São Paulo, 2002. Disponível

em: <[http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/pierre\\_levy/interna.asp?pagina=apresentacao.htm](http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/pierre_levy/interna.asp?pagina=apresentacao.htm)>. Acesso em: 19 set. 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. 5 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Solange F. de; CARVALHO, Vânia C. de. **Fotografias: usos sociais e historiográficos**. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009. p. 29-60.

MARCONDES FILHO, Ciro. (Org.) **Dicionário da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografia**. Niterói: EDUFF, 2008.

MEYER, Eugenia. **O fim da memória**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, jan./jun. 2009. p. 31-44.

MORIN, Edgar. **A suportável realidade**. Trad. Alípio de S. Filho. Cronos, Natal-RN: EDUFRN, v. 2, n. 2, p. 23-30, jul./dez. 2001a.

\_\_\_\_\_. **Edgar Morin (Site) 2001b**. Disponível em: <<http://www.edgarmorin.org.br>>. Acesso em: 5 out. 2010.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice S. Dória. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a

\_\_\_\_\_. **O método 2: a vida da vida**. Trad. Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawara. 11 ed. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: UNESCO, 2006.

\_\_\_\_\_. **As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente**. CLOTET, Joaquim; SILVA, Juremir M. da. (Orgs.) 3 ed. Porto Alegre: Sulina, EDIPUCRS, 2007.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita**. Trad. Eloá Jacobina. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008a.

\_\_\_\_\_. **O Método 1: A natureza da natureza**. Trad. Ilana Heineberg. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2008b.

\_\_\_\_\_. **O método 4: as ideias**. Trad. Juremir Machado da Silva. 4 ed. Porto

Alegre: Sulina, 2008c.

NUT-SECA DA UFRN - **Diagnóstico e proposições para reativação**. Disponível em < [http://www.nutseca.ufrn.br/relato\\_comissao/relatorio\\_completo.pdf](http://www.nutseca.ufrn.br/relato_comissao/relatorio_completo.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2010.

PAIVA, Eduardo F. **História & imagens**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PESSOTTI, Isaías. **Entre o fascínio do passado e o enigma do futuro**. Margem. n. 05, São Paulo: EDUC, 1996. p. 69-79.

PINSKY, Carla B. (Org.) **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_.; LUCA, Tania R. de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Trad. Dora R. Flaksman. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 02, n. 03, 1989. p. 3-15.

\_\_\_\_\_. **Memória e identidade social**. Trad. Monique Augras. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 05, n. 10, 1992. p. 200-212.

PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, paixão e razão**. 2 ed. CARVALHO, Edgard de A; ALMEIDA, Maria da Conceição de. (Orgs.). Trad. Edgard de A. Carvalho et al. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Simone C. **Grandes barragens nordestinas: para que(m)?** o caso da barragem Eng<sup>o</sup> Armando Ribeiro Gonçalves e as consequências para o município de São Rafael. 1996. 70f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento do Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SOARES, Eugênio P. **Taurophtongo: da natureza e da cultura**. 2002. 116f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Clésia G. **A dinâmica do mercado de terras rurais no município de São Rafael no período de 1970 a 2000**. 2001. 38f. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SOUZA, Francisco das Chagas S. **Escafandristas do tempo**: narrativas de vida e regeneração da memória em São Rafael-RN. 2010. 236f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

TEIXEIRA, Elisabeth. **Memória**. Entrevista concedida a Alípio Freire e Hamilton Pereira. Teoria & Debate, São Paulo, n. 30, nov./dez. 1995/ jan.1996. p. 31-39.

VALENCIO, Norma F. **Grandes projetos hídricos no Nordeste**: suas implicações para a agricultura do semi-árido. Natal: EDUFRN, 1994.

VARGAS, Nazira A. **História que o povo conta**: opressão e sobrevivência. Recife-PE: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1987a.

\_\_\_\_\_. **Beiradeiros do Baixo-Açu**: canto e lamento de Rafael Arcanjo da Costa. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1987b.

\_\_\_\_\_. **Barragens**: o clamor dos beiradeiros. 1991. 770f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

VISÃO de cordilheiras no alto sertão potiguar. **Tribuna do Norte**, Caderno Redescobrimo o RN, Natal, 30 abr. 2009. Disponível em: <[http://www.tribunadonorte.com.br/especiais/redescobrindorn/redescobrindorn\\_paginterna.php?id=150054](http://www.tribunadonorte.com.br/especiais/redescobrindorn/redescobrindorn_paginterna.php?id=150054)>. Acesso em: 14 abr. 2010.

WAGENSBERG, Jorge. **Pensamentos sobre a incerteza**. Trad. Simone Mateos. São Paulo: Saraiva, 2010.

**IFRN**  
*Editora* ■■■■



Francisco das Chagas Silva Souza nasceu em Pombal-PB. É licenciado em História (UFPB), mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UERN) e doutor em Educação (UFRN). Leciona no Ensino Médio Integrado e no curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Mossoró.

Desenvolve pesquisas e orientações nas áreas de educação (Formação de Professores, Educação Informal e Educação Profissional) e de História (História Oral, Memória e História da Educação). É coordenador do Grupo de Estudos “Educação e Complexidade” (GEEDUC), no Campus Mossoró, do IFRN.

É autor do livro *Escafandristas do tempo: memórias e histórias de vida* em São Rafael-RN, publicado pela Editora da UFRN (no prelo).



Este livro não pretende narrar uma história utilizando-se de documentos tradicionalmente manipulados pelos historiadores. Ele tem como principal fonte as imagens e comentários postados na rede social Orkut por uma população que luta para manter vivas as suas experiências de vida numa cidade que desapareceu. Estamos falando de São Rafael, um município localizado no semiárido do Rio Grande do Norte, condenado a submergir nas águas da barragem Eng<sup>o</sup> Armando Ribeiro Gonçalves, em princípios da década de 1980. O que significava desenvolvimento para muitos, representou o fim de uma trajetória de vida, de fontes de subsistência e de espaços de sociabilidades.

Hoje, aliando-as à oralidade e à escrita, parte da população de São Rafael vem usando as redes sociais e, pela internet, constrói e reconstrói narrativas, histórias de vida, memórias e identidades. Passados quase trinta anos, muitos resolveram substituir caneta e papel por escâner e teclado para tecer uma memória coletiva com os fios da saudade que as fotografias antigas da velha cidade trazem à tona. Eis mais uma forma de regenerar a memória e não perdê-la ao se dissipar nas brumas do esquecimento.